



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS**

ANTONIO VAZ DE MENESES

CULTURA DE FRONTEIRA BRASIL GUIANA: FESTAS

**BOA VISTA
2014**

ANTONIO VAZ DE MENESES

CULTURA DE FRONTEIRA BRASIL GUIANA: FESTAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras. Área de concentração: Sociedade e Fronteiras da Amazônia.

Orientadora: Profa.Dra. Francilene Santos Rodrigues
Co-orientadora: Profa. Dra. Ana Lia Farias Vale

**BOA VISTA
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

M543c Meneses, Antonio Vaz de.
Cultura de Fronteira Brasil Guiana: festas / Antonio Vaz
de Meneses - Boa Vista, 2014.
150 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Francilene Santos Rodrigues.
Co-orientadora: Ana Lia Farias Vale.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e
Fronteira.

1 – Antropologia cultural. 2 - Cultura. 3 – Fronteira. 4 – Festa.
5 – Cultura de fronteira. I - Título. II – Rodrigues, Francilene
Santos (orientador). III – Vale, Ana Lia Farias.

CDU – 39:316.7

ANTONIO VAZ DE MENESES

CULTURA DE FRONTEIRA BRASIL GUIANA: FESTAS

Dissertação apresentada ao como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Sociedade e Fronteiras na Amazônia. Defendida em 27 de fevereiro de 2014 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Francilene dos Santos Rodrigues
Orientadora/PPGSOF- UFRR

Prof.. Dr. Alfredo Ferreira de Souza
Membro interno

Profa. Dra. Mariana Cunha Pereira
Membro externo

À minha esposa Céu e aos meus filhos Cátia, Nádia,
Selma e Gabriel, por trazerem luz e alegria à minha vida.
Por contribuírem para que eu alcançasse este objetivo, por
suportarem as ausências e por estarem sempre ao meu
lado nesta conquista. O meu amor e minha sincera
gratidão. Vocês são eternos em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos e amados pais (*in memoriam*) pelo amor e ensinamentos dedicados a mim e aos meus irmãos: Marlene, Euclides e Isabel;

À minha orientadora professora Dra. Francilene dos Santos Rodrigues por tornar este mestrado realidade e pela sua disponibilidade em acompanhar e orientar de forma rigorosa, competente e amiga, a presente dissertação;

À professora Dra. Ana Lia Farias Vale que me ensinou a dar os passos iniciais no “pensar” geograficamente neste trabalho e por toda a sua disponibilidade;

À professora Dra. Olendina Cavalcante e ao professor Dr. Linoberg Almeida pela decisiva contribuição na qualificação deste projeto;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o auxílio prestado através da Bolsa do Programa Reuni;

Ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras (PPGSOF), da Universidade Federal de Roraima, e ao Grupo Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras (GEIFRON), pelo apoio prestado na pesquisa exploratória;

À Cátia pelo estímulo criado nas horas menos fáceis ao dizer-me sempre “pai sei que já caminhou bastante, mas ainda falta chão para trilhar”;

Ao meu amigo Maiaro pelo incentivo em buscar o mestrado e à Nádia pela oferta permanente de livros que muito me auxiliaram nesta caminhada;

Ao meu colega e amigo Hammyson pelo enorme apoio e incentivo.

A Deus por todos os momentos da sua presença em minha vida.

Ser angolano é meu fado e meu castigo
branco eu sou e pois já não consigo
mudar jamais de cor e condição
mas, será que tem cor o coração?
Ser africano não é questão de cor
é sentimento, vocação, talvez amor.

Não é questão, nem mesmo de bandeiras,
de língua, de costumes, ou maneiras...
A questão é de dentro, é sentimento
e nas parecenças doutras terras,
longe das disputas e das guerras,
encontro na distância esquecimento.

(Neves Sousa, 1979)

RESUMO

Trata-se de estudo que tem como temática a cultura de fronteira. Tem como título Cultura de fronteira Brasil Guiana: festas. Visa investigar a constituição de dinâmicas culturais que ocorrem no espaço e no lugar em área de fronteira, através de trocas culturais manifestas nas festas de *reggae* e de forró que acontecem às sextas feiras, entre os habitantes da cidade brasileira de Bonfim e a cidade igualmente fronteiriça de Lethem pertencente à República da Guiana, ou seja, identificar uma “cultura de fronteira” ou a circulação de elementos culturais nessas festas que hoje, passam a fazer parte da cultura de ambas as populações das duas cidades fronteiriças, independente da origem tradicional desta ou daquela cultura. Orienta-se pela seguinte questão problema: de que maneira os eventos festivos podem manifestar o processo de construção de uma cultura de fronteira? Em que medida o contato entre culturas de lugares/países com enorme pluralidade étnica constroem práticas sociais peculiares, próprias da região dessa fronteira? Ou como esses contatos constroem uma cultura de fronteira a partir das trocas culturais manifestas nas festas, envolvendo os habitantes do espaço transfronteiriço Brasil-Guiana (Bonfim/Lethem)? O *locus* da pesquisa foi o espaço transfronteiriço constituído pela área urbana de Bonfim, no Brasil, e Lethem, na Guiana. Metodologicamente optou-se por uma pesquisa qualitativa, que visa analisar, avaliar, estabelecer pressupostos a partir das teorias e empiria, portanto, da leitura das fontes pesquisadas, à luz dos autores que versam sobre o assunto, bem como da pesquisa de campo. A etnografia foi outra técnica e ferramenta utilizada que faz uso da observação participante. Os resultados apontaram a presença nesta fronteira internacional de uma forma cultural específica, provocada pela heterogeneidade cultural presente nessa fronteira e constituída pela adoção de práticas sociais e culturais do “outro”, através das trocas e empréstimos de elementos culturais que ocorrem entre os habitantes das duas cidades pesquisadas.

Palavras chave: Cultura. Fronteira. Cultura de Fronteira. Festas.

ABSTRACT

This study, which is titled "Culture of the frontier Brazil Guyana: parties", has the frontier culture as its main theme. Here we intent to investigate the creation of cultural dynamics that occur in the border area through cultural exchange in the reggae and forró parties that happen on Fridays between the inhabitants of the Brazilian town of Bonfim and also the border town of Lethem, belonging to the Republic of Guyana, this means to identify a " frontier culture " or circulation of cultural elements in these parties that today is part of the culture of both populations in the two border towns, independent of the traditional origin. We have developed some problem questions to be answered: how the festivities can express the process of building a culture of border? To what extent the contact between cultures of places/countries, with enormous ethnic plurality, can build some peculiar social practices of this border region? Or how these contacts construct a frontier culture, from the cultural exchanges in the parties, involving the inhabitants of Brazil-Guyana border area (Bonfim / Lethem)? The locus of the research was cross-border area made by the urban area of Bonfim in Brazil and Lethem in Guyana. Methodologically, we have chosen a qualitative research, which aims to analyze, evaluate and settle assumptions from theories and therefore use the researched sources in the light of the authors that deal with the subject as well as field researched. Ethnography was another technique used in this study, which includes participant observation. The results indicate the presence of a specific cultural form in this international border, which is caused by cultural heterogeneity present and consists of the adoption of social and cultural practices of the "other" through trade and loans of cultural elements that occur among the inhabitants in the two cities surveyed.

Key-words: Culture. Border. Border Culture. Parties.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do estado de Roraima e seus municípios	27
Figura 2 - Mapa estilizado do Sul da Guiana	28
Figura 3 - Mapa da divisão regional da Guiana.....	32
Figura 4 - Ponte sobre o rio Tacutu.....	37
Figura 5 - Mapa das ruas de Lethem (setas c/o trajeto percorrido).....	38
Figura 6 - Palavra fronteira em estabelecimentos comerciais.....	41
Figura 7 - Mana Kwame (ganense) e Juan Acácio (guianense).....	42
Figura 8 - Igreja Universal e Tainá Marchiori (esposa do pastor).....	44
Figura 9 - Professor Shirleno Nascimento.....	46
Figura 10 - Frango ao curry e à direita o Roti.....	49
Figura 11 - Coqueiros e Open Bar	59
Figura 12 - Entrada do Coqueiros	60
Figura 13 - Pista de dança, telão e balcão do bar do Coqueiros.....	61
Figura 14 - Sanitários e laterais do salão sem cobertura	62
Figura 15 - Daniel Allard (venezuelano) e esposa (brasileira).....	72
Figura 16 - Senhor. Mana Kwame Ampofo	74
Figura 17 - Ponte Olavo Brasil (Ligação Bonfim/ Lethem)	78
Figura 18 - Ponte sobre o rio Tacutu.....	79
Figura 19 - Placas com aviso para dirigir do lado esquerdo.....	80
Figura 20 - Restaurante Delícias do Brasil.....	81
Figura 21 - O início da cidade de Lethem (após a curva à esquerda).....	81
Figura 22 - Novos empreendimentos em Lethem	82
Figura 23 - Veículos de consumidores brasileiros.....	83
Figura 24 - Hotel e ao lado, churrascaria brasileira em Lethem.....	83

Figura 25 - O Alcorão e o Novo Testamento	84
Figura 26 - Placa em loja de muçulmanos	85
Figura 27 - Caminhão de força (gerador) da Jags.....	86
Figura 28 - Cartazes na casa de reggae anunciando festas de forró	87
Figura 29 - Casa de festas Double Wheel Disco.....	88
Figura 30 - Açougue e visão interna da pista de dança da Double Wheel	88
Figura 31 - Restaurante Duas Nações e a garçonete Kate.....	90
Figura 32 - Aparador com comida brasileira	91
Figura 33 - TV sintonizada na Rede Globo	91
Figura 34 - Churrascaria Savannah Brasil (Buffet e TV brasileira).....	92
Figura 35 - Cartaz anunciando oferta de emprego e obras em Lethem	94
Figura 36 - Entrada da Jags e a pista de dança.....	95
Figura 37 - Parte externa da Jags (não coberta).....	96
Figura 38 - Equipamento de som da Jags (DJ)	97
Figura 39 - Freezer da Jags com Refrigerante brasileiro	98
Figura 40 - Balcão da cozinha e no detalhe a mesa com toalha e a TV	99
Figura 41 - Ambiente da Jags (detalhe da iluminação reduzida).....	101
Figura 42 - Mesa com frequentadores da Jags	102
Figura 43 - Casal brasileiro e guianense na festa Reggae.....	104
Figura 44 - Frango frito com batatas fritas (“Chicken Chips”).....	106
Figura 45 - O gerente da Jags no balcão do bar	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Concentrações demográficas dos grupos étnicos na Guiana	31
Tabela 2 - Distribuição Regional da população da Guiana, 2002.....	31
Tabela 3 - População estrangeira na Guiana, 2002	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. “ITINERÁRIOS TRANSCULTURAIS”	19
1.1 A diáspora: gente de outra terra a viver em terra de outra gente	19
1.2 Contexto historiográfico	23
1.2.1 História do estado de Roraima	23
1.3 Aspectos históricos da Guiana	27
1.4 Percorrendo as fronteiras	34
1.4.1 Bonfim no espaço e no lugar	34
1.4.2 Lethem: a cidade da fronteira com o Brasil	37
2. FESTAS	51
2.1 Mas o que é festa?	51
2.2 Festas na fronteira	54
2.3 O Forró e o <i>Reggae</i>	57
2.4 O “Coqueiros”: a casa de Forró em Bonfim	59
2.5 Ritual de preparação da festa de Forró	62
2.5.1 A Festa em Bonfim	66
2.5.2 Visão e pensamento dos participantes	71
2.6 Cruzando a fronteira: a ponte que une	78
2.6.1 Enquanto não chega o dia da festa	84
2.6.2 O churrasco brasileiro em Lethem	91
2.7 A <i>Jags</i>	94
2.7.1 A preparação da festa de <i>Reggae</i>	96
2.8 A Festa de <i>Reggae</i>	100
2.8.1 O que fazem e pensam os que “fazem” a festa	113
3. CULTURA, FRONTEIRA E CULTURA DE FRONTEIRA	119
3.1 Cultura	119
3.2 A fronteira Brasil Guiana	122
3.3 Cultura de fronteira	124
3.3.1 A forma cultural específica desta fronteira	126
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS	147

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa investigar as dinâmicas culturais das trocas culturais entre os habitantes da cidade brasileira de Bonfim e a cidade igualmente fronteiriça de Lethem pertencente à República da Guiana, manifestas nas festas de Forró e de Reggae que acontecem às sextas feiras. Dito de outra forma busco identificar o processo de formação de uma cultura de fronteira em que a circulação de elementos culturais são negociados e passam a fazer parte da cultura das populações do lugar fronteiriço.

No contexto desta abordagem, a cultura será tratada como fenômeno em movimento que se modifica e é parte dos processos de aprendizagem construídos no cotidiano da vida de fronteira, portanto, as mudanças culturais se produzem a partir dos contatos interculturais. Desta forma, a cultura no contexto das dinâmicas sociais propicia a mudança nas relações, ao mesmo tempo em que é a parte essencial da mesma. A cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução que, em tempos de rápidos deslocamentos e constante contato intercultural, torna-se extremamente dinâmico.

As diversidades culturais e étnicas existentes na fronteira Brasil-Guiana sugerem uma nova e peculiar articulação dos espaços no cotidiano de seus moradores, a partir da nova maneira de entender as relações que se estabelecem entre essas populações, inclusive os conflitos e os mecanismos para superá-los. O trânsito de diversas populações nacionais e étnicas nesta zona fronteiriça gera muitas tensões e, algumas vezes, coloca em cheque os limites, aparentemente fixos, dos Estados Nacionais. As imagens cristalizadas e delimitadas dos mapas das nações não correspondem à dinâmica da vida nos espaços fronteiriços. Estas populações estão habituadas a mover-se com total liberdade para um lado e para outro. A mobilidade da população de um a outro lado da fronteira é uma estratégia habitual, tal como ocorre em outros contextos fronteiriços (VALCUENDE, 1995). Essa fronteira é um espaço de encontro de diversas culturas e, conseqüentemente, o lugar de contatos e trocas culturais, de negociações e ressignificação de elementos que podem vir a se constituir em uma cultura própria e singular.

A cultura é constituída por um conjunto de conhecimentos, crenças, normas, valores e símbolos, elementos estruturais que demarcam as especificidades de cada grupo social e qualquer forma de sociedade possui um conjunto de conhecimentos,

construído ao longo do processo de evolução histórica da humanidade e de cada grupo humano em particular. Desta feita, a cultura se traduz no conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo. Sabe-se que a cultura engloba, de fato, uma infinidade de manifestações portadoras de valores profundos da vida de uma população ou de uma comunidade, entre elas, as festas.

A festa tem a sua origem justamente a partir destas “diferenças culturais” entre grupos que encontram, no festejar, uma maneira de afirmarem suas similitudes, seja por meio da música e dança, da gastronomia, ou ainda através da língua. Porém, nessas festas, e durante o processo de sociabilidade, estes grupos, desenvolvem algumas práticas, através de trocas culturais de cada um, que acabam, por não só diminuir essas diferenças como também, criam uma situação sociocultural semelhante, cuja configuração é marcada por um processo transnacional, que aponta para o caráter dinâmico das relações sociais vividas pelas populações na fronteira.

Pude presenciar várias festas e festividades nas cidades de Bonfim e de Lethem, quando iniciei minha participação no GEIFRON - Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Fronteiras. O primeiro contato com o campo de investigação foi estabelecido em abril de 2013, seguido de outras incursões esporádicas a eventos festivos, dos quais tive conhecimento. A primeira incursão foi marcada por um convite, provindo da Coordenadora do GEIFRON, quando no dia 26 de abril realizei a pesquisa exploratória na cidade de Bonfim e no dia seguinte na cidade de Lethem. Na oportunidade pude mapear os locais onde aconteciam as festas bem como manter o primeiro contato com os proprietários desses locais, obter informações sobre os dias de festas e os seus participantes nestas duas cidades de fronteira.

Em maio de 2013, recebi um convite informal da proprietária da casa de festas de Bonfim, que despertou de imediato, meu interesse, principalmente por ser um evento com a presença de guianenses de Lethem (1º maio, Labour Day). Decidi fazer-me presente, apenas na condição de observador. Meu intuito era acompanhar o andamento da festa de forró e tentar perceber se havia ali a circulação de elementos culturais que hoje, passam a fazer parte da cultura de ambas as populações das duas cidades fronteiriças, independente da origem tradicional desta ou daquela cultura.

A condição para estar presente naquela primeira festa era a de manter-me restritamente observando. Por quê? Neste sentido, a observação não condiz com a interação, característica esta que se faz presente na chamada pesquisa participante. Naquele momento, a intenção ao estabelecer-me entre o grupo e observando-o, tinha a ver com certas restrições teórico-metodológicas e com uma estratégia que tentei adotar, condizendo com minhas expectativas de pautar-me entre os indivíduos como “mais um” espectador. Assim pude, paulatinamente, assimilar o desenrolar da festa e compreender alguns aspectos relativos à produção da festa. Pude observar assim, várias dinâmicas culturais que ocorreram nessa festa através de trocas culturais que mais tarde seriam confirmadas quando da pesquisa de campo e da observação participante e que estão descritas na última parte desta etnografia.

Sendo assim, essas observações iniciais me levaram a algumas indagações, entre elas: de que maneira os eventos festivos podem manifestar o processo de construção de uma cultura de fronteira? Em que medida o contato entre culturas de lugares/países com enorme pluralidade nacional e étnica constrói práticas sociais e culturais próprias dessa fronteira? Ou, dito de outra forma, o contato e trocas culturais manifestas nas festas de forró e *reggae*, envolvendo os habitantes do espaço transfronteiriço Brasil-Guiana (Bonfim/Lethem) constroem uma cultura de fronteira? As festas de forró e *reggae* são parte dos elementos que constituem a cultura de fronteira? Como ocorre esse processo? Que elementos culturais são incorporados, ressignificados e modificados nestas festas?

Parto do pressuposto que a festa é um momento de troca cultural, um momento de interação entre grupos étnicos distintos que encontram na festividade uma maneira de afirmarem suas semelhanças e diferenças. Minha hipótese é que essas trocas são construtoras de novas e singulares realidades socioculturais.

Este trabalho se justifica, entre outras coisas, pela própria viabilidade da realização desta pesquisa, tanto do ponto de vista epistemológico, como do ponto de vista estrutural. Ou seja, em primeiro lugar, por se constituir em um objeto pesquisa à altura de um programa de pós-graduação que tem como área de concentração a sociedade e a fronteira; em segundo lugar, por ser a fronteira Brasil-Guiana próxima à cidade de Boa Vista estado de Roraima, facilitando o deslocamento para o trabalho de campo.

Como já dito, o *lócus* da pesquisa foi o espaço transfronteiriço constituído pela área urbana de Bonfim, no Brasil, e Lethem, na Guiana, com enfoque

metodológico qualitativo, que visa analisar, avaliar, estabelecer pressupostos a partir das teorias e empiria, portanto, da leitura das fontes pesquisadas, à luz dos autores que versam sobre o assunto, bem como da pesquisa de campo.

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa exploratória com o objetivo conhecer o fenômeno amiúde para obter nova percepção do mesmo, na tentativa de descobrir novas ideias. Cerro; Bervian (2007, p. 63), afirmam que a pesquisa exploratória “realiza descrições precisas de situação ao mesmo tempo em que contribui para que se descuberte as relações existentes entre os diversos elementos componentes da mesma”.

Ainda no contexto da pesquisa de campo exploratória se utilizou como técnica de coleta de dados o *flânerie* que, é o processo de “flanar de forma ociosa pela cidade, apreendendo os ricos detalhes, observando o espetáculo urbano – a moda, as lojas, as construções, as novidades e as atrações” (MASSAGLI, 2008).

De acordo com Bachelard (1996, p.18), o *flâneur* é aquele ser que vê o mundo de uma maneira particular, sem querer, em um primeiro momento, explicar a vida e desenvolve sua sensibilidade estética nas relações entre envolvimento e distanciamento, em imersão emocional e descontrolo, e momentos de registro e análise cuidadosos da colheita aleatória de impressões das ruas. Também foram coletados dados secundários de outras fontes, tais como materiais impressos de propaganda (cartazes, *folders*), jornais; portfólios de músicas (letras das músicas).

A etnografia foi outra técnica e ferramenta utilizada que faz uso da observação participante, que “impõe-se naturalmente se desejamos conhecer o que os homens e mulheres, indígenas ou não, situados nas fronteiras de nosso país pensam e como se relacionam nos espaços interculturais” (OLIVEIRA, 2005, p.20). Viver e conviver com o universo a ser pesquisado torna-se a melhor estratégia de compreender “o outro”. Desta forma, a observação participante consiste em duas atividades principais: observar de forma sistemática e controladamente tudo o que ocorre em torno do investigador e, participar como fazem os nativos, realizar certas atividades e tentar comportar-se como um deles (GUBER, 2001, p. 57).

Assim estive presente não só nos dias de festa, mas também na sua preparação e participei do cotidiano do ambiente de fronteira, do dia a dia das populações nas cidades de Bonfim e Lethem, percorrendo os locais onde ocorriam as festas de forró e de *reggae*.

Em complemento à etnografia, agreguei observações do cotidiano e relatos de pessoas que vivem e se movimentam na região, por entender da sua importância como representantes e transmissores de sua cultura. É importante destacar que os primeiros contatos se tornaram essenciais na medida em que percebi que, para apreender este “objeto” de pesquisa, era preciso estar lá, não apenas no dia de festa, mas também na sua preparação. Isso porque a festa, na estrutura em que se apresenta, tem seu conteúdo no cotidiano. O “estar lá” é penetrar numa outra forma de vida ou se deixar ser penetrado por ela (GEERTZ, 2008). É da experiência de ter estado lá que nascem os registros, e destes, a escrita desta etnografia e suas discussões.

Além da observação participante e da etnografia, usei registros fotográficos e audiovisuais que, comportam uma dimensão adicional às notas tomadas em campo e feitas em diários. Como diz Mills (1982, p. 215), “a simples tomada de nota é quase sempre um estímulo à reflexão”. Os dados foram obtidos a partir também de entrevistas com os donos das casas onde aconteciam as festas, dos participantes das festas de forró em Bonfim no Brasil e de *reggae* em Lethem na Guiana, assim como, através da produção de notas de campo. Os relatos orais tornaram-se também um meio de aproximação. Os sujeitos que participaram das entrevistas foram identificados durante a pesquisa de campo, participando das festas, nos dois lados da fronteira, quando da atuação do *flâneur*.

Em todos os momentos em campo, realizei um trabalho intensivo, ou seja, aproveitando ao máximo minhas permanências nas idas aos locais de pesquisa. Visitei e me entreguei ao ambiente de estudo várias vezes: além das várias incursões antes da pesquisa exploratória, estive em Bonfim três vezes: em abril, em maio e em agosto de 2013. Atravessei a ponte em direção a Lethem em abril e setembro de 2013. Ainda retornei a estas duas cidades ao longo dos meses de outubro e novembro. As estadias duravam cerca de sete dias, geralmente viajava na quarta feira e retornava na terça.

Encerrando a relação das considerações metodológicas, cito Clifford Geertz como principal referência para o entendimento do conceito de cultura. A cultura é vista por este autor como “uma teia de significados”, ou seja, o homem está preso a teias de significados que ele mesmo teceu, sendo a cultura sua própria teia.

A explicação interpretativa, “concentra-se no significado que instituições, ações, imagens, elocuições, eventos, costumes – ou seja, todos os objetos que

interessam aos cientistas sociais - tem para seus proprietários” (GEERTZ,1997, p.37). Estar em contato com os indivíduos estabelecer-me entre eles, sentir seu ritmo de vida.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, optei por pesquisar duas festas: a que aconteceu no dia 16 de agosto de 2013, sexta feira, no Coqueiros na cidade brasileira de Bonfim, e do lado guianense, a da Jags, que aconteceu no dia 20 de setembro de 2013, igualmente em uma sexta feira, na cidade de Lethem, por serem as de maior participação de público, mais tradicionais, e também pela sua regularidade.

As minhas observações são resultantes da participação e permanência nas festas e no cotidiano dos sujeitos destas cidades, somadas às informações coletadas através de entrevistas gravadas. Com relativa ousadia julgo ter conseguido captar as especificidades não só da vida social e das suas práticas de sociabilidade, ou seja, da cultura que emerge neste espaço fronteiriço.

Assim, foram coletadas e registradas informações de mais de uma dezena de pessoas cujos relatos serão transcritos ao longo desta etnografia além de registros fotográficos e de várias conversas informais, que foram anotadas no meu caderno de campo durante toda a permanência. Após minha apresentação e explicação sobre o meu objeto de pesquisa, foi sempre solicitado aos entrevistados a assinatura do termo de livre consentimento para o uso de voz e imagem. Esta minha pesquisa, é o resultado do meu projeto de pesquisa encaminhado para análise no Conselho de Ética e Pesquisa – CEPE da Universidade Federal de Roraima e aceite em 2013 e que teve o parecer liberado e aprovado pelo colegiado em 17 de janeiro de 2014.

No primeiro capítulo, “Itinerários Transculturais”, inicio com a narrativa da diáspora que me despertou o interesse pela fronteira, suas populações e modos de vida, para, logo após, examinar a história desta região e os processos de construção dos dois Estados nacionais sul-americanos: o Brasil, ex-colônia portuguesa independente desde 1822, e a República Cooperativista da Guiana, ex-colônia holandesa e posteriormente inglesa até sua independência em 25 de maio de 1966, e finalmente descrever a pesquisa exploratória que antecedeu a minha entrada no campo de pesquisa.

No segundo capítulo Festas, reporto-me a estudiosos desta temática, narro a história e as características do forró e do *reggae* e descrevo duas festas: a festa

de forró na cidade brasileira de Bonfim e a festa de *reggae* na cidade de Lethem na Guiana, desde os participantes, a música e a dança, a organização e preparação, as comidas e bebidas, enfim todos os elementos que envolvem estas festas buscando demonstrar a existência de elementos culturais das duas culturas que foram incorporados e ressignificados e que hoje, estão presentes nesta forma cultural específica, que denomino de cultura de fronteira.

No terceiro capítulo, Cultura de Fronteira, abordo os conceitos de cultura, fronteira e cultura de fronteira, e como esta fronteira se torna um elemento articulador para o dia a dia destas populações, e termino com as Considerações finais sobre os resultados da pesquisa.

CAPÍTULO I

1. “ITINERÁRIOS TRANSCULTURAIS”

Como introdução à etnografia apresento um breve resumo de minha história de vida cujas recordações vem à tona agora na tentativa de dar conta de indagações com teor científico sobre situações já vivenciadas que me acompanharam até hoje, e que me aproximaram do meu objeto de pesquisa.

1.1 A diáspora: gente de outra terra a viver em terra de outra gente

Decorria o ano de 1975 quando, no auge da guerra civil em Angola, sem que o previsse, me vi "atirado" para a diáspora sem saber o que me poderia vir a acontecer, após ter tido uma vida de estabilidade familiar muito rica desde o meu nascimento.

Nasci numa terrinha do Sul de Angola/África - Gabela e lá vivi e cresci num ambiente saudável entre toda a natureza composta desde pequenos rios, montes e árvores de grande porte como eram as mulembas, mangueiras e outras, às quais não me esquivava de subi-las logo pela manhã. Talvez esta minha forma de ser me tivesse sido transmitida pela coragem do meu pai. Criado em liberdade, vivi em perfeita harmonia com povos de várias etnias entre a fazenda de café de meu pai e as lindas cidades onde estudei, sempre em colégios com regime de internato: Novo Redondo, Porto Amboim, Cela, Nova-Lisboa, Luanda e Gabela, nesta última onde estudei e casei em 1974, com uma portuguesa natural de Braga-Portugal.

Foi da cidade de Nova Lisboa/Angola, que parti para a diáspora política (guerra civil), com a minha esposa e minha filha Cátia que havia nascido durante a fuga de uma cidade para outra (28 dias de vida). Nesta cidade enfrentei dias e dias refugiado em um galpão no aeroporto aguardando a tão desejada “ponte aérea” formada por aviões de vários países do mundo que disponibilizaram suas aeronaves para o transporte daquelas centenas de milhares de angolanos que, devido à guerra não tinham nada a perder já que a única coisa que lhes restara era a vida.

Após um voo atribulado de mais de 12 horas em um avião americano, com uma escala para abastecimento em Abidjan - Costa do Marfim, onde fomos sujeitos

a uma revista minuciosa e truculenta por militares armados, chegamos a Portugal, país que não conhecia e que jamais havia pensado em conhecer.

O que para trás ficara, para trás estava e havia que sobreviver onde tínhamos “caído” - Lisboa/Portugal - havendo na grande maioria a esperança de regresso em curto prazo. Esperança essa, que lentamente, à medida que o tempo passava ia morrendo, sem visualizar alternativa de regresso.

Nos primeiros dias de estadia neste país, sempre fui questionado por ser angolano, portanto, africano e não ser negro? O estranhamento comigo era constante. Várias descrições eram por mim feitas diariamente. Tentava explicar: que meu pai também era africano, angolano e branco, filho de pais portugueses e que só a minha mãe é que era natural de Portugal. O passar do tempo, e com a convivência, eles foram percebendo e me aceitando. A partir desse momento, comecei a usufruir da famosa hospitalidade e solidariedade portuguesa.

Como não conhecia ninguém em Lisboa, me foi dado um bilhete de trem que me havia de levar, após 6 horas, à cidade de Braga, no norte de Portugal, onde residiam meus sogros, também retornados de África e que durante o êxodo, haviam fugido, sem saber onde eu e minha família estávamos, e como nós, vindos somente com a “roupa do corpo”. Com enormes dificuldades de subsistência, via os dias correrem, pois além do mais, estava com uma filha recém-nascida e com necessidades alimentares urgentes.

Como a casa dos meus sogros – nosso local de abrigo – estava localizada em um bairro na periferia da cidade, a notícia da presença “dos angolanos” correu célere. Raros eram os dias que não recebia a visita de pessoas, que ao chegar ao portão de casa, perguntavam: “é aqui que moram uns ‘angolanos retornados’ vindos de África, que tem uma filhinha? Todos traziam sempre algo para nos ajudar.

Passados alguns meses, sempre aprendendo o “modo de viver” desses portugueses, fui incorporando linguagens, hábitos e costumes desses novos “vizinhos” e ao mesmo tempo, com o contato, eles foram agregando também elementos da minha cultura, e assim, transformamos as dificuldades de convivência e aceitação, em uma harmoniosa e democrática sociabilidade. Era uma questão de sobrevivência e, somente assim, eu poderia estar no mesmo plano de igualdade, ter as mesmas oportunidades de trabalho e ser aceite nessa nova cultura, cidade e país, pois eu agora também estava junto. Como afirma Canclini (2004), nas “ruas e praças, mercados e igrejas, escolas e cinemas”, disputando vagas de emprego.

Com o meu primeiro emprego em Portugal, em um Banco, fui nomeado para trabalhar em um posto de câmbios na vila de Melgaço situada no extremo norte de Portugal, junto à fronteira com a Espanha. Nessa vila de pouco mais de sete mil habitantes vivi por onze anos. O nosso dia a dia era compartilhado com os nossos vizinhos da cidade espanhola de Puente Barjas que estava separada da vila portuguesa unicamente pelo rio Minho e unida por uma ponte.

Devido à situação de fronteira, indicativo de parte periférica de um país, geralmente estas cidades de fronteira são esquecidas pelos seus governos. Assim as populações destas localidades são obrigadas a usar de estratégias e mecanismos para ultrapassar as dificuldades desse distanciamento. As duas populações mantinham fortes relações de solidariedade, e um intenso contato cultural, funcionavam de fato, como uma unidade. O intercâmbio econômico e cultural era uma constante, como intensa era a mobilidade da população. Os limites políticos que, mesmo demarcados, na prática eram esquecidos e praticamente inexistentes.

Recordo-me que a compra de alimentos para minha casa era feita no lado espanhol, onde também frequentávamos as lojas de departamentos e restaurantes. Em casa sintonizava e assistia à televisão espanhola. As crianças tinham frequentes visitas às escolas do outro lado da fronteira, o mesmo acontecendo com as crianças das escolas espanholas.

Com os espanhóis a situação era a mesma: compravam do lado da fronteira portuguesa roupas e calçados, e em todas estas transações tanto era aceito o dinheiro português (escudo) como o espanhol (peseta). Os idiomas português e espanhol eram utilizados pelas duas populações.

Em ambas as vilas existiam trabalhadores das duas nacionalidades. A música portuguesa e a música espanhola eram cantadas, dançadas e do gosto de ambas as populações. As redes de colaboração e solidariedade que existiam nestas duas localidades fronteiriças eram fundamentais mesmo com a existência de alguns conflitos e rivalidades.

Lembro-me de algumas situações que exemplificam esses conflitos, geralmente temporários: quando em jogos de futebol entre as seleções dos dois países, os portugueses se vitoriosos, iam comemorar para a margem do rio e provocando os seus “vizinhos” soltavam fogos de artifício para o lado espanhol. Como reação, após os primeiros estrondos, a energia elétrica do lado português

(que vinha do lado espanhol) era interrompida por cerca de trinta minutos, ficando a nossa vila às escuras. Igualmente, quando a situação se invertia, os portugueses se “vingavam” exigindo o passaporte e a carteira de habilitação internacional dos “*hermanos*” na aduana (exigência não habitual) no caso do deslocamento ser feito de automóvel. Passadas algumas horas, tudo voltava à normalidade, passando a fronteira a ser um espaço aberto, permeável. Os funcionários da aduana, tanto do lado português (guarda republicana) como do lado espanhol (carabineiros) conheciam os moradores de ambas as vilas.

Gostava de Portugal e das suas gentes. Sentia-me bem nesta vila portuguesa onde vivi onze anos. Desagradava-me em Portugal o muito frio que fazia. Apesar de me sentir integrado a essa sociedade, nada me prendia a essa terra fria em que a maioria do ano as temperaturas eram baixas e nesta vila, com muitos períodos de neve. Também não vislumbrava largos horizontes para o futuro das minhas filhas e comecei a pensar emigrar para o Brasil. Julgo que este meu passado na fronteira portuguesa foi o primeiro contato com a forma cultural específica de fronteira assim denominada por Boaventura de Souza Santos (1993).

Depois de onze anos em Portugal, surge um convite para me mudar para o Brasil. Não hesitei e em pouco mais de um mês já estava a caminho do Brasil, deixando para trás minha esposa e três filhas (duas delas já nascidas em Portugal) que mais tarde, viriam a juntar-se a mim. Recordo-me como se fosse hoje a minha despedida e entrada no avião que me havia de trazer até São Paulo. Envolvido em uma enorme tristeza, mas confiante por saber que iria encontrar um país que, com muitas semelhanças à “minha” Angola, iria com certeza me sentir melhor, talvez “em casa”, pois já não existia em mim o receio de mudança.

Cheguei a São Paulo em 1986 e fui morar em Ribeirão Preto até 2001. Lá consegui criar e formar minhas três filhas e ter a grata surpresa de ter aumentado mais a minha família, com o nascimento do meu filho, “o meu brasileiro”. Agora, minha família é composta por: mim e minha filha mais velha, angolanos de nascimento, (naturalizados brasileiros), esposa e duas filhas portuguesas e o meu filho brasileiro.

Em 2002 vim para Boa Vista-Roraima. Voltei a vivenciar o ambiente de fronteira internacional. É neste espaço transfronteiriço constituído pela área urbana de Bonfim, no Brasil, e Lethem, na Guiana onde foi desenvolvida a pesquisa e desse “estar lá” resultou esta etnografia.

1. 2 Contexto historiográfico

Bonfim e Lethem são duas cidades que compartilham do isolamento do restante de seus respectivos países – uma ao norte do Brasil, no estado de Roraima, a outra do sul da Guiana. Com a inauguração da ponte em abril de 2009, foi transposta a última barreira entre as duas cidades. Bonfim, em Roraima, e Lethem, na Guiana, vivem um intercâmbio cultural que extrapola tratados internacionais. Para chegar a uma compreensão desta questão, há que se examinar a história desta região e os processos de construção de dois Estados nacionais sul-americanos: o Brasil, ex-colônia portuguesa independente desde 1822, e a República Cooperativista da Guiana, ex-colônia holandesa e, posteriormente, inglesa até sua independência, em 25 de maio de 1966.

1.2.1 História do estado de Roraima

O estado de Roraima, cuja capital é Boa Vista, estende-se por uma área de planaltos e escarpamentos que integram o planalto das Guianas, com altitudes bastante diferenciadas. Essa Unidade Federativa está localizada na região Norte do Brasil, os seus limites são: ao norte com a República Bolivariana da Venezuela e República Cooperativa da Guiana; ao sul com o estado do Amazonas e com o estado do Pará; a leste com a República Cooperativa da Guiana; a oeste com o estado do Amazonas e com a República Bolivariana da Venezuela.

As primeiras notícias que se conhece sobre a região de Roraima têm origem no século XVII, através de relatos de Christobal de Acunã, jesuíta e “cronista oficial da primeira viagem do capitão Pedro Teixeira pelo Rio Amazonas, entre 1637 e 1639. Esta foi uma das missões que alargou os domínios portugueses até Quito, no Equador” (VIEIRA, 2003, p. 12).

Os portugueses iniciaram uma efetiva ocupação da região no final do século XVIII, utilizando as informações obtidas pela expedição de Acunã. Esta região passou a fazer parte do Império português pelo Tratado de Madri, de 1750 e, confirmado pelo tratado de Santo Ildefonso, de 1777, que a disputava com a Espanha: uma fortificação foi construída como forma de garantir a posse e inibir a ação de outras nações europeias interessadas (VIEIRA, 2003).

Os ingleses e os holandeses tiveram participação na história de Roraima desde o século XVI. Segundo França (2005), para se compreender a história da Amazônia tem que se levar em consideração a ocupação das Guianas Holandesa (atual Suriname) e Inglesa (atual República Cooperativa da Guiana) e o controle alternado da Holanda e da Inglaterra sobre esta região.

A Guiana Inglesa, que abrangia as colônias holandesas era banhada pelos rios Essequibo, Berbice, Demerara e Rupununi. De acordo com França (2005, p.142), “devemos observar que a região sob controle inglês e holandês ficava muito próxima dos vales dos rios Negro e Branco, que faziam interligação com o território luso-brasileiro”.

No início do século XIX, quando terminaram as guerras Napoleônicas, a Inglaterra comprou da Holanda os territórios de Essequibo, Berbice e Demerara, que em 1831, passaram a fazer parte da Guiana Inglesa. Segundo França (2005, p.143), “a tentativa inglesa de ocupar terras amazônicas era estratégia para compensar a perda das 13 colônias americanas, importante área fornecedora de matérias-primas”. É esta a situação que vai obrigar a Coroa Portuguesa a construir o Forte de São Joaquim do Rio Branco, na confluência dos rios Branco e Tacutu, na foz do Tacutu (BARBOSA, 1993).

O processo de colonização luso-brasileira no estado de Roraima se inicia com a construção deste Forte. A Igreja Católica teve um papel muito importante nessa colonização, pois o atual território do estado de Roraima era habitado por milhares de indígenas e o seu aldeamento pelos missionários facilitava o controle da região pelas autoridades portuguesas. A aliança da Igreja Católica com o Estado português facilitou o início do processo de colonização e a dominação das novas áreas descobertas.

No final do século XIX, a ocupação territorial nos campos do rio Branco se inicia a partir de fazendas com o objetivo de criar uma frente pecuarista, ocupando assim, importantes áreas indígenas. No início do século XX, as fazendas de gado continuaram avançando sobre as áreas indígenas, mais a Leste, nos territórios macuxi, no vale do rio Tacutu.

O resultado da expansão da atividade pecuária foi “o deslocamento voluntário das etnias para locais isolados, principalmente do lado guianense atestado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), nos anos 1920” (DORO FILHO, 2008, p.6).

Entre os anos de 1930 e 1945, devido ao abandono da região, no governo de Getúlio Vargas foram tomadas várias medidas para promover o crescimento econômico e a ocupação física da região Amazônica.

Em 1943, foi criado o Território Federal do Rio Branco objetivando preservar e garantir a posse da região para o Brasil. Um decreto federal declarava a região como área de segurança nacional.

As medidas tomadas pelo governo Vargas permitiram um fluxo migratório incentivado e patrocinado pelo governo federal. Apesar de todas essas mudanças, Roraima permaneceu esparsamente povoada e economicamente isolado. O maior impedimento à ocupação e desenvolvimento do território era a sua dependência do Rio Branco para transporte.

Segundo Amorim Filho e Diniz (2005), o rio não era navegável por barcos de maior calado durante a estação seca. Este impedimento só foi resolvido em 1976 quando a rodovia BR 174 estabeleceu a ligação entre Boa Vista e Manaus. A BR 174 foi mais tarde estendida até a fronteira com a Venezuela e concluída em 1998.

Com o início da construção da BR 174 que iria ligar Manaus a Pacaraima também são criadas colônias agrícolas. A primeira foi a Colônia Fernando Costa¹ (1947-1949) composta por 140 famílias localizada próxima à capital (Boa Vista), com a finalidade de garantir o abastecimento alimentar.

Nos anos seguintes, novas colônias foram implantadas, e, esta política fez com que a população crescesse rapidamente. De acordo com Destro (2006), o Nordeste foi o motor desse aumento demográfico, pois a dificuldade de se obter terras no Nordeste se contrapunha às facilidades oferecidas pelo governo federal aos camponeses que fossem para Roraima.

Durante os governos militares dos anos 1960 e 1970, a política de assentamentos teve continuidade, agora com o Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia (Poloamazônia).

Para atrair as famílias, eram ofertados lotes de terra junto à área norte da BR 210 (Perimetral Norte), próximos à Guiana e à Venezuela. Enfatiza-se que a construção da Rodovia Perimetral Norte abriu o sudoeste de Roraima à colonização (BARROS, 1995; DINIZ, 2002). A construção dessas rodovias marca o início de uma nova ocupação na região, pois além de proporcionar uma ligação com Manaus

¹ Deu origem à atual cidade de Mucajaí

durante todo o ano, permitiu também que grandes áreas fossem exploradas em diversos projetos de colonização.

A criação de incentivos à ocupação do território tinha como objetivo resolver dois problemas: o primeiro, de cunho geopolítico, era o da ocupação dos “espaços vazios” do território, atendendo à antiga preocupação dos governos centrais em defender as fronteiras internacionais do país; o segundo, resolver a questão nordestina, pois a criação de colônias agrícolas seria um fator de atração para a população de regiões pobres que sofriam com a seca.

De acordo com Barros (1994), as famílias de migrantes teriam acesso a frações de terra para sua subsistência que seriam fator de atração e ao mesmo tempo, auxiliariam aos interesses geopolíticos. Para os militares, esta ocupação atendia a uma necessidade de ocupação e de segurança nacional (DESTRO, 2006, p. 51).

É também neste período que o Território de Roraima sofre significativas transformações na estrutura populacional, destacando-se a transição urbana do estado, que ocorre a partir de 1970.

Em meados dos anos 1980, a descoberta do ouro e diamantes na região setentrional de Roraima, trouxe milhares de garimpeiros ao estado. Calcula-se que mais de 40.000 indivíduos estiveram envolvidos nesta empreitada, entre 1987 e 1991 (MAC MILLAN, 1995).

Devido à atividade mineira, a população de Roraima cresceu em 1980, chegando a triplicar as suas cifras (BAINES, 1994). Apesar dos atrativos populacionais do estado terem sido de natureza rural (assentamentos agrícola e garimpo), Roraima é um estado urbano. A urbanização de Roraima faz parte de um processo que acontece em todos os estados amazônicos. Segundo Becker (1990), as áreas urbanas da região Amazônica formam-se como pontos de congregação de uma força de trabalho altamente móvel e flexível, que é fundamental para o processo de desenvolvimento da região.

Com a Constituição Federal de 1988 o território é elevado à condição de estado da federação. Pelo Censo de 2012, a população do estado é de 421 499 habitantes, distribuídos por 15 municípios que compõem o estado, sendo que a capital Boa Vista contava com 266 901 habitantes.

Figura 1 - Mapa do Estado de Roraima e seus municípios



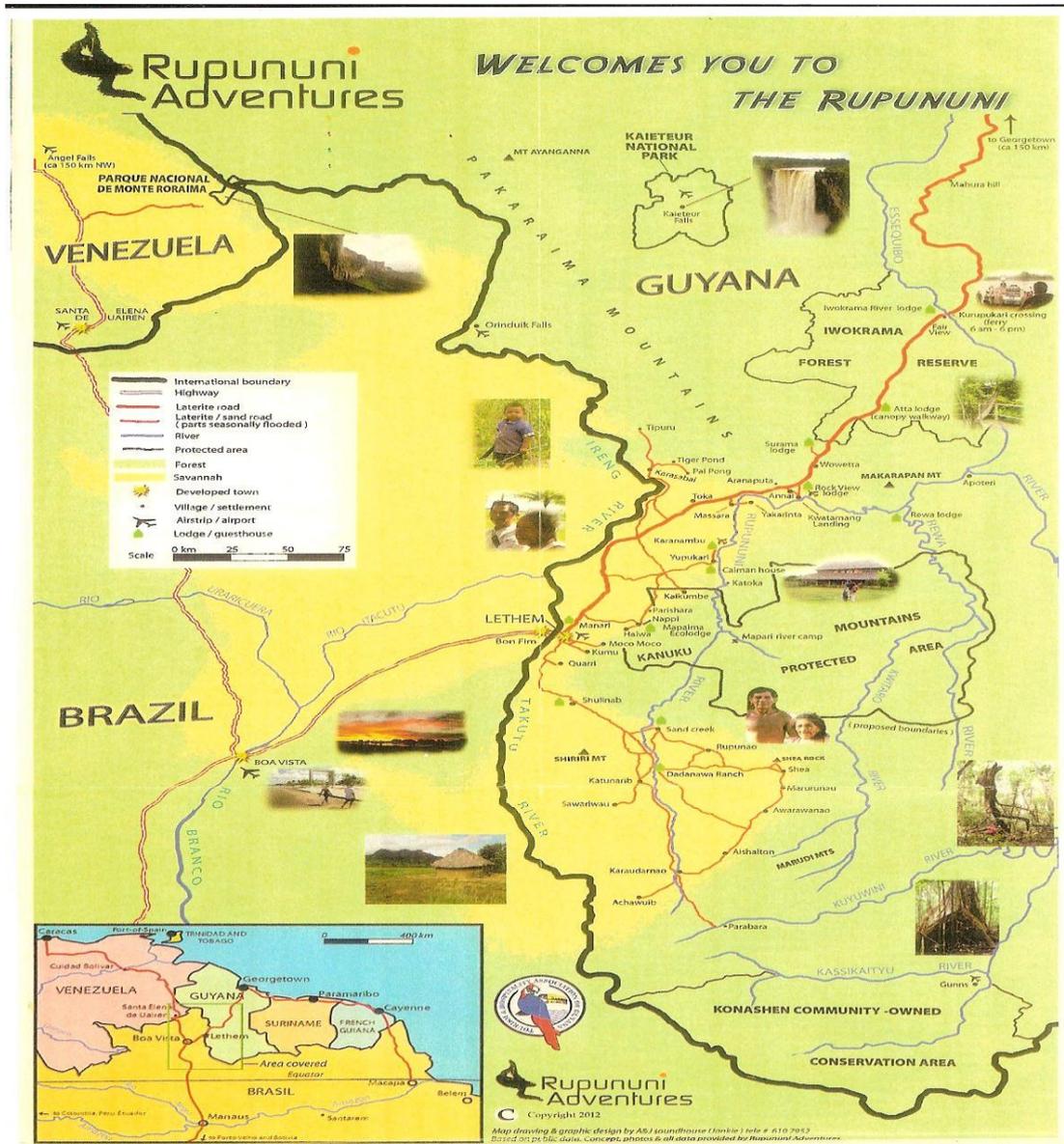
Fonte: Instituto de Terras de Roraima

1.3 ASPECTOS HISTÓRICOS DA GUIANA

Segundo o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), a fronteira entre o Brasil e a República Cooperativa da Guiana tem início no ponto tríplice Brasil – Guiana - Venezuela, no Monte Roraima, entre as cabeceiras dos rios Cotingo e Arabopo, segue para nordeste, passando entre o Salto Paikwa, ao norte, e as quedas do Cotingo, que corre ao sul, em território brasileiro, continuando até o monte Yacontipu.

Do monte Yakontipu, a fronteira segue na direção leste pela linha divisória das águas de diversos rios que, no norte correm em território guianense, afluentes do rio Mazaruni e no sul correm para o rio Cotingo, até a nascente do rio Mau (ou Ireng). Desce para o sul, por esse rio, até a sua confluência com o Tacutu, que, vindo do sul para o norte, inflete para a esquerda entrando a oeste em território brasileiro. Continua em direção sul, subindo pelo rio Tacutu até a sua nascente, que continua a fronteira pela linha divisória das águas entre a bacia do Amazonas (para o lado do Brasil) e as bacias do Essequibo e do Corentyne (para o lado da Guiana), até o ponto de convergência desta fronteira com a fronteira do Suriname, constituindo um total de 134 marcos ao longo desta fronteira.

Figura 2 - Mapa estilizado do Sul da Guiana



Fonte: Rupununi Adventures 2012

A Guiana está localizada no norte da América do Sul, entre a Venezuela, o Brasil, o Suriname, e o oceano Atlântico.

O termo Guiana é originário do tronco lingüístico Arawak e é interpretado como “terra de muitas águas” ou “terra de muitos rios” (DALY, 1975). Segundo Linhares (2013, p. 25), “o governo, frequentemente, tenta dar a conotação de que as muitas águas representam os povos que formam a Guiana e fluem para o mesmo destino”.

É o único país de língua inglesa da América do Sul e tem uma população aproximadamente de 751.223 habitantes (GUYANA BUREAU OF STATISTICS,

2005). Ainda que permaneçam controvérsias sobre a origem do povoamento do território atualmente ocupado pela Guiana, há evidências de que grupos horticultores da etnia Arawak teriam chegado à região a época de Cristo, rodeando a porção da Guiana que se estende a Oeste do rio Corentyne (WILLIAMS, 2003). Sendo os indígenas os primeiros povoadores do território que hoje se caracteriza como a República Cooperativista da Guiana, eles foram as primeiras testemunhas da chegada dos colonizadores europeus no século XVII.

Os holandeses chegaram por volta de 1580. Os primeiros assentamentos de colonizadores holandeses se estabeleceram em Kyk-over-al, na confluência dos rios Essequibo e Mazaruni, em 1616, e em Berbice em 1627. Isto lhes permitiu comercializar bens de consumo com os povos nativos. Em 1650 houve uma redefinição dos interesses econômicos para iniciar o cultivo de cana-de-açúcar e a produção de açúcar (MC GOWAN, 2006).

Apesar do potencial econômico desta colônia, historiadores apontam que o número de escravos na Guiana permaneceu pequeno em relação às outras Guianas – Suriname e Guiana Francesa – e aos demais países (ilhas) caribenhos (MC GOWAN, 2006).

No momento em que os holandeses cederam suas colônias aos britânicos, em abril de 1776, foi necessário contabilizar a população de escravos. Nesse ano a colônia de Berbice registrou 8.232 escravos, e a Colônia Unida (United Colony), que abrangia as colônias de Demerara e Essequibo, 38.000.

Diferentemente do período de dominação holandesa, o domínio britânico foi caracterizado por um notável aumento do trabalho escravo em função das demandas de mão-de-obra para ampliar a produção de cana-de-açúcar, algodão e café. Contudo, apesar desse aumento da população de escravos no período britânico, a população total da colônia no momento da abolição da escravidão em 1834, era de 83.000 escravos, 8.000 negros e mestiços livres e 7.000 brancos (não havia registro do número de indígenas) (MC GOWAN, 2006).

Outro momento importante na história demográfica e socioeconômica de Guiana foi o período de dominação francesa. Em fevereiro de 1782, as colônias de Essequibo, Demerara e Berbice foram entregues a Comte de Kersaint (DALY, 1975), mas depois de dois anos, as colônias foram, pela segunda vez, cedidas aos britânicos.

Posteriormente houve sucessivas ondas de imigração para a Guiana de portugueses, indianos, chineses e africanos. Essas ondas de imigração que seguiram o período da abolição da escravidão marcaram um ponto de inflexão na história cultural e demográfica da Guiana moderna. Segundo alguns autores, pessoas dessas origens foram escolhidas estrategicamente para negar aos escravos libertos qualquer poder político ou socioeconômico após a abolição da escravidão nos países sul-americanos e nas ilhas caribenhas (MC GOWAN, 2006; DALY, 1975).

Apesar da preferência pela fixação na Guiana de imigrantes oriundos da Índia, China, Portugal e da Europa em geral, a imigração portuguesa foi, várias vezes, suspensa devido à carência de finanças, às preocupações das autoridades sobre a perda dos melhores trabalhadores do setor agrário e entre grupos humanitários a respeito da alta taxa de mortalidade entre imigrantes portugueses (DALY, 1975). Os ingleses, entretanto, desconsideravam a origem europeia e branca dos imigrantes portugueses tratando-os simplesmente como portugueses, sendo que até hoje são considerados como grupo étnico a parte.

Os indianos chegaram, a partir de 1838, para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar. Os maus tratos sofridos por esse grupo de trabalhadores forçaram as autoridades indianas a suspender várias vezes a imigração de trabalhadores para a Guiana Britânica.

Em 1917, um total de 238.960 trabalhadores indianos teria entrado no país para trabalhar por um período de cinco anos, sendo liberados depois para retornar à sua terra de origem (DALY, 1975). Seus herdeiros compõem, juntamente com os descendentes de escravos africanos libertos e os indígenas, a maioria da população.

Em 1953, a colônia da Guiana Britânica recebeu os primeiros trabalhadores da China (AUGIER et al, 1960). Houve duas outras tentativas subsequentes de entrada de chineses na Guiana britânica, sendo ambas de curta duração em função das exigências do governo chinês para que os trabalhadores recebessem passagens de retorno à China depois de trabalharem por um período de cinco anos nessa colônia.

Em 1966, a Guiana alcançou a independência, passou a chamar-se República Cooperativa da Guiana. Hoje coexistem no país seis grupos étnicos: africanos, asiáticos, europeus, indianos, indígenas e portugueses. Desses grupos, os afrodescendentes e os descendentes de indianos predominam.

Tabela 1 - Concentrações demográficas dos grupos étnicos na Guiana

COR/ ETNIA	% da População Total
Africana	30,2
Branca	0,1
Chinesa	0,2
Indiana	43,4
Indígena	9,2
Mestiça	16,7
Portuguesa	0,2
TOTAL	100,0

Fonte: 2002 Census Summary, Guyana Bureau of Statistics, 2005.

Essa predominância demográfica se reflete também na religião, em que o hinduísmo e o cristianismo são as religiões mais frequentes.

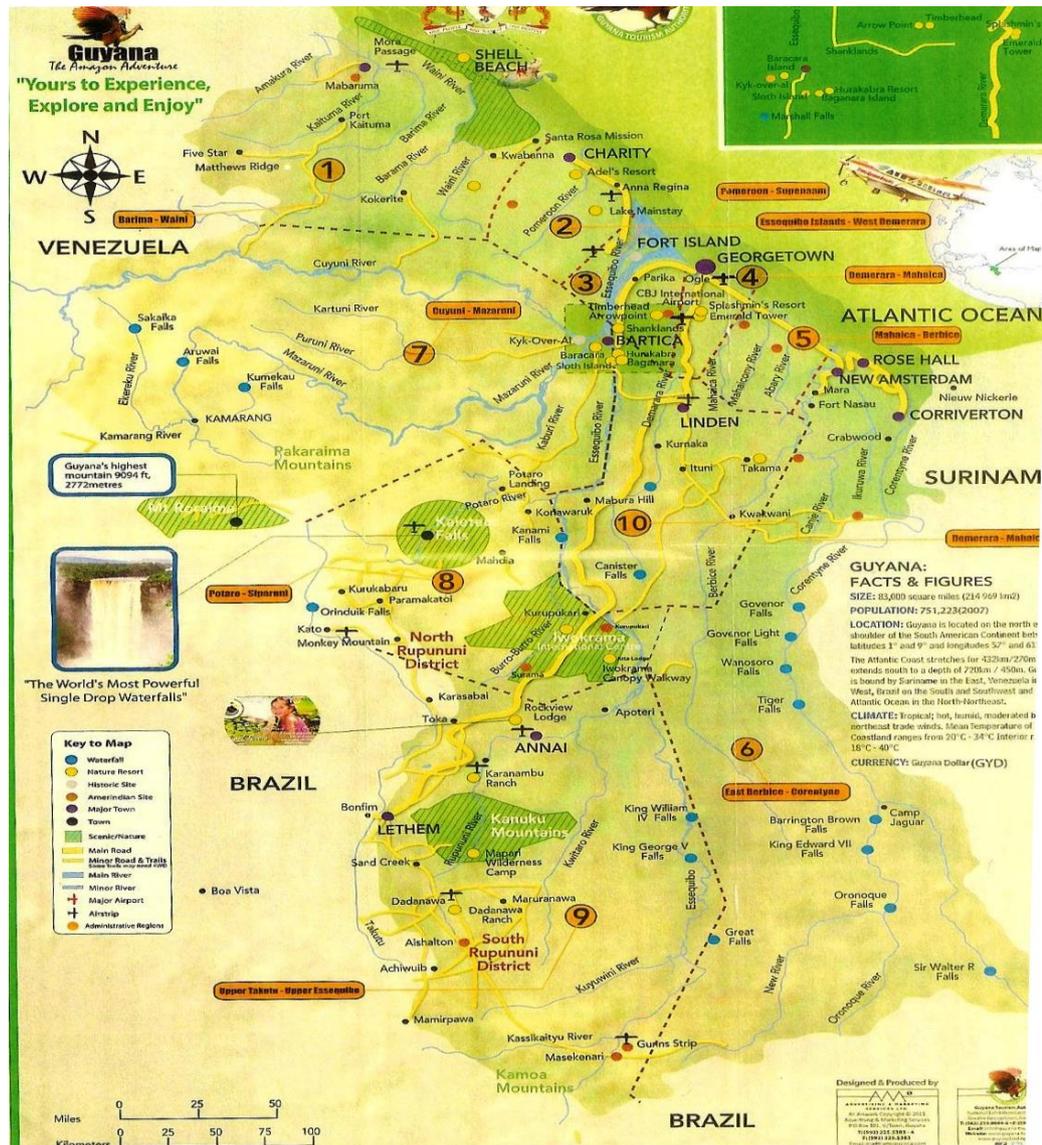
Tabela 2 - Distribuição Regional da população da Guiana, 2002

Região	População	%
Reg.1- Barima-Waini	24 275	3,2
Reg.2- Pomeroon-Supenaam	49 253	6,6
Reg.3- Essequibo Islands-West Demerara	103 061	13,7
Reg. 4- Demerara-Mahaica	310 320	41,3
Reg. 5- Mahaica-Berbice	52 428	7,0
Reg. 6- Corentyne-East Berbice	123 695	16,5
Reg. 7- Cuyuni-Mazaruni	17 597	2,3
Reg. 8- Potaro-Siparuni	10 095	1,3
Reg. 9- Upper Takutu-Upper Essequibo	19 387	2,6
Reg 10-Upper Demerara-Berbice	41 112	5,5
Total	751 223	100

Fonte: 2002 Census Summary, Guyana Bureau of Statistics, 2005.

A formação histórica da Guiana gerou uma distribuição populacional extremamente desigual no país. Quatro regiões (1, 7, 8, 9), localizadas no interior, correspondem a 75% do território do país, mas abrigam somente 10% da população, composta predominantemente de etnias indígenas.

Figura 3 – Mapa da Divisão regional da Guiana



Fonte: Rupununi Adventures 2012

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores (MRE, 1978), apesar de não existir uma política explícita de migração transfronteiriça na Pan-Amazônia, especialmente considerando a existência do Tratado de Cooperação Amazônica, assinado em 1978 com o intuito de promover o desenvolvimento harmônico da Amazônia e fortalecer a cooperação internacional entre os países amazônicos, a migração ou mobilidade transfronteiriça merece ser incluída na agenda da gestão sustentável dos recursos naturais, principalmente nas Guianas as quais são receptoras de uma alta concentração de garimpeiros brasileiros.

Esse fluxo migratório de brasileiros às Guianas se intensificou a partir do início da construção da rodovia Guiana-Brasil que surgiu do protocolo de 1989 e do

acordo diplomático entre Guiana e Brasil em 2003 e efetivado em 2006 para a isenção parcial de vistos – para turistas de ambos os países.

Tabela 3 - População estrangeira na Guiana 2002.

Países de origem	População	%
Barbados	235	2,5
Brasil	1.169	12,6
Canadá	219	2,4
China	641	6,9
Guiana Francesa	126	1,4
Índia	112	1,2
Jamaica	106	1,1
Suriname	2.573	27,9
Santa Lúcia	293	3,2
Reino Unido	314	3,4
Estados Unidos	675	7,3
Trinidad e Tobago	475	5,1
Venezuela	1.168	12,6
Outros	1.143	12,4
Total	9.249	100,0

Fonte: Guyana Bureau of Statistics (2005)

Quanto à distribuição regional desses migrantes, o censo de 2002 destacou a concentração mais alta de brasileiros na região 9 que faz fronteira com o estado de Roraima no Brasil, seguida pelas regiões 4 (Capital) e 8 que também faz fronteira com o Brasil.

Nos casos dos surinameses e venezuelanos, embora a concentração de migrantes seja nas regiões fronteiriças com esses países, há também migrantes localizados em outras regiões, o que indica que a mobilidade espacial dos migrantes desses países não se limita às regiões de fronteira. Com a exceção da região 4, onde Georgetown está localizada, as outras regiões estão localizadas no interior do país, onde a mineração é uma das principais atividades econômicas.

Segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2009), a partir de 1970, a Guiana tem estabelecido diversos acordos e protocolos com Brasil nas áreas de saúde, transporte aéreos, educação e cultura, ciência e tecnologia, agroindústria e comércio. Apesar de não existir um acordo para a livre mobilidade de mão-de-obra com Brasil – como no caso dos países caribenhos –, a mobilidade recíproca na fronteira Guiana-Brasil, é observada desde 1960 (PEREIRA, 2006), e intensificada hoje com a construção da ponte sobre o rio Tacutu.

Atualmente, muitos jovens nascidos na Guiana frequentam escolas de Bonfim no Brasil. Geralmente, esses jovens são de famílias que ainda hoje mantêm vínculos ancestrais no outro lado da fronteira. O resultado desse deslocamento entre os que habitam a região fronteira de Guiana-Brasil são uniões matrimoniais que contribuem para a formação de um grupo de pessoas que se identifica como *guy-bras*. Essa denominação significa que esse grupo de pessoas possui um tipo de identidade dupla, com valores culturais de ambos os países em questão.

1.4 PERCORRENDO AS FRONTEIRAS

Eu já havia viajado várias vezes para Bonfim e Lethem sem interesses acadêmicos. Porém, no início do mês de abril de 2013, como membro do Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras (GEIFRON), fui convidado para viajar a estas duas cidades para realizar uma pesquisa exploratória acompanhado da coordenadora e alunos membros deste Grupo de Pesquisa. Foi determinado um dia para cada cidade a ser visitada e assim, nos dias 26 e 27 de abril, foi realizada a referida pesquisa nas cidades de Bonfim-Brasil e Lethem-Guiana.

1.4.1 Bonfim no espaço e no lugar

O Município de Bonfim surgiu no século XIX, como núcleo de comércio para atender a demanda regional da pecuária bovina, se mantendo neste contexto econômico no século XXI. A região do Alto Rio Branco, onde se localiza Bonfim e Lethem, era habitada por diversos povos indígenas quando os colonizadores portugueses ali chegaram, no século XVIII, em expedições para captura de índios para ser vendidos como escravos. Com a criação das primeiras vilas e o crescimento da atividade agropecuária, no século XIX, toda a região passou a depender da mão de obra indígena, fosse no extrativismo, fosse na criação de gado ou em outros serviços. Muitos povos nativos foram dizimados ou se incorporaram a outros. A maioria hoje é de wapichanas e macuxis..

Bonfim é um município cujo nome é uma homenagem a Nossa Senhora do Bonfim. Depois de vários ciclos comerciais com a cidade de Lethem, na fronteira da

República Cooperativista da Guiana, a vila de Bonfim passou à condição de município em 1º de julho de 1982. Está localizada na margem esquerda do rio Tacutu e na fronteira entre o Brasil e Guiana, sendo ligada a esse país pela ponte² sobre o rio Tacutu desde 2009. Com a inauguração da ponte internacional ligando os dois países, foi aberto um novo corredor que veio facilitar não só o comércio e transporte de mercadorias, mas de pessoas, que até então, eram obrigadas a cruzar a fronteira utilizando a balsa e os barqueiros, pagando por esse serviço. Com a ponte houve aumento do trânsito transfronteiriço com transformações provocadas por esse evento, percebidas já de imediato, como o deslocamento, outrora fluvial, agora terrestre, tanto de pessoas como de veículos como de mercadorias, em que era exigido um tempo maior para a travessia. Esse novo corredor provocou um aumento no fluxo de pessoas em direção a Lethem para fazer compras no comércio, principalmente turistas vindos da metrópole regional (Manaus), intensificando o comércio, promovendo um rápido crescimento econômico local, inclusive com significativas melhorias nas lojas, nas ruas, além do aumento do número de vagas de trabalho e renda.

Com a divulgação dos dados do Censo Demográfico de 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), detectou uma população total de 10.951 habitantes para todo o município, fala-se, além do português, também o inglês em decorrência da forte presença de guianenses na cidade. A cidade possui plano diretor urbanístico com disposição de casas e ruas, fonte de eletricidade interligada ao Sistema de Interiorização da Energia de Guri (GUIA, 2009). A ligação do referido município a Boa Vista é feita pela BR-401, que é totalmente pavimentada.

Durante o trajeto até Bonfim, já envolto no papel de pesquisador e observador, comecei a perceber detalhes que em outras viagens não tinha observado, como o *outdoor* fixado a poucos metros antes da ponte dos Macuxi (saída da cidade de Boa Vista) e a outras tantas placas distribuídas ao longo da rodovia até à entrada da cidade de Bonfim, onde nelas era possível ver propaganda de lojas localizadas na cidade de Lethem, como a que informa a “*Strong*” como a melhor loja para se comprar. Ao chegar a Bonfim, e como o meu objetivo era identificar, mapear e fazer o registro fotográfico de locais onde ocorre a realização

² A ponte é parte do projeto estratégico do Arco Norte, que liga Roraima às capitais da Guiana, Suriname, Guiana Francesa ao estado brasileiro do Amapá, integrando o norte brasileiro ao Caribe. Foi custeada com recursos do governo brasileiro.

de festas que acontecem aos finais de semana, iniciei esta pesquisa exploratória pela avenida principal.

Na ocasião fiz contato com um morador local, que me forneceu várias informações (era um professor de educação física da rede estadual de ensino): que a festa tradicional desta cidade a “Vaquejada de Bonfim” estava suspensa para o ano de 2013, por o recinto onde se realizava esse evento não apresentar os padrões de segurança e que a prefeitura estava preparando um local próprio e que talvez no próximo ano ela voltasse a acontecer. Através dele obtive a informação dos locais onde ocorriam as festas aos finais de semana: eram duas as casas. O Open Bar e o Coqueiros Bar, sendo a última a mais frequentada na cidade.

Na posse dessas informações, dirigi-me à casa de festas Coqueiros Bar, onde tive a oportunidade de coletar informações com a proprietária sobre o seu funcionamento, frequência e público participante. Sobre esta última informação, ao referir a presença de moradores não só desta cidade mas também de guianenses contribuiu para a escolha desta casa de festas para local da minha pesquisa do lado brasileiro desta fronteira internacional.

Das suas informações destaco: que a festa acontece sempre às sextas feiras e que o horário de início está condicionado à presença dos participantes da cidade guianense de Lethem e ao horário de encerramento da fronteira, tendo enfatizado que o evento da construção da ponte e sua abertura ao tráfego de pessoas e mercadorias tinham contribuído pela diminuição de seu público e até prejudicado o desenvolvimento da cidade de Bonfim; outra informação importante para a minha pesquisa foi que nas festas que ali acontecem, dois estilos musicais são exclusivamente oferecidos: o forró e o *reggae*.

De seguida dirigi-me para o Open Bar, segundo local indicado onde se realiza este tipo de evento. Em conversa com o seu proprietário soube que não eram mais realizadas festas neste local, as festas que tinham lugar até uns meses atrás, eram no estilo “discoteca” por o seu espaço ser de dimensões reduzidas; também informou que o som era mecânico e com a oferta de forró e *reggae*. Essa opção se dava devido ao seu público ser constituído de brasileiros de Bonfim e de guianenses de Lethem. Como havia conseguido identificar os locais das festas, utilizei o restante do tempo para visitar outros locais que me pudessem traduzir o modo de viver desta população de cidade de fronteira e assim me ambientar a esta cidade que em breve seria alvo da minha pesquisa.

1.4.2 Lethem: a cidade da fronteira com o Brasil

A cidade leva esse nome em homenagem ao ex-governador da Guiana Inglesa, Sir Gordon James Lethem que governou nos anos de 1946 e 1947. No passado, a área onde atualmente se situa Lethem fazia parte do que se costumava denominar Pirara uma região que originalmente pertencia ao Brasil e foi anexada pela Inglaterra após um contencioso denominado “Questão do Pirara”, arbitrado pelo rei Vitório Emanuel III.

Do ponto de vista étnico, a maioria da população é constituída por indianos e negros (SILVA, 2005, p.9). Segundo Fernandes Neto (2003, p. 34), os primeiros representam a verdadeira diáspora de indianos por todo o antigo Império Britânico em geral, especializados em comércio e profissões liberais, enquanto os segundos representam o grande fluxo de escravos negros do século XIX, trazidos para trabalhar na mineração e na agricultura. Cerca de 22.000 pessoas vivem na região denominada de Upper Takutu-Upper Essequibo, da qual Lethem é a capital, cuja população é de aproximadamente 3.000 habitantes, considerando Tabatinga e Culvert City, vilas anexas. A cidade de Lethem está situada às margens do rio Tacutu, que faz fronteira com Brasil. Do outro lado do rio está situada a cidade de Bonfim, município pertencente ao estado de Roraima-Brasil, a uma distância de 128 km de Boa Vista, sede administrativa do estado de Roraima e a 700 km de Georgetown.

Figura 4 - Ponte sobre o rio Tacutu

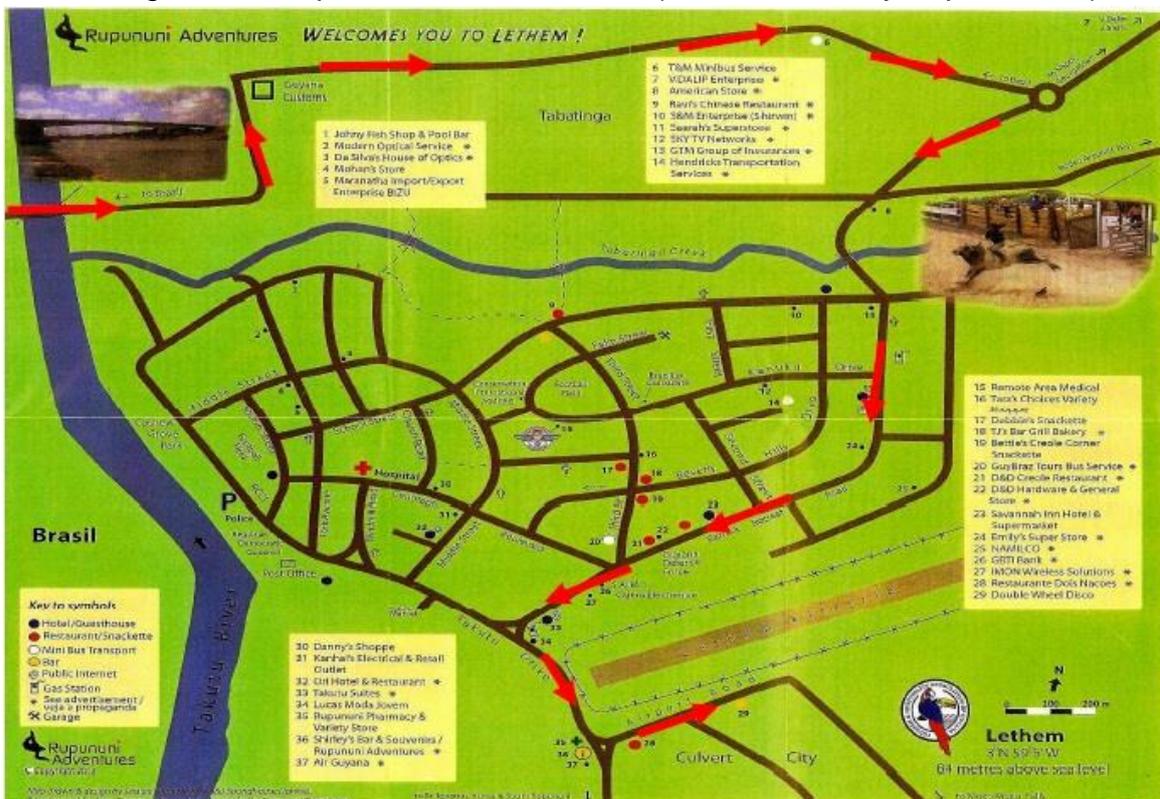


Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:LethemBridge.jpg>

Localizada na região chamada de Planalto das Guianas, Lethem é uma pequena cidade de fronteira que serve de base para viajantes que se deslocam tanto para a capital Georgetown, quanto para Boa Vista. Está localizada a cerca de 100 metros acima do nível do mar.

Em Lethem, a pesquisa foi feita em grupo, e começou pelo lado direito da avenida principal que é onde se concentra a maioria do comércio desta cidade. Fui acompanhando o grupo de pesquisa e sempre perguntando onde se realizavam as festas, locais que necessitava conhecer para mais tarde visitá-los.

Figura 5 – Mapa das ruas de Lethem (setas com o trajeto percorrido)



Fonte: Rapununi Adventures

Ao entrar na primeira loja, me foi informado por uma vendedora brasileira, do nome e da localização das duas casas de shows desta cidade: a *Jags* que está situada na entrada da cidade e a "Double Wheel" situada na rua paralela à pista do aeroporto desta cidade. Programei o período da tarde para a visita a estes dois locais. Continuei junto com o meu grupo de pesquisa participando da aplicação de questionários e observando as lojas, as pessoas que as frequentavam e identificando quem eram os trabalhadores destes estabelecimentos e de tudo o que me fosse útil coletar para subsidiar esta minha pesquisa.

Como pontos importantes a destacar nesta cidade guianense de Lethem foram: a confirmação da presença de uma população heterogênea, com a presença de guianenses, brasileiros, chineses, coreanos, venezuelanos, portugueses, bolivianos, indianos, árabes (muçulmanos) e a presença também das etnias indígenas wapichana e macuxi; que o comércio vive quase que exclusivamente das vendas de produtos a brasileiros; a existência de vários empreendimentos brasileiros, como churrascarias, restaurantes, postos de combustível, lojas de decoração, etc.; do bilinguismo aqui existente (inglês, português), e de um intenso intercâmbio cultural observado através de trocas e empréstimos culturais entre os habitantes de Lethem e da cidade vizinha brasileira de Bonfim.

No período da tarde, como estava previsto, dirigi-me à casa de festas Jags, que está localizada na entrada da cidade de Lethem. A primeira impressão que tive foi a surpresa pela estrutura que a mesma dispõe. As informações aqui foram obtidas através de uma funcionária e as de principal importância para a pesquisa foram: o seu funcionamento é aos finais de semana, com maior participação de público às sextas feiras, que esse público é formado por guianenses e brasileiros moradores de Bonfim (a maioria de trabalhadores das lojas). Quanto ao tipo de som oferecido é baseado em *reggae* e forró, por ser este último da preferência dos moradores de Lethem. Afirmou-me que os melhores meses são julho, agosto e setembro, onde existe uma maior participação de pessoas.

Dei por concluída esta visita e fui para a segunda casa de festas de Lethem, a Double Wheel. Esta se encontra situada na rua paralela à pista de pouso do aeroporto de Lethem. Possui também uma boa estrutura e espaço para a realização das festas, é composta por um salão grande onde existiam muitas mesas e um espaço para pista de dança. Numa das laterais está colocado um balcão onde funciona o serviço de bebidas. Na sua retaguarda possui uma cozinha onde são preparados os pratos e “tira gostos” que fazem parte do cardápio.

Conversei com um funcionário que me passou as seguintes informações: a casa funciona de quarta feira a sábado como bar e que as festas só acontecem aos finais de semana. O horário de funcionamento é a partir das 19 horas e que não tem hora para acabar. O seu público é formado por guianenses de Lethem e de muitos brasileiros de Bonfim. Utiliza som mecânico e às vezes, contrata uma banda de *reggae* para abrilhantar as suas festas, mas que devido ao custo, o som oferecido é mecânico, onde além do *reggae* também oferta musica brasileira, especialmente o

forró, pois os guianenses gostam muito de dançar e ouvir este tipo de música. Ao me retirar, pude observar que na lateral da casa, tem um espaço vazio e murado que serve de estacionamento e que numa das laterais existe um pequeno açougue. Também lhe comuniquei que em julho iria fazer uma pesquisa em Lethem sobre festas. Respondeu-me, que a partir de maio a casa iria ficar fechada, por necessitar de fazer algumas modificações na sua estrutura.

O final da tarde se aproximava rapidamente. Voltei ao encontro do meu grupo de pesquisa que me aguardava para o retorno a Bonfim e Boa Vista, já que dentro de uma hora a fronteira fecharia.

Após algumas incursões esporádicas no período que precedeu a pesquisa, retornei a campo aos 14 dias do mês de agosto do ano de 2013, decidido a estabelecer-me na cidade de Bonfim. Parti de Boa Vista numa quarta feira logo após o almoço e depois de percorridos cerca de 10 quilômetros surgiu o primeiro contratempo: ao passar sobre um buraco dos muitos que existem nos quilômetros iniciais da rodovia BR 401 que liga Boa Vista a Bonfim e à fronteira com a Guiana, tive um pneu estourado, o que me fez perder algum tempo. Mesmo assim, às 16 horas já me encontrava na bifurcação que dá acesso ao centro urbano de Bonfim, através de uma larga avenida, asfaltada.

Segui por esta avenida já tentando localizar um borracheiro para conserto do pneu. Do lado esquerdo encontra-se a rodoviária e do lado direito, um enorme espaço formado por várias quadras, que mais tarde me informaram ser o espaço para a instalação de fábricas e lojas reservado para a Área de Livre Comércio (ALC).

Logo após e ainda do mesmo lado da rodoviária, existe uma grande área vazia, que logo é interrompida por um prédio de dois andares, no qual funciona uma pousada chamada Tacutu e uma *lan house*. Uns metros após, uma academia de ginástica. Logo após avistei uma rotatória no centro da avenida onde é possível observar uma lanchonete/restaurante, a igreja Assembleia de Deus e a cooperativa de táxis de Bonfim. Seguindo por esta avenida encontramos a única farmácia da cidade, uma Lotérica, a padaria Fronteira e o Open Bar.

Uma das características desta cidade que me chamou atenção foi a sua relação com fronteira: qualquer pessoa que chegue a este local percebe imediatamente que está numa região de fronteira devido à apropriação da palavra “fronteira” pelas fachadas de lojas e estabelecimentos comerciais.

Figura 6 - Palavra Fronteira em estabelecimentos comerciais de Bonfim



Fonte: Arquivo pessoal - Bonfim - agosto 2013

Resolvi parar em frente à Lotérica e adentrar para pedir informação de um local onde pudesse consertar o pneu. Estava vazia, estando somente o atendente.

Peço-lhe a informação onde poderia encontrar alguém que me pudesse solucionar o problema do pneu do carro. Indica-me que devo retroceder até a rotatória que fica na entrada da cidade, e que nela, eu encontraria o restaurante Rotatória e que ao lado existia um borracheiro. Daniel é o nome desse funcionário da Lotérica. É natural da Venezuela, casado com uma brasileira.

Em poucos minutos já estava na rotatória. Observo que o restaurante, no momento encontrava-se vazio. Em frente às mesas do restaurante, encontra-se uma rampa onde está um homem lavando um carro. Ao abordá-lo descobri ser ele o borracheiro. Depois, percebi que o seu proprietário, além de serviços de borracharia também executava serviços de lavagem e lubrificação de automóveis.

Quando iniciei o diálogo, percebi que ele não havia entendido algumas palavras e pediu para eu pronunciar as palavras mais devagar ou, então, poderia fazê-lo no idioma inglês. Como querendo se justificar me afirmou ser natural de Gana (país africano) cujo idioma é o inglês.

Durante a execução do reparo do pneu, fomos conversando. Disse-lhe que eu também era africano, e descrevi como tinha sido a minha chegada ao Brasil.

Figura 7 - Mana Kwame (ganense) e Juan Acácio (guianense)



Fonte: arquivo pessoal – Bonfim 18.08.2013

Notei que ele agora estava mais à vontade. Quando lhe falei da razão de estar nessa cidade, ele se colocou à disposição para me fornecer e gravar uma entrevista, uma vez que ele disse “ir sempre no forró do Couqueiros (sic)”. Mas para isso, teria que ser no domingo, após a ida dele à missa, por ter diariamente muitos clientes na sua borracharia.

A borracharia contava com outro empregado. Enquanto o borracheiro colocava o pneu conversei com ele. Disse-me chamar-se Juan, ser guianense de Lethem, casado com uma moradora de Bonfim. Como o pneu havia já sido colocado, paguei pelo serviço e despedi-me desses “novos” amigos.

Ao entrar no carro, vem à minha memória, lembranças de algumas teorias apreendidas durante a minha permanência na academia que embasam as condições para a existência da cultura de fronteira.

Algumas evidências começavam já indicando essa possibilidade: a presença nesta área de fronteira de sujeitos de várias nacionalidades e a existência de uma diversidade cultural significativa, convivendo em um mesmo espaço, a fronteira. Os primeiro contato com habitantes desta região de fronteira me apresentara três sujeitos com nacionalidades distintas. As perspectivas eram animadoras. Começava a identificar as condições propostas por Santos (1993, p.154) para a existência de uma forma cultural específica nesta fronteira, ao afirmar que na contemporaneidade o “regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma

forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam”.

Dando continuidade na apresentação dos itinerários transfronteiriços, na parte final desta avenida, do lado direito há uma igreja Católica e virando à direita, um posto da polícia militar e um mercantil. Dobrando à esquerda, encontra-se o “Coqueiros”, local onde acontecem as festas de forró. Seguindo este trajeto, encontra-se uma rua paralela a esta avenida, onde está localizada a Biblioteca Municipal e em frente desta a igreja Universal do Reino de Deus. É nesta rua que fica a Pousada e Restaurante Fronteira, onde me hospedei. Numa outra rua que cruza a avenida logo após a rotatória, dobrando à esquerda estão localizados: uma escola estadual, o posto de saúde, o fórum e a promotoria de justiça desta comarca. No final desta rua, ao dobrar-se à esquerda, a rua se transforma numa estrada de chão e um pouco mais adiante, em uma trilha que serve de acesso ao bairro São Francisco.

Por este bairro ser o mais próximo da fronteira, é através dele e dessas trilhas, que os moradores de Bonfim utilizam como “caminho” para Lethem, deslocando-se de bicicletas ou mesmo a pé. Esse é o caminho mais curto. Esse bairro é identificado também por “beira”. Quando perguntei a um morador para me orientar onde ficava essa “beira”, me informou que era o bairro São Francisco, mas devido à sua proximidade com as margens do rio Tacutu, fora denominado pelos moradores de “beira”. Este bairro, no Diagnóstico Socio-espacial (2009), da cidade de Bonfim, é apontado como o que mais sofre influência da cultura guianense.

Por volta das dezessete horas cheguei e me instalei na pousada e restaurante Fronteira, local que me iria servir de base durante a minha permanência nesta cidade. Aqui conheci a gerente desta pousada e filha do proprietário, que durante a minha estadia, me auxiliou na identificação dos lugares onde me encontraria com os meus interlocutores.

Inicialmente fui tratado com um relativo distanciamento, como um forasteiro, como o desconhecido que eu era. Apresentei-me como pesquisador, mas era também um *viajero*, em um lugar de trânsito e não de residência onde os encontros tem um caráter fugaz e arbitrário (CLIFFORD, 1997, p.29). Vi logo que, ao realizar observação direta em campo, precisava lidar bem, com essa imagem de viajante para poder apreender aspectos da vida social e simbólica. Após um rápido descanso, me preparei para sair para jantar, já que pretendia deitar-me cedo, pois

estava ansioso que o dia seguinte chegasse, para visitar o “Coqueiros”, local onde iria acontecer a festa na sexta feira. Como já conhecia a proprietária da casa de festas - quando da pesquisa exploratória - iria solicitar-lhe autorização para conhecer o espaço da festa e acompanhar de perto como se prepara e organiza a festa de forró nesta cidade de fronteira.

A pousada onde me hospedei, apesar de ter em sua fachada escrita a palavra “restaurante”, não oferecia almoço nem jantar. Assim, me dirigi ao Open Bar, onde jantei. Retornei à pousada e após preparar o material de pesquisa, conferindo caneta, lápis, caderno de campo, gravador e máquina fotográfica adormeci.

Ao sair da pousada, fui pensando como as fronteiras sempre me causaram curiosidade e motivação por serem espaços territoriais e simbólicos dotados de particularidades. Se eu estava numa cidade de fronteira e se procurava identificar características que constituem uma “cultura de fronteira”, teria que investigar, por meio do diálogo, da observação e do encontro com os sujeitos fronteiriços nesta área urbana, os elementos culturais incorporados, ressignificados e negociados por esses sujeitos de fronteira a partir dos elementos culturais presentes nas festas, mas também no cotidiano, procurando entender a mobilidade física e simbólica e como se relacionam neste espaço com o lugar e as pessoas. Continuando o trajeto, logo ao dobrar à esquerda, observei alguns automóveis com placa de Lethem estacionados próximos à igreja Universal do Reino de Deus.

Figura 8 - Igreja Universal em Bonfim e Tainá Marchiori (esposa do pastor)



Fonte: arquivo pessoal - Bonfim – agosto 2013

O culto havia terminado e os seus frequentadores iam deixando o local. Aproximei-me da entrada da igreja onde se encontrava uma senhora que, se identifiquei como Tainá, esposa do pastor e sua auxiliar. Como estava interessado em saber qual razão da presença desses guianenses em Bonfim e na igreja, convidei-a para me dar entrevista, que imediatamente foi aceita por ela. Respondendo aos motivos desses guianenses comporem o público de sua igreja ela afirmou: “a nossa igreja é bastante frequentada, tanto pelos habitantes de Bonfim como pelos guianenses, mesmo o pastor só falando português, eles vem e participam normalmente do culto”. Depois disse ainda, que em Lethem não existe esta igreja e os guianenses atravessam a ponte todos os dias, para assistir ao culto nesta cidade. Devido à proximidade os moradores de Lethem já incorporaram a cidade de Bonfim como uma extensão da sua cidade. Aqui eles procuram o que “lá” não tem, e que da mesma forma, os habitantes de Bonfim também assim fazem.

Tive que interromper a entrevista por que várias pessoas queriam falar com ela. Caminhei por um quarteirão e no seu final, fazendo esquina, chego ao “Coqueiros”. Logo na entrada observo um homem que estava limpando o lado lateral da rua em frente do portão, já que a rua não tem calçada cimentada. Ao cumprimentá-lo e ao me identificar dizendo que já aí estivera, quando da pesquisa exploratória, ele me informou ser filho da proprietária. Perguntei-lhe pela Dona Cleo e respondeu-me que ela se encontrava no interior do salão.

Ao entrar, reconheci a proprietária, que se encontrava no fundo do salão, apoiada no balcão do bar, orientando duas mulheres que faziam a limpeza desse espaço e outra que limpava os banheiros que ficam na área descoberta do salão de festas. Ao ver-me, ofereceu-me uma água, pois neste horário, já o calor estava elevado. Enquanto bebia a água, fui conversando com ela, falando-lhe que iria começar a minha pesquisa e que gostaria de observar e participar da festa que teria lugar no dia seguinte, mas que gostaria de acompanhar toda a sua preparação a partir de hoje, quinta feira. Ela respondeu-me que autorizaria e que eu estivesse “à vontade”, só que hoje, véspera da festa, ela não iria fazer nada porque, “de uns tempos para cá, depois da construção da ponte, o movimento aqui tem caído e que as festas não são mais como antes da ponte”, e que no próprio dia da festa, ela preparava tudo. Pedi para eu estar somente lá no dia seguinte, dia da festa de forró. Assim sendo, só me restava agradecer e confirmar a minha presença pela manhã do dia seguinte.

Retornei à pousada para pegar o meu carro e procurar um local onde pudesse tomar um café. Dirigi-me à padaria e depois de ter bebido o café, observei que a lotérica onde o Daniel trabalhava, ficava bem ao lado desta padaria.

Como pretexto de ir “fazer” um jogo, adentrei à lotérica e após registrar uma aposta mínima, reparei que não havia mais ninguém. Iniciamos um pequeno diálogo, onde logo aproveitei para lhe falar da pesquisa que estava fazendo. Após ter tido a informação que ele iria estar na festa de sexta feira no forró, falei-lhe que, gostaria muito de gravar uma entrevista com ele. Respondeu-me que aceitaria e me convidou para no sábado, no final da tarde, ir a sua casa.

A hora do almoço aproximava-se e me dirigi para a pousada. Ao chegar, telefonei para um informante (o professor) que eu conhecera durante a realização da pesquisa exploratória e se havia prontificado a conversar comigo. Ao me identificar imediatamente se lembrou de mim e convidou-me a ir a sua casa. Falou-me que morava no bairro São Francisco, popularmente conhecido por “beira”. Com alguma dificuldade para chegar ao endereço que ele me fornecera, fui percorrendo as ruas e perguntando a transeuntes pelo nome da rua, o que pouco auxiliava, até que, ao abordar um morador, por ele fui questionado do nome da pessoa que eu procurava: “aqui é mais fácil encontrar a casa de alguém perguntando pelo nome”. Quando proferi o nome da pessoa que eu buscava, no mesmo momento ele me indicou o local onde ficava a casa do professor. Ao chegar, o professor já me aguardava, com duas cadeiras em frente à porta de sua casa, onde fui convidado a sentar, passados os cumprimentos iniciais.

Figura 9 – O professor Shirleno



Fonte: arquivo pessoal - Bonfim - agosto 2013

Perguntou-me se aceitaria beber algo, e quando lhe falei que poderia tomar um café, respondeu-me: "cara me desculpa, aqui em casa somente chá e é com leite (sic)". Comentei que nunca havia experimentado essa bebida, mas que iria acompanhá-lo. Mesmo sendo eu um "viciado" em café, acabei por bebê-lo, apesar de não ter tido a minha aprovação.

Após explicar a finalidade da minha visita, formulo a pergunta inicial. Pedi para me falar sobre como era viver na fronteira, da convivência com os vizinhos guianenses de Lethem, do intercâmbio cultural aí existente, seus hábitos gastronômicos, seu lazer, das festas, do forró e *reggae*, sobre os impactos provocados pela inauguração e abertura da ponte sobre o rio Tacutu, ou seja, falar sobre o que quisesse sobre as trocas culturais aí existentes.

Iniciou a entrevista afirmando que era professor da rede estadual de ensino em Bonfim, tinha 38 anos de idade, que apesar de já ter recebido vários convites para sair daqui, ele se sente um "filho desta terra" e jamais pensou em sair. Sempre viveu aqui e que aqui se sente bem e jamais sairá daqui. Segundo o professor "a nossa cultura é baseada no intercâmbio cultural entre Bonfim e Lethem". E acrescentou: "lá é igual aqui".

Entendo que, com esse dito de que lá é igual aqui o entrevistado morador desta fronteira assegura as diferenças enquanto testemunha também a igualdade.

A partir desta parte de entrevista, ele vai narrando a sua história de vida. Diz que nasceu em 1975 no hospital de Lethem, na Guiana, porque Bonfim quando sua mãe "deu à luz", não tinha hospital e era em Lethem que os habitantes de Bonfim procuravam tudo, pois Bonfim "não era o que é hoje". E acrescentou que atualmente os guianenses procuram o serviço de saúde em Bonfim e quando o caso é mais grave são levados até para a capital, Boa Vista, porque "se chega mais rápido a Boa Vista do que à capital, Georgetown", e somente lá "tem bons hospitais"..

Em relação às festas, informou-me que frequenta com regularidade as festas que acontecem tanto em Bonfim como em Lethem, pois tem muitos amigos em ambos os lados da fronteira, e enfatiza: "sabe, eu cresci lá e aqui". Que "curte" muito o forró e que adora o *reggae*, que, para ele, "setenta por cento da população daqui é acostumada ao *reggae* (sic)". E acrescentou: durante toda a sua vida, a principal diversão desta fronteira foram sempre as festas de forró e de *reggae* e assim o *reggae* já "pertence à nossa cultura". Por esta afirmação pode-se perceber que o *reggae* é um produto cultural já incorporado à cultura desta região de fronteira,

legitimado e identificado pela população de Bonfim. Segundo o professor, “*reggae* é paz”, e que quem não gosta, é “porque o associa à maconha, é preconceito”.

De acordo com Rosendahl e Corrêa (1999), o *reggae* e o seu sentido foi sempre interpretado de diversas maneiras. Por ser um produto cultural que a população periférica menos favorecida se identifica, sempre foi visto com um forte preconceito. Muitos vêm o *reggae* como algo prejudicial ao bem estar social e moral. A alegação mais frequente é de que os espaços onde ele circula são locais de concentração de marginais e desocupados, além do consumo de drogas.

O professor afirmou ainda que faz as suas compras em Lethem. Por esse motivo, disse que tem sempre em seu poder, dinheiro guianense: “tenho e uso sempre essa moeda, pois faço as compras de gêneros alimentícios em Lethem, que são mais baratos” e que não se preocupa em saber da cotação do Dólar guianense, porque quase todos os produtos estão nos estabelecimentos de Lethem com os preços marcados tanto em Dólar Guianense (GYD) como em Real.

Ressaltou que a sua maior preocupação é não encontrar o produto em Lethem, porque “aí sim, fica complicado, tem que pegar em Boa Vista e aí vai dinheiro, gasolina e tempo, se não tem em Lethem, muito menos em Bonfim (sic)”.

Ao falar sobre a construção da ponte que ligou os dois países, afirmou que com ela houve um aumento expressivo do fluxo de pessoas, pois “a ponte melhorou e veio facilitar o acesso a Lethem”, agora é maior a rapidez, “antes nós tínhamos que esperar a balsa e ela não oferecia segurança”.

Em sua opinião atribuiu à ponte o grande desenvolvimento da cidade vizinha: “Lethem cresceu demais” e que, Bonfim não tinha experimentado a mesma dinâmica, antes pelo contrário “hoje Bonfim parou no tempo”. E justificou a sua afirmação dizendo que “se antes da ponte as pessoas já paravam pouco em Bonfim agora passam direto, não precisa entrar em Bonfim, tudo o que não existia do outro lado, agora tem”.

Estava terminando a entrevista. Contou-me ainda, que fala “mais ou menos” o inglês da Guiana, e que “consegue se virar” por lá. Também enfatizou que “tenho muitos amigos em Lethem”, e que durante anos, fez parte de uma equipe de futebol de Lethem, chegando até a disputar jogos na capital, em Georgetown. Em relação à gastronomia, afirmou: “eu estou acostumado à gastronomia guianense, em minha casa, sempre variamos, comida brasileira e comida da Guiana”. Acrescentou ainda que quando recebe os seus amigos casa, quem cozinha é ele e que não tem

dificuldades na escolha das comidas que vai oferecer: “faço sempre um feijão, um arroz, farofa e uma salada, depois ‘faço’ uma carne e um frango, sendo que em um deles, tempero com o *curry*”. Procedendo desta forma, ele sabe que todos os seus amigos vão gostar: “sei que vão comer dos dois”. Enfatizando esse seu gosto pela comida guianense, me descreveu o “*curry*”, o tempero que ele utiliza quando prepara “o frango ou a carne ao *curry*”. Como curiosidade informou que sabe cozinhar e conhece bem a comida da Guiana, que até teve já um projeto de pesquisa seu aprovado pela Universidade Estadual de Roraima, sobre o “*curry e o roti*” guianenses³.

Figura 10 - Frango ao *curry* e à direita o *roti*



Foto: arquivo pessoal - Bonfim - ago.2013

Quando lhe perguntei se na escola em que ele é professor existem alunos guianenses estudando, afirmou que sim, e que de igual modo, “alunos do ensino regular de Bonfim, estudam de manhã aqui e à tarde em escolas de Lethem, pois precisam aprender o inglês”. Muitos deles são filhos de matrimônios entre pessoas de ambos os países, e tem família de ambos os lados da fronteira.

Recordo-me, que quando da pesquisa exploratória, estive presente em um encontro em que a coordenadora do grupo de pesquisa (GEIFRON) entrevistou a perfeita de Bonfim que estava acompanhada da secretária de educação desse

³ *Roti* é um tipo de pão achatado, feito sem levedura, típico do sul da Índia e países vizinhos, principalmente Maldivas e Sri Lanka. Este pão é popular noutras regiões onde existe uma população significativa de origem indiana, como na África do Sul, Suriname e Guiana.

Curry (caril na versão portuguesa) é uma mistura de especiarias muito utilizada na culinária de países como Índia e Tailândia e alguns outros países asiáticos.

município. A secretária da educação me confirmou que muitos alunos, tanto brasileiros como guianenses, estudam em ambas as cidades desta fronteira. Que o aprendizado da segunda língua geralmente acaba por se dar ou através da frequência escolar ou de forma natural, no caso dos brasileiros adultos de Bonfim, que aprendem o inglês pela convivência do cotidiano ou pela própria necessidade do mercado de trabalho. Dei por concluída a entrevista, mas antes disso acontecer, o professor me avisa: “amanhã lá estarei no forró”.

São evidentes as estratégias e negociações que tem lugar nesta fronteira entre os habitantes destas duas cidades. Esta fronteira não pode ser apenas encarada como marco construído que impõe limites e divide, mas vista como passagem, diálogo, intercâmbio e trânsito. Se esta fronteira ultrapassa os próprios limites que fixa, segundo Pesavento (2002, p.37), “ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar de contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica”.

A noite se aproximara e com ela a hora do meu regresso à Pousada. Amanhã seria o grande dia. Iria acompanhar a preparação e organização da festa de forró de Bonfim e à noite a sua realização.

CAPÍTULO II

2. FESTAS

Para o entendimento sobre festas e seus conceitos, neste capítulo reporto-me, inicialmente, a estudiosos desta temática e também à história e características dos dois estilos musicais e de dança presentes nas festas, para depois descrever os locais onde são realizadas bem como a preparação, organização e finalmente a produção das duas festas: a que teve lugar no “Coqueiros” na cidade brasileira de Bonfim e a da “Jags” na cidade guianense de Lethem..

2.1 Mas o que é festa?

Festa remete então, à alegria, bem-estar, “de coisa boa”, possuindo um extraordinário poder de mobilização, o que a torna um excelente e lucrativo negócio para o município ou grupo que a realiza, fato que justifica o grande número de festas realizadas atualmente no Brasil, tornando tudo, ou quase tudo, um objeto comemorativo. Afinal, somos o país do carnaval, do futebol e do samba. Para Oliveira (2007, p. 1), “toda festa corresponde a um tempo-espço especial. Mais precisamente, forma a demarcação de um fazer coletivo”.

A falta de definições precisas, a ambiguidade relativa ao termo e sua difícil apreensão, por seu caráter efêmero, são características já apontadas em estudos que têm as festas como centro de seus questionamentos. O termo festa rende bem uma denominação genérica, mas cria problemas quando se trata de singularizar e conceituar. Segundo Perez (2012, p.23), “identificar um determinado evento como festa, em sentido geral, não parece difícil, mas tudo se complica à *la fois* quando se trata de qualificar e de particularizar; logo, o termo denomina, mas não conceitua”.

Para a temática festa, os dois principais desenvolvimentos teóricos para que se possa posteriormente, descrever cada festa, identificá-la e analisá-la, são os que apresentam a categoria festa como: 1- subversão do cotidiano ou 2 - prolongamento do cotidiano. Em termos gerais, serão tomadas as proposições desenvolvidas pelos autores, Jean Duvignaud (1983) e Norberto Luiz Guarinello (2001), representantes

das tendências acima citadas, bem como posteriores desdobramentos acerca destes dois polos teóricos como Rita Amaral (1998) e Léa Perez (2012).

Duvignaud (1983), classifica a festa considerando a participação como elemento fundamental o que permite dividi-la em dois tipos: festas de participação e festas de representação. Na categoria festas de participação, incluem-se cerimônias públicas das quais participa a comunidade no seu conjunto. Os participantes são conscientes dos mitos que ali são representados, assim como dos símbolos e dos rituais utilizados. No Brasil, festas religiosas como as festas de candomblé e a maior parte dos carnavais pertencem, a esta categoria. As festas de representação são aquelas que apresentam “atores” e “espectadores”. O elemento importante é que os participantes são em número limitado enquanto os espectadores são muito numerosos. Este autor, vê na festa não uma tentativa de regeneração ou um modo de reafirmação da ordem social vigente, mas a ruptura, a anarquia total e o poder subversivo, negador da festa. Para ele, o poder da festa não é exclusivo de uma cultura ou de outra, mas perpassa todas elas, como um grande destruidor. A festa evidencia a “capacidade que têm todos os grupos humanos de se libertarem de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis e em forma que é a natureza na sua inocente simplicidade” (DUVIGNAUD, 1983, p.212). A festa é um espaço de violação das regras que destrói a aparente normalidade da vida coletiva, pois quebra com a sequência do cotidiano, instaurando o que ele chama de “subversão exaltante”. Na essência da festa estaria a capacidade de despertar e animar os sentidos; o participante perderia o domínio da percepção e emergiria no terreno das “dimensões ocultas” (dimensões da existência), que o remetem à dimensão do imaginário. A festa se tornaria o instrumento para a comunidade alcançar a sua finalidade última: o mundo reconciliado a partir de um estado fraternal. A partir desta perspectiva, a festa é uma ruptura do cotidiano, uma visão semelhante à de Durkheim (1996), quando da comparação entre rituais e recreações coletivas.

Guarinello (2001), na tentativa de delinear o conceito de festa, vê a festa, não como realidade oposta ao cotidiano e sim, como uma produção deste, fazendo parte do próprio cotidiano. Assinala ainda que a festa é produção de memória, associando esta à identidade no tempo e espaços sociais. De acordo com este autor, a festa é vista também como produtora da identidade,

festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que dá sempre num tempo e espaço definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um produto de confluências das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001, p.972).

Segundo Guarinello (2001), festa “não é um termo neutro, mas o centro de uma polêmica; sua definição mexe com nossos valores, com nossa visão de mundo”. A festa é um palco, uma arena onde as ações são performadas por atores sociais e para uma audiência que participa do próprio espetáculo festivo. Mas também é o local onde o espectador se deixa levar pelo enredo, adentra em outra realidade e vive uma história paralela (a da festa) ainda que por pouco tempo. Assim, também a audiência será atuante. Será, então, um texto – e lembrando Geertz (2008), quando afirma que a cultura é um texto – não um texto morto, mas um roteiro dramático que está em permanente construção e, paradoxalmente, em encenação. De acordo com Guarinello (2001, p. 970), “a própria definição social de festa é, assim, um palco no qual se defrontam diferentes interpretações do viver em sociedade”.

Para Amaral (1998, p.10), a festa constitui “uma mediação entre diferentes dimensões culturais, categorias e símbolos”, pois segundo esta autora, para as festas são traduzidas muitas das experiências, expectativas de futuro e imagens sociais. A festa é capaz ainda de diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. Mais ainda, ela é o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre as estruturas econômicas, simbólicas, míticas e outras, aparentemente inconciliáveis.

Assim, e como a característica básica de toda a mediação é ser engendrada pelo mito e conciliar o inconciliável, pode-se dizer que a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, alimentação, dança, mitos e máscaras atestam com veemência esta proposição. A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis (AMARAL, 1998, p. 52).

Ao retratar as histórias passadas da cultura do povo de origem, a festa se apresenta como um espaço privilegiado para a invenção de tradições e a consolidação de costumes, fazendo fluir novos símbolos e valores culturais. Assim a festa se torna palco desta troca. Para Amaral (1998), a festa é um momento de experimentação da liberdade. Para ela, a festa pode comemorar acontecimentos, reviver tradições, criar novas formas de expressão, afirmar identidades. Pode ser o espaço de protestos, ser ritual, divertimento e ação política ao mesmo tempo. Também, “é um fato social no total, no sentido que Mauss deu ao termo⁴. É o espaço onde a sociedade se reconhece e escreve sua história tal como ela a compreende” (AMARAL, 1998, p.40).

De acordo com Amaral (1998), as festas parecem oscilar entre dois polos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo). Elas se diferenciam dos ritos cotidianos por sua amplitude e do mero divertimento pela densidade. No entanto os dois elementos têm afinidades. Como toda a festa é um ato coletivo, ela supõe não só a presença de um grupo, mas também, sua participação, o que diferencia a festa do puro espetáculo. O critério da participação parece ser fundamental na definição de festas. “Uma festa com pouca participação ou poucas pessoas não é considerada uma boa festa” (AMARAL, 1998, p. 40).

2.2 Festas na fronteira

O espaço fronteiro entre Brasil e Guiana, vem sendo modificado em função dos avanços tecnológicos de comunicação e transporte, que o torna local de encontro e lugar privilegiado que permite o estudo e o entendimento das diferentes realidades culturais sobre esse espaço. Este é caracterizado por deslocamentos contínuos, que favorecem a migração e ao mesmo tempo, este processo migratório proporciona encontros culturais e jogos de identidades. A Geografia tem um papel importante na compreensão da espacialidade das festas não como a ocupação

⁴ A ideia de fato social total, desenvolvida por Marcel Mauss (1974), pressupõe que um fenômeno deve ser apreendido na sua totalidade, analisando-se as dimensões do comportamento humano, não só a nível biológico ou fisiológico, mas também social e psicológico. Esta ideia permite ligar o individual ao social, em experiências concretas, considerando a sociedade localizada num espaço e tempo determinados e os indivíduos presentes nela.

física de uma área da cidade, mas como a constituição de territorialidades e discursos sobre o lugar que definem a prática sócio-espacial específica daqueles que a executam. É a partir da visualização da diversidade espacial da paisagem, que será compreendido o espaço geográfico na sua totalidade.

No contexto festas, Amaral (1998, p.39), indica que a festa apesar de interromper a temporalidade cotidiana busca nesta os elementos necessários para a execução da festa. Guarinello (2001), seguindo a mesma perspectiva, destaca que a festa é uma produção do cotidiano onde circulam bens materiais, influência e poder, onde sentidos sociais são exaltados, expressando os conflitos e tensões que permeiam a vida social. Este estudo valoriza a festa como uma exaltação de relações cotidianas onde se observa sujeitos interagindo a fim de formarem suas práticas espaciais e definirem suas paisagens, territórios e lugares. Assim, a festa é considerada uma situação social na qual, sujeitos que habitam os dois lados da fronteira se encontram e produzem a festa. Desta forma, estas festas apresentam dupla condição, pois possibilitam a participação dos sujeitos habitantes das duas cidades, sendo um momento no qual os diferentes se encontram e neste uma imagem é construída sobre a comunidade e o local que habitam na fronteira.

As vias de compreensão da espacialidade produzida por festas populares são referidas abaixo e demonstram que a execução destas se refere às formas pelas quais grupos sociais se relacionam e tentam fixar no espaço suas características simbólicas. Paisagens, lugares e territórios são desta forma, expressões do cotidiano da comunidade que realiza o festejo.

Ferreira (2005) compreende a espacialidade produzida por uma festa como ponto onde se articulam diferentes grupos sociais que compõem uma cidade. O autor destaca que um dos papéis das festas na vida urbana é afirmar a participação numa coletividade e mostrar a especificidade da cultura local, através de uma manifestação que dá sentido ao lugar por meio de valores simbólicos. Segundo o autor, a festa é dominada por um discurso de poder que orienta ações e apropriações mobilizando sistemas simbólicos produzidos pelos grupos que a produzem. E, ainda que não seja, planejado e organizado eles fazem funcionar as apropriações e relações no lugar.

Para Di Méo (2001), a festa produz ou reafirma uma identidade onde as práticas cotidianas da comunidade que comemora são representadas. Por isso, a festa destaca os paradoxos e conflitos que definem qualquer identidade e o

processo complexo onde a visão da alteridade é forjada. Segundo este autor, a festa um interstício espaço temporal marcado simbólico e fisicamente, sendo muitas vezes representante do *habitus*⁵ local.

As festas realizadas nestas duas cidades fronteiriças, Bonfim no Brasil e Lethem na Guiana podem ser pensadas a partir das considerações de Amaral (1998), e Di Méo (2001), pois buscam, nas relações do cotidiano, elementos para caracterizar o acontecer da festa. De acordo com Bezerra (2007, p, 176), “a festa é o espaço de múltiplas territorialidades” produzidas pelos atores sociais presentes no espaço-tempo da mesma, como organizadores, prestadores de serviços ou participantes. A festa representa um evento que dá contorno humano ao lugar. O espaço da festa é representado, nomeado e vivido, frequentemente apropriado por seus usuários, habitantes e visitantes de um dia de festa. Ela não reduz o lugar onde ocorre, ela se justapõe, exaltando o contato direto entre as pessoas (DI MÉO, 2001).

A festa ajuda a reforçar o sentido do lugar já estabelecido pelos que a executam, ela reforça o sentido que cada um atribui para a mesma. No entanto, isso não quer dizer que não haja contradições nas festas, ela contém em si a contradição cujos processos são observados em seu interior.

As festas trazem de volta aspectos da cidade que tornam “cada uma delas [...] determinada e determinante de seu lugar.” (FERREIRA, 2005, p. 313). Assim, festejar, não é só comemorar datas e reproduzir danças, é constituir na cidade uma identidade sócio-espacial, ressaltada nos elementos eleitos como norteadores do acontecer da festa. As festas provocam sentimentos espaciais num determinado grupo, pois ela produz um espaço com significado. Esse é produto das relações entre os sujeitos, entre o sentido que cada um atribui ao local onde a festa se realiza. O lugar não é produto apenas da festa, esta renova as características atribuídas a ele cotidianamente por um ator ou conjunto de atores.

Segundo Di Méo (2001), as festas demonstram a existência humana, pois elas através das formas como são comumente reconhecidas, festas do calendário cósmico, de santos ou nacionais, escondem os conflitos entre dois grupos territoriais vizinhos ou entre grupos internos, servindo para reforçar os laços simbólicos com o território. Este autor enfatiza que a festa produz uma carga simbólica que qualifica o

⁵ Bourdieu (1998) define *habitus* como uma matriz que determina uma posição social a partir da qual as pessoas podem pensar, ver e agir, constituindo julgamentos, valores e modos de vida aceitáveis e, por isso, é um meio de ação onde as pessoas desenvolvem estratégias individuais e coletivas.

lugar e, os jogos de sentido nela demonstram conflitos sociais. Afirmção está de acordo com Guarinello (2001), quando conclui que a festa não apaga as diferenças, ela cria uma identidade diferenciada e conflituosa.

A festa além de ser um espaço de trocas simbólicas define o resultado dessas trocas e, portanto, é um espaço aberto do qual, diferentes sujeitos participam. A festa é uma ocupação simbólica e discursiva. A festa é um momento de interação social onde sujeitos constituem saberes acerca do local que ocupam e sobre a cidade que habitam.

2.3 O Forró e o *Reggae*

A música popular brasileira nasceu predestinada à riqueza, se atendermos à marca particular e o caráter multicultural da sociedade brasileira, que traz em si a mistura de culturas de três povos que inicialmente formaram o conjunto dos habitantes destas terras: os índios, os negros e os brancos. Cada um destes povos contribuiu na composição do legado cultural brasileiro e a música não teria como escapar desse mosaico. Além de uma formação enraizada na composição da sociedade, o Brasil possui manifestações que surgem de condições diferenciadas, uma vez que, embora a própria música popular brasileira tenha suas extensões em culturas externas ao país, a fixação de outras formas musicais em determinadas regiões do Brasil se faz de maneira intensa, mesmo considerando-se o caráter universal da música.

Como exemplo tem-se o *rock* no sul, o *funk* no sudeste, o *calypso* no norte e nordeste do Brasil e o *reggae* no Maranhão e em Roraima, com maior aceitação e amplamente difundido no município de Bonfim, na fronteira com a Guiana. De acordo com o Dicionário do Folclore Brasileiro, Forró é o mesmo que arrasta-pé que tem como significado baile reles, o mesmo que bate chinela ou o mesmo que fobó⁶ (CASCUDO, 1972). Segundo Chianca (2006, p.87), forró é festa, é dança e é música, pois “dança-se forró num forró, enquanto se escuta um forró”. A dança se dá entre pares enlaçados. A mulher apoia sua mão esquerda sobre o ombro do parceiro e a mão direita se apoia na mão esquerda do parceiro, portanto, o casal une as

⁶ Outra versão que é resultado de uma leitura sobre as definições de Cascudo nos diz que o termo forrobodó é uma expressão africana que segundo o historiador Câmara Cascudo significa “algazarra”, “festa para a ralé”, “arrasta-pé”.

mãos para poderem dançar. O homem enlaça a sua parceira pela cintura com a mão direita e a outra mão segura a mão da parceira. As pernas se encaixam em um movimento rítmico embalado pela música que também nomeia a festa: o forró.

De acordo com Dreyfus (1996), já em meados da década de 1920, existia um tipo de festa que a autora designa como forró. Ela ressalta a importância das festas no ambiente rural: “mas o que ninguém perdia mesmo, eram os forrós, todo o fim de semana (DREYFUS, 1996, p.37). Porém, foi somente “no final da década de 1970, a palavra forró adquiriu um segundo sentido [...] o forró⁷, que significava originalmente baile, passou a designar também o ritmo sobre o qual se dançava no baile” (DREYFUS, 1996, p. 275). As festas de forró contemporâneas estão ligadas ao criador e divulgador desse ritmo musical, o sanfoneiro Luiz Gonzaga. De acordo com Chianca (2006, p.68), “Gonzaga assumiu para si a tarefa de representar a música regional nordestina, do interior. Esse estilo foi batizado inicialmente de baião, xote e xaxado”. É importante enfatizar que o termo forró só ganha o significado de gênero musical a partir de 1970 – antes significava apenas baile e festa.

Segundo Pereira (2011), o forró do norte do Brasil, também denominado de forró brega apresenta-se redefinido por mudanças, no uso de instrumentos musicais não comuns ao forró do nordeste brasileiro. No forró brega foram introduzidos a guitarra eletrônica e em algumas bandas o contrabaixo. Deste modo a dança, também, apresenta diferenças no balanço do corpo e no ritmo dos passos. Contudo, serve ao mesmo propósito, qual seja a expressividade da alegria brasileira e os inúmeros significados que compõe o ato de seguir o ritmo do corpo do outro.

O *reggae*, de origem jamaicana e popularizada nesta região de fronteira como bem cultural é professado pelas camadas populares não só da Guiana como de Bonfim. O *reggae* constitui-se da heterogeneidade de povos. É um gênero musical resultante da mistura de ritmos africanos, indígenas e europeus misturados desde a colonização da Jamaica. É um estilo que retrata todas as lóstimas trazidas com a modernização da Jamaica, como o desemprego, a falta de moradia, as condições de trabalho precárias, não correspondendo com as expectativas da população após a independência. Atrelado à filosofia rastafári, manifestava um

⁷ A autora discorda da versão etimológica, difundida por Geraldo Azevedo e Capinam, na música “*For all*”, para todos (1982), que atribui a invenção do termo a uma contração “abrasileirada” do termo inglês “*For all*”. Essa versão indica que o termo foi utilizado pelos operários ingleses, para denominar seus bailes noturnos, durante a construção das ferrovias brasileiras ao longo da primeira metade do século XX.

sentimento de rebeldia e descontentamento, o qual foi sendo destacado nas letras das músicas. Bob Marley, um dos principais ícones da música jamaicana, foi o elo entre o *reggae* e a filosofia rastafári, projetando o movimento para além das fronteiras territoriais. A mesma autora, também se refere a mudanças na música *reggae*, ao afirmar que atualmente foram introduzidos alguns instrumentos eletrônicos não comuns aos de origem jamaicana e que, por este motivo, em alguns lugares, passa a ser chamado de “fosca”. Entretanto, os ícones que são associados ao *reggae*, tais como o rastafarismo, o gingado do corpo, a negritude falam de um significado que não se perdeu e permanece sendo repassado na cultura guianense.

Assim, forró e *reggae* estão presentes na fronteira do Brasil – Guiana. Há uma relação democrática no ouvir e dançar os dois estilos.

2.4 O “Coqueiros”: a casa de Forró em Bonfim

Sexta feira, 16 de agosto. Chegara o dia da festa. Queria ser dos primeiros a chegar ao local onde, mais tarde, iria acontecer o forró, para poder acompanhar toda a organização e preparação da festa. Porém necessitava também de fazer a descrição do espaço físico onde a festa vai acontecer. Ao chegar logo constatei que as duas casas onde acontecem as festas de forró em Bonfim possuem vários aspectos em comum, no entanto o “Coqueiros” é o único que é cercado por muros. A primeira impressão quando se chega ao “Coqueiros” é que a sua proprietária tem um cuidado especial com a aparência da sua casa. Os muros e fachada são pintados. Na entrada, um pequeno portão de ferro estabelece os limites.

Figura 11 – “Coqueiros”- casa de forró



Fonte: arquivo pessoal - Bonfim ago.2013

Mais tarde soube pela proprietária que esse portão só é fechado quando a festa é paga e funciona a bilheteria. Segundo informação da proprietária as festas com bilheteria nessa fronteira (portão) é bastante tênue: “não deixo juntar muita gente do lado de fora, o meu cliente entra com o dinheiro que traz no bolso”. Quando não tem todo o valor do ingresso, ela negocia, individualmente, fazendo os ajustes para que a pessoa participe da festa.

Figura 12 - Entrada do “Coqueiros”



Fonte: arquivo pessoal – Bonfim ago.2013

A organização de cada festa segue um padrão pré-estabelecido. O horário, como vai ser o som (ao vivo ou som mecânico), o valor da entrada (no caso de funcionamento da bilheteria), se mulher irá pagar, são pontos importantes em termos de participação, uma vez que estes bailes acontecem quase todo o final de semana, com maior incidência atualmente às sextas feiras.

As formas de sociabilidade estão diretamente relacionadas à realização das festas de forró. Uma festa com pouca participação de pessoas não é considerada uma festa “boa”, por isso, a organização é muito importante. Quando se fala em “casa lotada”, significa que o limite de participantes do forró ultrapassou o normal, o que já foi uma constante – segundo a dona, antes da construção da ponte, nunca houve festa com pouca gente e isso, para ela é algo inconcebível, mas agora, “já faz tempo que não contrato banda de forró, o público caiu muito, agora do outro lado já tem tudo o que tem aqui (sic)”.

Após a passagem pelo portão observa-se um amplo espaço todo cimentado, onde existe uma parte coberta que demarca a pista de dança e um pequeno palco com um telão. Logo a seguir à pista e já no fundo do salão, está o balcão do bar que internamente comunica com a cozinha.

Figura 13 – Pista de dança, telão e balcão do bar



Fonte: arquivo pessoal - Bonfim ago.2013

Logo após a cozinha, existe um corredor que dá acesso à moradia da proprietária. Durante a minha permanência constatei que ela mora aí, junto com um filho. A residência está localizada nos fundos do salão. Observo que a casa de moradia da proprietária faz parte deste espaço.

DaMatta (1981, p. 81), no seu estudo sobre o carnaval, coloca “o espaço familiar das casas como espaço de intimidade e as ruas como espaço público”. Aqui, isso não acontece. Em seu depoimento, sobre esta situação ela afirmou que quando construiu a casa, sobrou um espaço grande, “aí foi só cimentar o chão e cobrir essa parte na entrada e pronto, virou esse espaço que você tá vendo no quintal da minha casa. É aqui que faço os bailes”.

O fato de a casa ser um espaço ao mesmo tempo íntimo e público é de extrema relevância, pois a intimidade entre a dona da casa e as pessoas que frequentam a festa de forró, tem relação talvez com a participação e popularidade da festa. Segundo ela, as pessoas que frequentam as festas que ela realiza “se sentem em casa” e fez questão de enfatizar: “conheço todo o mundo que aqui vem, todos

são meus amigos”. Também referiu que, o domicílio ao estar dentro do espaço da festa, facilita um ponto de apoio para a realização do evento.

Nas laterais do salão e na parte sem cobertura, o espaço também é utilizado como pista de dança, quando acontece a presença de um público maior. Tanto nas laterais da pista como no restante do espaço são colocadas mesas com cadeiras de plástico. Numa das laterais e junto ao muro estão os dois sanitários.

Figura 14 - Sanitários e laterais do salão sem cobertura



Fonte: arquivo pessoal – Bonfim ago.2103

2.5 Ritual de preparação da festa de Forró

Para acompanhar a preparação da festa, fui autorizado a entrar em todas as dependências da casa de festas. Na cozinha, a presença feminina é marcante. Observo que duas mulheres estavam preparando as comidas da festa. Uma delas, soube, mais tarde, era esposa do gerente, pareceu ficar bem à vontade com a minha presença, a outra não tanto, mas com o passar do tempo e à medida que passamos a conversar, minha presença deixou de ser algo estranho, pelo menos na minha percepção.

De acordo com DaMatta (2001), festas e comes e bebes é uma combinação que acontece sempre. Enquanto uma preparava a massa para os salgadinhos, a outra ia cortando o frango e a carne de sol, que segundo elas “é muito pedida pelos

guianenses”. Reparei que havia já alguns tabuleiros com salgados e uns saquinhos com pedaços de frango (depois de cortados eram pesados e colocados em sacos de plásticos para serem fritos e vendidos em porções) e que, também eram utilizados na confecção do “frango ao *curry*”. Uma das senhoras me diz: “tem muita saída não só para os frequentadores de Lethem como também para os de Bonfim”.

Pergunto que função elas desempenhavam na festa. Uma delas me disse ser esposa do gerente Gleidson e trabalhava na cozinha e o marido no salão, com outro funcionário, para receber os pedidos dos clientes das mesas. Também me adiantou a informação que, além deles, durante a festa, o bar era da responsabilidade do filho da proprietária. E fez questão em realçar que agora, como estas festas têm menos gente, eles são suficientes para “tocar” a festa, mas que, antigamente (antes da ponte), eram contratadas mais pessoas. Quando perguntadas o que ainda tinham que fazer, responderam-me que, até à hora do almoço, a parte de alimentos, estaria concluída e que após o almoço, iriam preparar os pratos, talheres e uma delas ainda iria para o bar, lavar os copos. Também informou que este serviço era rápido, por os copos serem pouco utilizados, segundo ela, “o pessoal de Lethem que vem à festa já passou o hábito aos de Bonfim de beber na latinha ou na garrafa”.

Logo após descreveram como seria utilizado o restante do tempo até à hora do início da festa. Disseram-me que, por volta das quatro horas da tarde, as duas iriam varrer o salão e após, usando a casa da proprietária, se preparavam para o início da festa. Resolvi deixá-las e ir até ao espaço onde funciona o bar.

Percorri um pequeno corredor que faz a comunicação da cozinha com o bar. Encontrei o filho da dona Cleo, que procedia ao abastecimento de bebidas nos balcões frigoríficos (uma geladeira vertical e um *frezzer*). Além da cerveja brasileira (Skin e Brahma) também existia a Polar venezuelana e a Banks guianense. Perguntei-lhe qual o motivo da presença de diferentes tipos de cerveja. Explicou-me que, além do preço (a Polar e a Banks são mais baratas), preocupa-se em atender todos os gostos, (os guianenses gostam da Skin por ser mais forte, por exemplo), por a festa ter a presença de pessoas de gostos diferentes (brasileiros, guianenses, venezuelanos entre outros). Também destacou a venda de vodka, rum, cachaça e refrigerantes (Coca cola e Guaraná Antártica).

Como já tomara conhecimento pela dona que na festa de hoje o som seria mecânico, resolvi conversar com ela com a finalidade de saber que tipos ou estilos

musicais seriam reproduzidos. Ao me aproximar dela, que neste momento procedia à lavagem da área não coberta, fui convidado para almoçar com ela e com todo pessoal envolvido na preparação da festa. Assim adiei a pergunta para outro momento.

Ainda não eram doze horas já me encontrava almoçando. Enquanto decorria o almoço, dona Cléo me foi contando sobre sua vida: que havia já vivido no Suriname e na Guiana Francesa e até trabalhado no garimpo na Guiana e por isso tinha muitos amigos do “outro lado” da fronteira, e que nessas “andanças” aprendera a falar “mais ou menos” inglês. Durante uma hora - tempo de duração do almoço- ela foi contando todas as peripécias de sua vida passada, e ao terminar afirma que, apesar de tantas dificuldades e provações, tinha valido a pena, pois com as economias havia conseguido construir esse espaço, que era um sonho que ela sempre tivera.

À medida que iam terminando de almoçar, os meus companheiros de mesa iam se levantando e quando me dei conta já só estava eu e a dona Cléo na mesa. Aproveitei para saber como era oferecido o som e a música na festa de logo à noite. Disse-me que utiliza muitos CDs e DVDs que são também exibidos no telão. Que “toca” muito forró e muito *reggae*, e que às vezes também “coloca” um ou outro sertanejo. Mas que o que o seu público gosta mesmo é forró e *reggae*. Enfatiza a importância das suas festas em Bonfim, dizendo que “aqui em Bonfim, para forró, todo o tempo é tempo, mas já foi melhor”. E volta a enfatizar as mudanças provocadas pela ponte:

hoje os guianenses não precisam vir mais para aqui, agora tudo tem lá, churrascarias, restaurantes brasileiros com comida e música brasileira. Nos salões de festas de lá, também toca forró, agora aqui no meu salão vem pouca gente de lá, o que me ajuda é que eu tenho muitos amigos de lá que sempre vieram aqui e continuam a vir, são os *my friends*⁸ (meus amigos), meus *brothers* (irmãos)(Cléo Nascimento da Silva, 46 anos-ago.2013).

Segundo esta minha interlocutora, apesar da redução dos frequentadores nestes últimos anos, ainda tem um público fiel, composto na sua maioria de habitantes de Lethem que aqui se encontram para confraternizar com os seus amigos de Bonfim. Segundo ela, “os guianenses gostam muito de se encontrar aqui

⁸ *My friends* e *brothers* palavras utilizadas pelos habitantes de Bonfim e Lethem para definir uma amizade mais íntima, quase familiar, de longo convívio.

no forró, porque eles sentam, conversam, comem, bebem e dançam”. Em seguida reforça a importância da sua casa de festas: “aqui é o ponto de encontro, aqui são feitas grandes amizades e daqui já saíram muitos casamentos”. Acrescentou ainda que, no final, “todo o mundo se diverte e brinca”. Ao destacar a importância das festas de forró aqui em Bonfim, reforça a minha percepção sobre o papel de sociabilidade destas festas.

O almoço terminara e era visível em dona Cléo, a preocupação de dar continuidade aos seus afazeres relacionados à preparação da festa, pelo que tomei a iniciativa de me levantar da mesa, permitindo assim que ela o fizesse também.

A limpeza do salão já se iniciara e as duas mulheres varriam o salão em ritmo acelerado. Uma delas, perguntou-me se eu iria participar da festa. Ao responder-lhe afirmativamente, disseram-me que, na hora da festa, elas teriam a companhia de mais dois homens, que são chamados para servir as mesas, as bebidas e se for necessário, auxiliar na cozinha ou no balcão do bar, ou onde for necessário. Que um deles, em certos momentos, substitui o filho da dona no bar. Isso porque o responsável do som ser o filho da dona do salão que, como anteriormente referi, é também o responsável pelo bar.

O som começara a ser testado e chamou-me a atenção o quanto o volume era elevado. Pude observar uma quantidade enorme de CDs e DVDs de forró e de *reggae* e também, em menor quantidade, de música sertaneja. Muitos deles pareciam ser de origem duvidosa. Ao perguntar ao filho da dona Cléo como ele conseguia ser DJ e ao mesmo tempo tomar conta do bar, ele disse-me que a maioria da programação da música está já gravada em *pendrive* e o computador trabalha por ele. Também que a partir de agora, (quatro horas da tarde) já deixava o som ligado, que esta era uma maneira de avisar a quem passasse na rua e arredores que hoje, “tinha forró”.

A preparação e organização da festa haviam terminado. A única presença neste espaço da festa era a do responsável pelo som e a minha. É hora de retornar à pousada e aprontar-me para a festa. Queria ser dos primeiros a chegar. Não queria perder nenhum dos momentos da festa. Sabia que a partir deste momento, a escolha por esta casa de festas como foco de meu estudo, havia sido acertada. O primeiro contato direto com a dona do “Coqueiros”, quando da pesquisa exploratória, proporcionou a oportunidade de agora ter facilitada a minha coleta de dados e observação da festa. Além disso, a receptividade em responder às perguntas e o

bom humor, acabaram por estreitar os nossos laços e assim, a partir deste momento, teria a minha missão de pesquisador mais facilitada.

2.5.1 A FESTA EM BONFIM

Dada a proximidade do “Coqueiros” ao local onde estou hospedado, decido ir para o forró a pé. Logo à saída da pousada, sou abordado pela recepcionista que me pergunta se “vou ao forró”. Ao responder-lhe afirmativamente, ela também me fala que estará presente “mais logo vou lá também”. À saída da pousada, percorridos os primeiros metros, já era possível ouvir o som que vinha do final da rua. Lembro-me do que o filho da proprietária havia dito. Essa é uma estratégia para atrair público e sinalizar o acontecimento festivo.

Ao chegar ao “Coqueiros” reparo que existe uma pequena concentração de jovens logo na entrada. Esse é o local onde conversam entre si e vão esperando os “atrasados”, pois marcaram de entrarem juntos. Consigo identificar que o assunto principal é a festa que está para começar. Quando perguntados sobre a razão de frequentarem esse local, eles respondem que vão para se divertir, beber, dançar, namorar e ouvir as músicas. E acrescentam: “nós sabe a maior parte das letras e cantamos juntos, tudo é brincadeira, aqui não tem mais nada para fazer(sic)”.

Essa concentração reúne os jovens a partir do sexo: rapazes esperam juntos com outros rapazes. Mais tarde vim confirmar que a aproximação com as mulheres só acontece no momento da dança. Lentamente, começam a chegar mais pessoas. Contrariamente do que se possa pensar, não são somente os jovens que vão ao forró, começo a perceber a presença de pessoas mais velhas na entrada e mais tarde, constato que elas, também entram na dança com muito entusiasmo e alegria.

A espera termina quando a maioria já está reunida e a hora da festa se aproxima. Segundo a proprietária, as festas de forró que ela oferece começam bem cedo. E justifica essa situação por ter muitos moradores de Lethem que vem para a sua festa e a “fronteira fecha às dezoito horas”. Para quem vem de carro é o horário limite, depois só pelo rio, com todos os inconvenientes da travessia fluvial.

Começa a chover (o que é de bom grado para todos, pois estava muito quente), e as pessoas dirigem-se ao portão e começam a entrar no salão. Além do grupo de jovens, noto a chegada de três homens em um carro com placa da Guiana.

Um deles, ao ver-me no salão vem em minha direção para me cumprimentar. Identifico-o imediatamente. Trata-se do Daniel, venezuelano, funcionário da lotérica que logo nos primeiros dias da minha estadia em Bonfim conhecera. Estava acompanhado de um guianense (Juan), que mais tarde soube ser morador em Bonfim, casado com uma brasileira e do ganense, senhor Mana, o borracheiro que eu conhecera logo à minha chegada, quando do problema do pneu do meu carro.

O movimento de pessoas ainda era muito reduzido, tanto dentro do salão quanto de fora, provavelmente devido ao horário. Procurei uma mesa não muito próxima da pista de dança do salão. Aí permaneci observando. O som continuava com o volume elevado e as músicas, umas atrás das outras, iam tocando, sem intervalo. Tocava um pouco de cada estilo (forró, *reggae* e também de vez em quando um sertanejo), ao mesmo tempo em que imagens eram projetadas no telão.

Próximo à minha mesa, reparo a chegada de três casais que, solicitam ao atendente do salão, para juntar mais uma mesa para que eles fiquem juntos. Logo observo que o Juan e o Daniel se dirigem para a mesa onde estes casais se encontram e são recebidos com a expressão já tradicional *my brother*, o que me faz identificar que, pelo menos os homens são moradores de Lethem. Logo após confirmo a sua proveniência, pois além do idioma utilizado (uma mistura de inglês com o português) para fazer o pedido de bebida (cerveja Brahma), reparo que ao beberem eles dispensam os copos. O “papo” entre eles decorre normalmente, mas em tom elevado, outra característica que ao longo da pesquisa constatei é que os guianenses falam com uma altura de voz significativa.

Quando do regresso do Daniel à sua mesa, sou abordado por ele, que me confirma: “estes aí, são meus amigos de Lethem. Vem sempre aqui na festa, as namoradas são daqui”.

Observo que o salão já está com mais gente. A dona do salão se aproxima e me diz: “e aí, ta gostando? Tem pouca gente, mas são agitados. Você havia de ver como eram estas festas antigamente! Aquela parte ali estava sempre cheia, não dava nem para andar” (referia-se às partes laterais do salão que não são cobertas). Aproveito para pedir uma bebida, que rapidamente me é servida.

Como havia observado o consumo de vários tipos de cerveja, pergunto a dona Cléo o motivo dessa variedade. Esclarece que a marca e proveniência da cerveja é também uma questão de *status*, por exemplo, o consumo da cerveja da Venezuela (cerveja Polar) geralmente é por pessoas de baixos recursos, pois ela é

oferecida a um custo muito baixo. Já a cerveja brasileira, tem um preço mais elevado e assim, quem a consome, pretende demonstrar que tem “mais dinheiro, melhor posição social”.

As pessoas foram se aproximando da pista de dança, inicialmente nas laterais, formando pequenos grupos. Depois foram, lentamente, tomando o centro do salão. Com exceção de algumas mulheres que dançavam entre si, todos os outros que dançavam eram casais. A música que tocava era forró, que era um convite a esse tipo de formação. Esse modo de dançar mudaria logo após a execução do primeiro CD de *reggae*. Aí, a pista se transformara numa agitação e alegria só, os casais não se separavam, os outros participantes elaboravam a coreografia, agitando os braços e dando pequenos pulos. Depois do primeiro *reggae*, o segundo por ser mais agitado ainda, permitiu que se formasse uma roda entre os participantes e para minha surpresa, identifico o meu amigo Mana no meio da roda dançando, estampando enorme alegria. Agita a sua mão e me convida para entrar na roda. Sinalizo que não, mas, logo atrás dele, a dona Cléo, reforça o convite, o que me obriga a aceitar. Sou quase que arrastado e assim participo dessa brincadeira formada por pessoas de tantas nacionalidades. Quando acaba de tocar este *reggae*, sou cumprimentado por estes novos amigos, que demonstram a sua satisfação pela minha modesta participação.

Regresso à mesa, e me dou conta a pensar, como a fronteira permite mobilidade, uma vez que se o registro civil de cada um define a que lugar pertence, o “ir e vir”, nos limites internacionais, nos mistura e confunde ao mesmo tempo em que nos identifica. A partir desses pressupostos, é que, autores, em suas abordagens teóricas, denominam as áreas fronteiriças como espaços de “cultura de fronteira”. Nessa roda, identifico participantes de várias nacionalidades (brasileiros, venezuelanos, guianenses, portugueses, ganenses) o que reforça a heterogeneidade da fronteira Brasil-Guiana.

O responsável pelo som (DJ e também *barman*) aproveitava o intervalo entre um CD e outro, para falar, usando o microfone, o cardápio da casa, oferecendo as comidas e bebidas para serem consumidas, (daí sai o resultado financeiro, já que não existe cobrança para entrar na festa), enfatizando não só os pratos como a gastronomia guianense (frango ao *curry* e *roti*), os salgados, a carne de sol, o frango com batatas fritas (que mais tarde vim a constatar que é também muito apreciado

nas festas de Lethem), além da cerveja não só brasileira como também da guiana e Venezuela (Brahma, Skin, Banks Beer e Polar).

Na mesa ao lado reparo que já todos estão comendo, os guianenses saboreavam a carne de sol enquanto que as mulheres estavam comendo salgadinhos. Os homens bebiam cerveja Skin e as mulheres refrigerantes (guaraná antártica). Mais tarde obtive a informação, que até pouco tempo, a cerveja mais consumida por eles era a Antártica, mas que atualmente eles preferem a Skin, por ser mais forte e de teor alcoólico mais elevado. Mais tarde tive oportunidade de experimentar a cerveja guianense (Banks) e verifiquei que ela é suave.

Resolvi circular um pouco pelo salão. Começo pela cozinha. Aqui o ambiente era escaldante, pois além da noite quente que fazia as fritadeiras e fogão contribuíam para o aumento da temperatura. As cozinheiras, que já me conheciam, estavam tranquilas, sem muitos pedidos para atender. Uma delas me alertou que, “daqui a pouco vou dançar também no salão”. Explicaram-me que, quando o trabalho de cozinha diminui, elas se revezam “curtindo” a festa. Que a dona da festa autoriza, porque quanto mais pessoas na pista, melhor.

Retornei ao salão, passando antes pelo balcão do bar. O movimento era grande. O consumo de cerveja e de “cachaça” era intenso e reparei que alguns jovens, consumiam coca cola com rum, hábito que também, mais tarde vim a identificar na festa de Lethem. Observo que aqui, no balcão do bar, acontecem algumas estratégias de solidariedade. Quando alguém está sem dinheiro para beber, o que geralmente acontece é que um amigo pague. Mesmo quando não é amigo, mas só a questão de ser daqui (fronteira) é suficiente para que alguém pague pelo menos a primeira bebida. Pelo que acabara de observar percebo que a festa agrega muitas possibilidades, e uma delas é que ela transforma inclusive o critério de pertencimento. Ao conversar com uma pessoa que acabava de pagar a cerveja a um morador de Lethem, ele confirmou, que quando vai às festas em Lethem, essa situação também acontece.

Ao retornar à mesa e ao olhar para a pista de dança, verifico a chegada da senhora que trabalhava na cozinha, que é recebida com aplausos. Era o reconhecimento dos seus amigos: quem efetivava com o seu trabalho aquela festa, agora se divertia ao som de um forró. Tornava-se assim, por uns alguns instantes, também a dona da festa.

A festa decorria normalmente. O DJ sempre que voltava para selecionar a série de músicas a serem tocadas, animava o público, incitando-o a dançar as músicas. Com o decorrer da noite, percebo que nem todos os frequentadores desta festa vêm para o forró com a intenção exclusiva de dançar. Muitos jovens, homens e mulheres estão presentes na festa para “paquerar”. Segundo a dona da festa, “no forró tudo pode acontecer”. Eles vêm também para conversar com os amigos e familiares que moram em Lethem (existem muitas famílias binacionais nesta fronteira), assim como beber, comer, ouvir música. Visualizo isso, quando ao me deslocar pelo salão, identifico pequenos grupos de guianenses e brasileiros que se formaram na festa, assim, de certo modo, os espaços sociais são reproduzidos – as possibilidades de interação nestas festas são muitas, o que é fundamental para se compreender o real significado da festa.

A madrugada já chegou. A festa caminha para o seu final. Alguns casais continuam dançando sem dar mostras de quaisquer sinais de cansaço. Os momentos de pausa só acontecem durante os intervalos de uma série de músicas e outra. O salão começa a esvaziar-se. Percebo que a maior concentração agora acontece junto ao portão da saída. Aí, saboreiam a última cerveja e “batem o último papo”.

Na pista de dança do salão, os poucos casais continuam dançando sem perder a animação. Reparo que dona Cléo começa a “desmontar” o salão (colocando as mesas e cadeiras empilhadas), sinal que está na hora de terminar a festa. Ordena ao DJ a diminuição do volume do som e o aumento da iluminação. Ela comenta comigo que está já muito cansada, “organizar uma festa e ficar até ao fim acompanhando tudo, cansa”. Justifica porque, mesmo assim, realiza as festas: “Eu faço festas porque gosto, porque aqui agora não tem vantagem, não (sic)”.

Com a diminuição do som e o aumento da luz, a pista se esvazia rapidamente. As pessoas se despedem. Acompanho a saída das pessoas do local da festa com o intuito de saber onde ficariam os guianenses, já que neste horário a fronteira está fechada. Aproveito a oportunidade de o Daniel ter vindo se despedir de mim, e peço para ele me responder a essa questão. Esclarece-me que, como todos têm família em Bonfim, vão para a casa dos familiares e de manhã eles cruzam a fronteira de regresso a Lethem. Que acontece com alguns que não têm onde ficar, fazer a travessia do rio durante a noite. Mas que essa situação agora é muito rara,

pois “todo o mundo de lá, tem família ou amigos aqui em Bonfim”. Despedimos-nos, marcando a nossa entrevista para a manhã do dia seguinte.

Retorno ao salão para oferecer a minha ajuda à dona Cléo. As mesas já estão devidamente amontoadas próximo do balcão do bar e só contribuo com o arrastar de um grupo de cadeiras, por as outras já estarem todas devidamente arrumadas, pois todos os que haviam trabalhado na festa, o haviam feito com rapidez, demonstrando estar ansiosos para chegar a suas casas para um merecido descanso.

Como o cansaço também havia chegado para mim, aceitei a proposta da dona da festa para ir descansar. Depois de pagar a minha conta, despedi-me de todos que haviam trabalhado neste evento, bem como de dona Cléo, agradecendo repetidas vezes não só a oportunidade de ter permitido a minha presença em todas as áreas do salão bem como de ótima receptividade que me havia proporcionado.

Nestas festas é possível perceber a circulação dos bens culturais que hoje, passam a fazer parte do modo de se divertir, independente da origem tradicional daquela manifestação cultural. É possível, assim, observar a presença transnacional dos elementos da diversidade cultural que constituem esta região de fronteira.

Regresso à pousada, satisfeito com o que tinha observado. O sol já começava a querer aparecer. Era hora do meu descanso.

2.5.2 Visão e pensamento dos participantes

Já era final da manhã de sábado quando saí da pousada. Quando terminei de almoçar, já se aproximara o horário combinado para a realização da primeira entrevista com um dos participantes da festa. Dirijo-me para a casa do Daniel (venezuelano).

Ainda estava estacionando o carro, bem próximo à porta de entrada de sua casa e reparo que ele já me sinaliza para entrar. Depois de cumprimentá-lo, pergunto como ele havia percebido ser eu e ele me responde dizendo que é raro passar algum carro na sua rua durante a semana e que ao sábado à tarde “só poderia ser o senhor”. Em outras passagens e visitas anteriores eu já havia observado que, a cidade no período da tarde aos sábados fica totalmente deserta e sem circulação de pessoas e carros. Sou convidado a entrar, e sou apresentado à

sua esposa. Na mesa onde ela estava ainda havia alguns pratos que me levam a imaginar que haviam terminado o seu almoço havia pouco tempo ou, a minha chegada, teria abreviado o seu final.

Figura 15 – Daniel Allard (venezuelano) e esposa (brasileira)



Fonte: arquivo pessoal – agosto 2013

Respondendo às perguntas que eu fazia tendo em cima da mesa o discreto gravador, Daniel me informa que é venezuelano, mas que havia nascido na Guiana, local onde ainda hoje seus pais se encontram vivendo e trabalhando. Diz que tem vinte e oito anos de idade, é casado, e a esposa é brasileira. Informa ter dois irmãos que moram com ele e que trabalham em Lethem (trazidos por ele para Bonfim devido ao desemprego na Venezuela).

Quando perguntado se vai a Lethem com frequência e o que vai lá fazer me responde: “vou todas as semanas a Lethem, fazer compras de produtos alimentícios e também roupas, pois é mais perto e mais barato do que ir a Boa Vista”. Que precisa estar sempre bem vestido, devido ao seu trabalho (é atendente da única Lotérica de Bonfim) e que “lá, em Lethem eu compro roupas bonitas e bem mais em conta do que aqui em Bonfim”.

Observo que ele estava já bem “à vontade” com a minha presença e do gravador, pergunto-lhe o que ele havia achado da festa de ontem, onde ele e eu estivemos presentes. Se ele gostava dessas festas e da música brasileira, do forró e

do *reggae*. Respondeu-me que foi mais pela insistência do amigo Juan (guianense), que ele considera um “*brother*”, pois normalmente ele não frequenta esse tipo de festa. Informa que é evangélico e devido à sua religião não frequenta esses ambientes, “só quando não tem jeito de sair fora (sic)”. Mas, antes da sua conversão, ele “ia demais” e aproveitava “tudo”. Era nas festas que ele se encontrava com os amigos e que fazia amizades. Revelou ainda que em casa ele ouve e gosta muito de música brasileira e do forró, mas ir para as festas e dançar não, só em caso “especiais”, mas sai cedo das festas. Afirmou ainda gostar muito do *reggae*, pois as letras das músicas “falam de paz e amor”, mas que ele sente que, “tem muito preconceito com essa música”. Que todo o mundo, até na sua igreja, fala que o *reggae* está “ligado” a maconha e mulher.

Mais tarde e sem a presença da esposa e gravador dá uma explicação que deixa clara a sua declaração de negação às festas de forró. Ele gosta de alguns ritmos e de algumas letras de forró, mas não gosta de ir às festas do gênero, porque nos locais onde acontecem essas festas “os homens só pensam em ‘pegar’ mulher e beber”. Essa rejeição demonstra estar na atitude dos homens que estão nessas festas, que, em seu imaginário, “só pensam em sexo e bebida”. Quando perguntado sobre os hábitos alimentares em sua casa ele me diz estar já acostumado com a comida brasileira e que gosta muito “do feijão e da farinha” e que também a esposa utiliza com frequência os temperos guianenses, especialmente o “*curry*”. Que sempre que tem visita de familiares, oferece pratos da culinária da Guiana e do Brasil, que não há ninguém que não “goste de feijoada e da comida temperada com o *curry*, todo o mundo adora!”

Reparo que sua esposa que havia saído da mesa, agora retorna já toda “arrumada”. Ela, sem eu lhe perguntar, me diz que agora, eles estão indo para a igreja. Sinal que devo finalizar a entrevista. Desligo o gravador e me despeço do casal agradecendo a entrevista e o tempo que me haviam dedicado.

Está já na hora de retornar à pousada. Procuraria recuperar o cansaço resultante ainda da festa da noite anterior. Estava quase concluída a minha estadia em Bonfim. Faltava agora ouvir os dois interlocutores cujas entrevistas estavam agendadas para domingo, após a saída da missa.

Adormeci nesta noite concluindo a leitura de uma coletânea, que tinha tudo a ver com o momento que eu estava vivenciando nesta cidade de fronteira. Acabara de ler “Fronteiras Culturais” de Maria Helena Martins. Através de vários textos e

autores, começava a compreender a amplitude dessas fronteiras culturais e melhor entender a formação cultural desta região de fronteira.

Acordei cedo neste domingo, 18 de agosto. Por volta das sete horas saio da pousada para tomar o café da manhã na panificadora situada na avenida principal de Bonfim, por sinal bem próximo à casa do meu próximo entrevistado.

Acabara de me sentar e fazer o meu pedido, quando reparo que o senhor Mana, se encontra sentado no pequeno muro que cerca a sua casa. Aceno para ele e o chamo para tomar café comigo. Ele aceita e me faz companhia, por sinal, uma ótima e agradável companhia, pois desde a minha chegada, ele cruzara o meu caminho, (primeiro com o conserto do pneu, depois por várias visitas diárias para conversar e “matar” o tempo, enquanto aguardava o horário de alguma entrevista e posteriormente, na festa de forró).

Figura 16 – Senhor. Mana Kwame Ampofo (Ganense)



Fonte: arquivo pessoal - Bonfim – ago.2103

Quando terminamos o café, ainda sentados à mesa, ele me foi contando o quanto estava feliz em Bonfim, onde trabalhava de segunda a sábado, tendo uma clientela fiel e numerosa. O dia de seu descanso era o domingo, quando, logo de manhã bem cedo, ele ia à missa e depois ficava só atento ao seu telefone, pois era o dia que ele recebia telefonemas de Gana de suas esposas e filhos.

Disse-me que havia deixado em África duas esposas (Gana permite a poligamia) e que estava juntando economias, para quando fosse possível, trazê-las

para junto dele. Vim a confirmar esses telefonemas, pois tive que regravar a entrevista com ele, quando ele me pediu para interromper, para poder receber uma ligação no seu telefone.

Como a padaria estava com muita gente, e ele sabia de antemão que eu ia entrevistá-lo, convidou-me para ir para frente de sua casa. Quando saímos da padaria, juntou-se a nós, o Juan, seu funcionário, que ontem, na festa já havia combinado comigo, neste mesmo horário e local, conceder-me entrevista. Como a casa ficava a poucos metros da padaria, nos dirigimos para lá e sentados no pequeno muro que cerca a sua casa, realizei as duas últimas entrevistas, pois no final delas regressaria a Boa Vista.

A entrevista com o senhor Mana foi toda realizada no idioma inglês, por ele assim ter solicitado devido a ter dificuldades em se expressar em português, apesar de ter afirmado que já entende quase tudo, que está aprendendo bem depressa, que também estava em Bonfim há pouco mais de um ano e meio. Ao perguntar-lhe qual a sua idade respondeu: “Minha idade? Nasci em Gana, em 1962, tenho quase 51”. Quando lhe perguntei como ele havia chegado até aqui, sendo ele africano, respondeu-me que ainda em Gana, viu na internet que o Brasil era parecido com o seu país, que sempre pensou em conhecer e vir para o Brasil.

Disse-me ainda que saiu do Gana e veio para São Paulo, mas que na cidade paulista havia passado por muitas dificuldades, devido ao pouco dinheiro que tinha, fora morar “num bairro pobre, sabe?” (expressou-se no pouco português que sabia). Que não conseguia falar com ninguém, e que viu no mapa, que o único país que fazia fronteira com o Brasil e que tinha como idioma o inglês era a Guiana. Assim, saiu de São Paulo e chegou a Bonfim.

Então, quando eu vim para cá na fronteira de Bonfim com Guiana eu tentei ir e ver o que é estar na Guiana, então quando eu estou na Guiana em Georgetown aí eu comparo, então gosto de estar aqui e quero ficar aqui isto é o motivo pelo qual eu continuo em Bonfim agora. Na verdade quando eu estava na África vendo à internet eu via na América do Sul como o Brasil é similar a África, agora eu estou tentando vir e ver isto ao vivo nas cidades e quando cheguei aqui nesta cidade parecida com África, então eu amo aqui, eu amo o Brasil (sic) (MANA, 51 anos, 17.08.2013).

Informou-me que viveu quase dois meses em Lethem, mas que não viu qualquer oportunidade de emprego, pois ele era “borracheiro e lavador de carros”. Que numa das vindas a Bonfim, ele viu, que aqui as pessoas eram capazes de

entender o inglês e que aqui não havia o serviço que ele podia oferecer, porque também não existia em Bonfim nenhum posto de combustível e que geralmente é nos postos que existe esse serviço de “lava rápido”. Quando ainda estava em Lethem, conversava no posto de combustível com as pessoas de Bonfim que iam lá para abastecer e que elas estavam “sempre a dizer para eu ir para lá arrumar pneus e lavar os carros”. Que estava muito feliz por ter escolhido morar em Bonfim e ter vindo para o Brasil e várias foram as vezes que ele no final das suas respostas concluía com “*I love Brasil !*”. Quando questionado se já havia se adaptado ao modo de viver nesta cidade brasileira, respondeu afirmativamente, que aqui, “é tudo misturado, é fácil”.

Contou que tinha muitos amigos brasileiros, guianenses, venezuelanos, colombianos, chineses, coreanos, que além dos habitantes de Bonfim, tinha muitos que vinham de Lethem para a sua borracharia e posto de lavagem. Que para ele, não há diferença em estar aqui ou do outro lado, que se sente bem nos dois lados da fronteira. Para ele, os moradores destas duas cidades de fronteira, Bonfim e Lethem, parecem pertencer às duas nações, pois dividem as dificuldades e se apoiam, “quando falta alguma coisa aqui, a gente vai lá e encontra”.

Essa informação veio eliminar uma dúvida que eu tinha: havia observado a presença de automóveis e motocicletas em Bonfim e já havia percorrido todas as ruas da cidade sem nunca ter dado conta da existência de um posto de combustível. Havia até me perguntado: será que os moradores daqui vão a Boa Vista (125 km) para abastecer seus carros?

Logo após pedi-lhe para falar das suas preferências alimentares. Afirmou que junto ao seu posto de lavagem, existe um pequeno restaurante (Restaurante Rotatória), onde ele diariamente faz as suas refeições e que gosta de todos os tipos de comida que lá são servidos. Que adora comer aos sábados a feijoada, que é igual no seu país, também vem junto com a farinha, e que aos domingos, ele divide com seu vizinho brasileiro, a compra da carne, para o churrasco que “tem todo o domingo”. Que ele já está “parecendo um brasileiro”, que gosta da cerveja brasileira Skin e que ama a “caipirinha”.

Quando pedi para falar da festa do “Coqueiros”, onde ele estivera, referiu que adora a música brasileira em especial o forró e que também gosta de *reggae*. Que quando estava em Lethem, “ouvia a toda a hora o *reggae*”, mas nas lojas de lá “os comerciantes colocavam música brasileira” porque os clientes eram brasileiros.

Afirmou ainda que, sempre que pode, vai à festa no “Coqueiros”, mas que vai lá “para conversar, beber e comer e sempre na festa faz novos amigos (sic.)”, não gosta de dançar e sai da festa sempre cedo, porque no sábado é o melhor dia no seu trabalho, que é quando tem mais carros para lavar, (nesse momento, faz o sinal de dinheiro, esfregando o polegar no indicador direito). Observo que o Juan demonstra alguma inquietação, julgo que ele precisa sair. É hora de finalizar a entrevista. Agradeço ao senhor Mana por ter-me dispensado o seu tempo, e preparo o gravador para iniciar a segunda e última entrevista do dia.

O meu próximo entrevistado é o Juan, guianense da cidade de Lethem, 30 anos de idade. Trabalha como ajudante no lava-jato. Logo ao dar início à entrevista, sou surpreendido pela solicitação para que eu formule as perguntas em inglês, mas que ele ia responder em português, (deduzo que assim ele entenderia melhor as questões). Informa-me que é casado, que sua esposa é brasileira de Bonfim, tem uma filha nascida nesta cidade e que ela estuda em Lethem e em Bonfim. Como sua família (pais e irmãos) mora em Lethem, se desloca para essa cidade várias vezes por semana.

Indagado sobre a festa de forró, afirma que adora a música brasileira em especial o forró, que há muitos anos frequenta essas festas, e que foi numa destas festas que conheceu a sua esposa. Que agora as festas “estão fracas”, mas sempre que está em Bonfim, “vou sempre até lá, curtir”, que como não paga nada para entrar, “em vez de ir a um bar qualquer, vou lá beber Skin e cachaça e ouvir música boa, com os *my friends*”. Para ele viver em Bonfim ou em Lethem, “é igual”. E reforçou a sua ideia: “agora (depois da ponte), em Lethem tem tudo o que tem aqui, até mais”. Quando lhe pedi para me dizer o que é que lá tinha “mais” que aqui, respondeu-me:

tem churrascarias brasileiras melhor que aqui, lojas brasileiras maiores e mais bonitas, nas festas de Lethem tem *reggae*, mas toca muito forró também, a tv brasileira também passa lá, mesmo os moradores de Bonfim lá é que tem emprego e é como aqui, quase todo mundo entende um pouco de inglês, e em Lethem é o português (JUAN, 30 anos-17.08.2013) (sic).

Depois me falou, que quando vai para Lethem ver os seus familiares, na casa deles é a mesma coisa que quando está aqui em Bonfim: “todos falam o português e o inglês, a gente come feijão e farinha como aqui, também usamos o tempero da Guiana (*curry*), e minha filha assiste a TV Globo”.

Também me confidenciou que gosta muito de feijoada e do churrasco brasileiro, mas não gosta de farinha. Enfatizou que os moradores de um lado e do outro da fronteira são e tem que ser “*brothers*”, pois se ajudam e só assim eles conseguem ultrapassar as dificuldades que existem nestas duas cidades de fronteira que, segundo suas palavras, estão muito abandonadas pelos governos dos dois países. Deu como exemplo, a situação que acontece em Lethem: “ainda tem racionamento de energia, de madrugada a cidade fica às escuras e não tem gás de cozinha”, e em Bonfim, “tem carros, mas não tem nem gasolina”. E acrescentou: “o pessoal daqui vai lá colocar gasolina e eles vem aqui pegar o gás (sic)”. A entrevista estava terminando. Despedi-me dos dois meus entrevistados, agradecendo e rumei a Boa Vista.

2.6 CRUZANDO A FRONTEIRA: A PONTE QUE UNE

Depois de alguns dias em Boa Vista, cumprindo atividades acadêmicas, já me encontro, novamente, a caminho da fronteira Brasil-Guiana, só que, desta vez o meu destino é a cidade de Lethem, do lado guianense da fronteira. Era quarta feira, dezoito de setembro. Parti de Boa Vista e após duas horas, já estou deixando para trás a cidade de Bonfim e ao longe, já é possível enxergar o posto de controle da Polícia Federal, que fica a cerca de 250 metros da ponte Olavo Brasil Filho, sobre o rio Tacutu e que estabelece a ligação entre as duas cidades, Bonfim cidade brasileira e Lethem cidade guianense.

Figura 17 - Ponte Olavo Brasil (Liga as cidades de Bonfim e Lethem)



Fonte: <https://www..enquanto.isso.em.roraima/photo.php>

Ao me aproximar lentamente deste posto de fiscalização, observo que o agente de serviço, já me sinaliza que não preciso parar para ser vistoriado. Posteriormente soube que os veículos só são parados e fiscalizados quando regressam ao território brasileiro. Na ida, só quando os fiscais observam alguma atitude suspeita de algum dos passageiros do automóvel.

Depois de atravessar este posto, inicio a travessia do rio Tacutu pela ponte que tem 230 metros de extensão e que foi finalizada e inaugurada em 2009. Antes da sua construção a travessia era realizada por meio fluvial através de uma única embarcação que fazia o transporte de pessoas, mercadorias e veículos⁹.

Figura 18 – A ponte (esq) e o antigo local de travessia



Fonte: arquivo pessoal – Bonfim set 2013

Ainda estava sobre a ponte, quando percebo que nas partes laterais existe uma faixa para pedestres por onde circulam a pé e de bicicleta moradores destas duas cidades de fronteira.

Posteriormente, desloquei-me até à ponte, um dia, logo ao amanhecer e em outro, no final da tarde para verificar se esse “ir e vir” acontecia cotidianamente. E em conversas informais com essas pessoas, pude confirmar que essa situação se repete todos os dias: eles atravessam a fronteira para comprar, para visitar amigos e

⁹ Pereira (2005), em sua tese de doutorado, *A ponte imaginária: o trânsito de etnias na fronteira Brasil-Guiana*, descreve a realização dessa travessia antes da construção da ponte, enfatizando o movimento contínuo de pessoas nesta fronteira, nomeadamente o movimento de pessoas que possuem famílias nos dois lados da fronteira.

familiares e fundamentalmente para trabalhar, ou seja, em atividades que fazem parte do dia a dia dessas populações.

Após ter percorrido toda a extensão da ponte, existe um pequeno sistema de viaduto que faz com que eu ou qualquer motorista que se dirija para Lethem assumam o lado esquerdo da pista, ou seja, passe a dirigir na chamada “mão inglesa”. Nos automóveis guianenses, a direção está posicionada do seu lado direito. Existem por todo este trajecto placas avisando que naquele país a regra é essa.

Figura 19 – Placas com aviso para dirigir do lado esquerdo



Fonte: arquivo pessoal - Lethem set 2013

Da ponte já é possível visualizar o prédio do posto de fiscalização guianense. Próximo a este posto a estrada se divide em duas vias, sendo que uma dessas é bloqueada por um portão de ferro que impede o avanço de qualquer veículo e a outra é a que dá acesso à cidade de Lethem. Uns metros após este posto existe uma parada de táxi, cuja criação é recente e surgiu após a proibição de circulação de táxis brasileiros na cidade. No final desta estrada, encontramos uma bifurcação: à esquerda é a estrada que liga Lethem a Georgetown, e se seguirmos à direita, entramos na rua principal da cidade, onde se encontra a maioria das lojas, restaurantes e hotéis de Lethem.

As casas são distantes umas das outras, existindo entre elas quase sempre um espaço vazio. Após percorrer a parte inicial desta rua, a rua do “comércio”, visualizo do lado esquerdo, um restaurante “Delícias do Brasil”, que possui uma placa na entrada onde anuncia o serviço de “café da manhã e almoço”.

Figura 20- Restaurante Delícias do Brasil



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Neste local em conversa com o gerente, obtenho a informação que, a cidade de Lethem, para os moradores da fronteira, começa a partir da ponte que se cruza logo após este restaurante.

Figura 21 - O início da cidade de Lethem (após a curva à esquerda)



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Ao mesmo tempo que descreve informa que o trajeto que eu percorrera até aqui, era uma das vilas anexas, chamada Tabatinga. Como na pesquisa exploratória eu havia identificado a localização da casa de festas *Jags* numa rua que cruza esta rua principal uns metros antes, então essa casa de eventos, estaria assim localizada em Tabatinga.

Mais tarde, em entrevista realizada com o proprietário da *Jags*, essa informação veio a ser confirmada, como também me informou, que depois da rua que é paralela à pista do aeroporto de Lethem, começa Culvert City, a segunda vila anexa a esta cidade. Enquanto percorria esta rua em direção ao hotel pude constatar um grande número de construções e assim constatar o crescimento da cidade de Lethem.

Esta observação veio confirmar a informação colhida nas entrevistas realizadas com moradores de Bonfim que, diariamente, surgem novas lojas, postos de combustíveis, restaurantes e imóveis nesta cidade, demonstrando assim, que a construção da ponte trouxera mais benefícios para Lethem que para Bonfim.

Figura 22 - Novos empreendimentos em Lethem



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Os estacionamentos localizados em frete às lojas, estavam lotados de carros com matrícula brasileira. Estacionei em frente a uma delas, e observei a saída da loja de muitos brasileiros, carregados de sacolas com produtos falsificados, desde camisetas polo da marca francesa Lacoste a tênis Nike e perfumes Cuba, etc.

Figura 23 - Veículos de consumidores brasileiros



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

O final da tarde se aproximava. Dirijo-me para o hotel *Savannah Inn*, que durante sete dias, seria a minha casa nesta cidade guianense.

Figura 24 - Hotel e ao lado, churrascaria brasileira em Lethem



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Passo pela recepção onde preencho a minha ficha de hóspede e recebo a chave do meu quarto das mãos da gerente, senhora Sumintra Ramjag, paquistanesa, que de imediato me orienta na localização do quarto e me informa que o hotel não fornece qualquer tipo de refeição, nem mesmo o café da manhã.

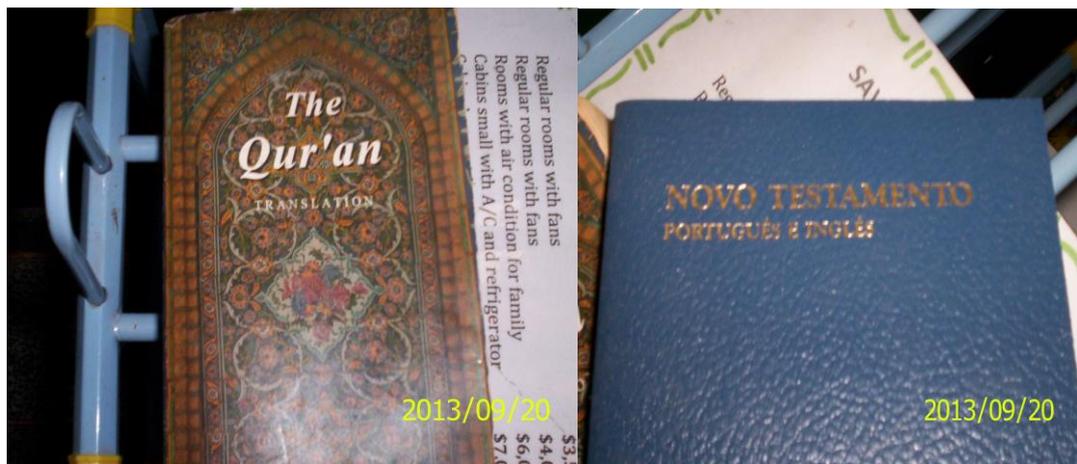
Para garantir a minha hospedagem, explica-me que isso não constitui obstáculo, pois no mesmo imóvel do seu hotel e conjugado com ele (há uma comunicação interna que dá acesso à churrascaria), existe um espaço que foi alugado a um casal de brasileiros e onde foi instalada uma churrascaria brasileira.

Afirma que a churrascaria funciona há menos de um ano, e que está sempre com muita clientela, constituída não só de guianenses como também de brasileiros, chineses, coreanos, indianos e árabes, sinalizando assim, que o seu serviço é muito bom. Programei o almoço do dia seguinte para essa churrascaria brasileira, onde com certeza, iria fazer observações, que seriam importantes para a minha pesquisa.

2.6.1 Enquanto não chega o dia da festa...

Quinta feira, dezenove de setembro. Sou acordado pela claridade que adentrava ao meu quarto, ultrapassando não só a cortina da janela do meu quarto como também a tela que sobre a minha cama me protegia dos “ataques” dos mosquitos que tentavam a todo o custo me incomodar. Eram indícios do dia quente que me aguardava. Observo que sobre uma pequena mesa, ao lado da cabeceira da cama, se encontra um livro. Verifico tratar-se do “Alcorão”, traduzido em inglês por um autor paquistanês (lembrei-me que a gerente havia dito que o dono do hotel era indiano).e ao lado dele “O Novo Testamento”, este em inglês e português. A heterogeneidade identitária, cultural e religiosa aqui em Lethem estava igualmente presente como em Bonfim.

Figura 25 - O Alcorão e o Novo Testamento no Hotel



Fonte: arquivo pessoal - Lethem set.2013

Dirijo-me para a casa de eventos Jags onde pretendo pedir autorização para acompanhar a preparação e organização da festa que vai acontecer no dia seguinte.

Após ter percorrido cerca de um quilômetro, e ainda me recordando da presença nesta cidade da religião muçulmana e de árabes, indianos, paquistaneses

(livros no meu quarto eram prova disso), observo que, numa loja cujos seus proprietários são muçulmanos (eu havia visitado essa loja na pesquisa exploratória), existe uma placa fazendo apologia ao Islam.

Figura 26 - Placa em loja de muçulmanos



Foto: arquivo pessoal – Lethem set.2013

No trajeto, paro no Bar “Delícias do Brasil” para tomar o meu café da manhã. Todas as lojas e comércios já se encontram abertas. Observo que, ao meu lado, um grupo pessoas bebia chá com leite (bebida tradicional da guiana, resultado da colonização inglesa) e que entre elas, havia duas mulheres brasileiras de Bonfim, que trabalham como vendedoras na Loja “*American Store*”. Para satisfazer a minha curiosidade, pergunto se gostam dessa bebida e uma delas me responde afirmativamente, contando-me como aprendeu a gostar dessa bebida. Como elas já trabalham aqui há três anos foi provando no seu dia a dia e assim começaram a gostar e afirmou que, no início “até fazia cara feia, mas agora já acostumei (sic)”. E acrescentou: “quando aqui cheguei quase que não entendia o que eles falavam também e agora, compreendo tudo e até me viro na língua deles”.

Saio do “Delícias” e logo viro à esquerda na primeira rua e pelo que já me haviam informado, estou entrando em Tabatinga, que segundo Silva (2005), é uma vila anexa de Lethem, conforme um esquema de distribuição espacial de 1969, apresentado por esse autor. Nesse trabalho, essas localidades são denominadas como duas vilas e até Lethem é considerada uma vila maior. Para os moradores e trabalhadores com quem conversei esta divisão, como a que se refere à outra vila

Culvert City, existe enquanto bairros. Essa noção de bairro acontece pela proximidade e tamanho dessas localidades em relação a Lethem.

A rua que me conduz até à *Jags*, mais parece uma ruela, Exige alguma habilidade quando se cruza com outro veículo, devido à sua largura. Após percorrer os primeiros metros, pela sua construção e pintura, já é possível visualizar a casa de festas. Identifico à entrada, dois caminhões com o logotipo da casa.

Foto 27 – Caminhão de força (gerador) da Jags



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Mais tarde, e em conversa com o gerente senhor George Nicholson, sou informado que um deles é utilizado para transporte de equipamento de som e móveis para eventos realizados fora de Lethem, e um menor que funciona como apoio, onde tem instalado um gerador de energia elétrica (Lethem tem racionamento de energia), que quando a festa entra no horário do corte de energia, ele é acionado para a manutenção da iluminação de sua casa e de seu equipamento de som.

Após estacionar o carro, subo uma pequena escadaria que fica logo à entrada da casa de festas e através de uma passarela coberta tenho acesso ao salão de festas. Antes de adentrar a pista de dança do salão, me chama a atenção, dois cartazes que anunciam festas de forró que vão ter lugar em Bonfim.

Estes cartazes divulgam as festa e informa os diferentes públicos sobre datas, atrações etc., e para isso fazem uso de diferentes representações. A partir da inclusão de fotografias, ilustrações e imagens, bem como de cores e grafismos bastante chamativos, tornam-se atraentes e garantem a lembrança.

Figura 28 – Cartazes na casa de *reggae* anunciando festas de forró



Fonte: arquivo pessoal - Lethem set.2013

Sou recebido por uma jovem, filha do gerente senhor George, que após eu me identificar e esclarecer o motivo da minha presença me leva à presença de seu pai. Após comunicar-lhe o objetivo da minha visita e pesquisa, solicito autorização para no dia seguinte estar presente na sua casa de eventos para ver como é a preparação da festa de *reggae*. Sou autorizado e aconselhado a estar presente só no período da tarde, pois devido à estrutura e rotina de festas, tudo está sempre preparado não necessitando mais do que algumas horas para que tudo esteja devidamente organizado.

Regresso para a cidade de Lethem e para o hotel, onde reorganizo todo o meu material de pesquisa e parto para a visita a outra casa de festas, que já havia sido identificada e localizada durante a pesquisa exploratória. Esta casa de festas, denominada *Double Wheel Disco* está localizada na rua paralela à pista do aeroporto desta cidade. À minha chegada sou recebido pelo proprietário da casa. Diz chamar-se Ian Rodriguez, guianense, natural de Lethem. Quando perguntado sobre a frequência de realização de festas, me informa que ultimamente só realiza uma festa por mês, e que a deste mês ela não aconteceria, por “estar a dar um tempo” para realizar algumas modificações, que agora, o seu público tinha se mudado para a Jags.

Adiantou-me que abriu um açougue na lateral do salão e que ultimamente tem se dedicado mais a este novo empreendimento, que é dele que, agora, retira a renda para a sua subsistência. Autorizou-me a fotografar o ambiente interno do salão bem como a área externa.

Figura 29 – Casa de festas *Double Wheel Disco*



Fonte: arquivo pessoal - Lethem set.2013

Enquanto fotografava, ele vai contando que nesse local sempre aconteceram as melhores festas de Lethem. Os moradores de Bonfim lotavam a sua casa e justificava essa situação, devido à proximidade da fronteira brasileira (a *Jags* fica na outra extremidade da cidade). Realço aqui que com a construção da ponte a própria configuração da cidade foi alterada, já que o acesso agora é realizado pela outra extremidade da rua que sai da ponte e que, de certa forma beneficia a *Jags*. Admitiu também, que se deixou ultrapassar pela *Jags*, por o seu proprietário ser um bem sucedido empresário, tanto em Georgetown como agora em Lethem: “o homem é forte”. Afirmou que não tem recursos para investir mais na sua casa de festas, tanto que, montou um açougue numa lateral do salão, para poder manter-se, enquanto que o dono da *Jags* havia construído uma casa de festas com toda a estrutura necessária, desde equipamento de som como de iluminação e que possuía um caminhão de apoio (com gerador) que é fundamental.

Figura 30 – Açougue e pista de dança da *Double Wheel*



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Contou-me que Lethem convive com racionamento de energia no período da noite e que isso o afetava significativamente em suas festas: “muitas noites eu tive confusão aqui devido a isso”, e assim, o pessoal foi lentamente mudando para lá.

Ainda em relação ao problema da energia elétrica, para que eu entendesse realmente como prejudica o seu “negócio”, me descreve como acontece esse racionamento: inicialmente, aqui na cidade, a energia era interrompida por cerca de 4 horas todos os dias. Como essa interrupção atrapalhava o comércio, pois acontecia no período da tarde, no horário do expediente, foi feita uma reunião com a administração de Lethem e os comerciantes e ficou acertado que a energia passaria a ser suspensa das 4 às 8 horas da manhã. Segundo ele, “agora é assim: às 4 desliga e às 8 volta”.

Agora eu entendera como era importante “ter o gerador”. As suas palavras vieram reforçar o que eu havia observado uma hora antes, quando me surpreendera com a estrutura da *Jags*. Esta casa de festas possuía todo o equipamento de luz não só na pista de dança como em toda a área do salão: vários aparelhos de TV, telão, globo, caixas de som enormes, estacionamento bem iluminado, etc.

Quando questionado sobre a frequência das festas em sua casa de festas, me informou que as festas aconteciam de quarta a sábado, sempre às 19 horas. Quanto ao tipo de bebidas que ele oferecia aos frequentadores, disse-me que nas festas era consumida cerveja brasileira, guianense e venezuelana, refrigerantes, entre eles o guaraná antártica e informou também que os seus clientes gostavam muito de comer porções de linguiça calabresa, mini-pizza, filé acebolado, frango frito (usou o termo “frango à passarinho”), batatas fritas, etc. Informou ainda que os moradores de Lethem “gostam muito” da comida do Brasil.

Em relação ao acesso à sua festa, disse-me que não cobrava entrada normalmente, que isso só acontecia, uma vez por mês, geralmente aos sábados, quando ele colocava som ao vivo, “uma banda”. Acrescentou ainda, que ultimamente, o som era sempre mecânico, com DJ, e que o repertório musical era constituído por *reggae*, forró e “disco”, tendo salientado a grande aceitação do forró pelos guianenses.

Depois de ter registrado através de fotografia a estrutura física do *Double Wheel*, pude concluir, que o seu espaço é menor que o da *Jags*. Despeço-me do senhor Ian e me dirijo para a churrascaria brasileira.

Percorridos os primeiros metros na rua onde está localizada a Double Wheel, identifico um restaurante em cuja fachada estão pintadas as bandeiras da Guiana e do Brasil e escrito “Restaurante Duas Nações”. Resolvo entrar.

Figura 31 - Restaurante Duas Nações e a garçonete Kate



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Ao entrar me deparo com um *buffet* onde está o cardápio do almoço: carne ao molho, frango ensopado, feijão, farofa, arroz, espaguete, salada de tomate e couve, e ao lado outro com frutas e uma garrafa de café.

Figura 32 - Aparador com comida brasileira



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Abordei a atendente, que na mesa ao lado, almoçava, se preparando para receber os primeiros clientes. O nome dela é Kate, 25 anos, guianense natural de Lethem e que trabalha neste restaurante há 2 anos. Chama-me a atenção o domínio da língua portuguesa, que mais tarde ela me confidencia que se deve ao longo

contato com os brasileiros aqui em Lethem e também porque tem família que mora em Bonfim para onde vai muitas vezes. Aproveito para lhe perguntar quem são os clientes deste restaurante? Responde-me que a maior parte é de moradores de Lethem, pois o restaurante é muito conhecido pela comida brasileira que serve e que “guianense gosta muito, já tem costume (sic)”. Ao fundo do salão constato que existe uma televisão e que ela está sintonizada na rede Globo e transmitindo um programa da Xuxa.

Figura 33 – TV sintonizada na Rede Globo



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Peço-lhe autorização para fotografá-la bem como do aparador de comida, agradeço e me retiro do restaurante. À saída reparo que o primeiro grupo de clientes (por sinal guianense) estava já adentrando ao restaurante. A hora do meu almoço chegara e assim me dirijo para a Churrascaria Savannah Brasil.

2.6.2 O churrasco brasileiro em Lethem

Logo na entrada, me deparo com a churrasqueira e nela, um homem (que mais tarde soube que era o esposo da proprietária), assava as carnes.

Sou abordado por ele, e ao dizer-lhe que pretendia almoçar, ele chama a esposa, Ana Silene. Como eu já havia dito que estava aí por indicação da gerente do hotel ao lado, talvez por isso, ela me acompanha até eu decidir pela mesa que iria ocupar. Aproveitei para lhe dizer o que estava fazendo em Lethem.

Fui surpreendido, quando ela me informa que faz parte de um grupo formado por brasileiros e guianenses desta cidade, que com o apoio de moradores de ambos

os lados da fronteira, organiza todos os anos, uma festa que acontece, um ano em Bonfim e no ano seguinte em Lethem, denominada Guy-Brás, em que estão presentes todas as manifestações culturais de ambos os povos desta fronteira, como a gastronomia, a dança, as músicas e o artesanato. Como eu tinha interesse em coletar todas as informações que essa interlocutora me pudesse fornecer, convidei-a para me dar uma entrevista no final da tarde, o que veio a acontecer no meio da tarde.

Antes de iniciar o meu almoço, com a sua autorização, fui registrando em fotos aspectos interessantes que se repetem e que reforçam a transmissão de alguns hábitos alimentares de uma cultura para outra: mesmo se tratando de uma churrascaria, a presença no aparador de comida do feijão, arroz, farofa, a TV sintonizada em um canal brasileiro, e a mesa do café à saída, onde estava além do café, chá e o leite. O salão do restaurante estava já com inúmeros clientes e era possível identificar que eram de várias nacionalidades: guianenses, chineses, indianos, brasileiros. Estes pela informação passada pelo marido da proprietária da churrascaria eram alguns moradores de Bonfim, outros trabalhadores das lojas de Lethem, outros eram compradores de Boa Vista (à saída pude confirmar esta última informação ao ver as placas dos carros). Terminei o meu almoço e combinei com a proprietária que retornaria a partir das dezesseis horas, horário que ela já havia marcado. À saída, enquanto tomo o café, permaneço alguns minutos conversando com o esposo da Ana Silene, que retoma a conversa sobre a festa *Guy - Brás* que a esposa organiza e me informa que a festa só não acontece em anos de eleição, e cita o ano de 2012, “ano político”, quando não foi realizada.

Figura 34 - Churrascaria *Savannah* Brasil (Buffet e TV Globo)



Fonte: arquivo pessoal - 19.09.2013 Lethem

Como estava próximo ao hotel onde estava hospedado, me dirigi para lá, onde aguardei a chegada do horário combinado a entrevista com a proprietária da churrasceria brasileira.

À chegada já sou recebido por ela, que parece estar ansiosa para que eu comece logo a entrevista (havia todo o material utilizado no almoço para arrumar). Convida-me para sentar e ocupamos a mesa próxima ao balcão do caixa. Dou início à entrevista perguntando-lhe como teria surgido a ideia de organizar anualmente a festa Guy-Brás? Responde-me dizendo que quando aqui chegou “reparou haver uma forte integração entre os dois povos (brasileiros de Bonfim e os de Lethem) e como havia já morado em outra fronteira (Letícia na fronteira da Colômbia, Peru e Brasil) e também nessa fronteira organizava esse tipo de festa, ela elaborou um projeto juntamente com um guianense e prepararam a primeira festa em 2010. Que havia sido “o maior sucesso”, tendo reunido mais de 500 pessoas. Começou descrevendo como é programada esta festa: que ela representa o lado brasileiro e, o outro parceiro do projeto, natural de Lethem, o guianense. Cada um “corre” atrás de apoios e com eles, tem conseguido trazer grupos musicais de Boa Vista. Citou alguns da última festa, como a Ciranda, o Cangaço e bandas de forró. Que o representante da Guiana, consegue sempre trazer orquestras, grupos de danças e bandas de *reggae* da capital (Georgetown). Nesse evento, está presente também toda a gastronomia típica dos dois países.

Adiantou também que essa festa tem sempre uma participação elevada devido ao número grande de famílias resultantes do casamento e uniões de brasileiros e guianenses que residem nesta fronteira. Por isso, a festa é chamada de “Guy-Brás”. Em relação à música e dança afirmou:

os moradores de Lethem gostam muito de dançar o forró e que o mesmo acontece com o *reggae* em relação aos moradores de Bonfim. Para mim, o *reggae* e o **forró faz já parte da cultura que existe aqui na fronteira**, tanto para o bonfinense como para o morador de Lethem (sic) (Ana Silene, 44 anos. 20.09.2013) (grifo do autor).

Quando lhe disse que no dia seguinte iria participar de uma festa na Jags, enfatizou que o dono dessa casa de eventos, costuma, com certa regularidade, trazer bandas de forró famosas do Brasil para se apresentarem na *Jags*.

Em relação à comida que ela serve no seu restaurante, ela afirma que no almoço, “o churrasco é o atrativo para o aumento dos clientes, o guianense gosta

muito da comida brasileira”. Também me informou, que durante o dia realiza entrega de refeições para os trabalhadores não só das lojas como também das obras. Que depois da abertura da ponte, a cidade está com grande desenvolvimento e todos os dias aparecem novas lojas e novas construções e que isso tem trazido também muito emprego.

Figura 35 - Cartaz anunciando oferta de emprego e obras em Lethem



Fonte: arquivo pessoal 20.09.2013 Lethem

Um pormenor interessante que me foi relatado por ela, é que à noite segundo suas palavras, "eu sirvo pizza e como os muçulmanos não comem carne, especialmente a de porco, a casa fica cheia deles". Estava chegando ao fim a entrevista. Agradeço-lhe ter disponibilizado o seu tempo para me atender. Agora era esperar pela festa na Jags.

2.7 A Jags

Finalmente o dia da festa chegara. Já passava um pouco das duas horas da tarde, quando chego à *Jags*, local onde ia acontecer a festa que eu participaria durante a noite.

A entrada se dá através de uma pequena escadaria, com poucos degraus (devido aos alagamentos, a construção foi executada em um piso mais elevado em relação à rua). No final da escadaria existe um portão que ao ser ultrapassado me leva através de uma passarela coberta à porta principal onde se pode ler "Welcome

to *Jags*” (bem vindo à *Jags*). Após ultrapassar esta porta, tem início a pista de dança, sendo circundada por um balcão onde fica o DJ e no fundo da pista, existe um palco em cujas laterais, por seu tamanho, são visíveis as caixas de som.

Figura 36 - Entrada da *Jags* e a pista de dança



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

O serviço de bar acontece em um balcão localizado na parte inicial da pista junto à porta de entrada. Ainda na parte interna, à direita, existe um corredor que comunica com a área onde se situa a cozinha, que através de outro balcão a separa da única parte externa que é coberta. Nessa área, observo que as mesas e cadeiras são de qualidade e diferentes das que estão em volta da pista.

Sou informado que essa área é destinada para casais, já que as da pista são para os jovens, porque o volume do som, durante a festa é elevado e que este local é mais reservado e o som chega com menor intensidade. Após esta área coberta, encontra-se toda a área externa, que não é coberta e onde visualizo várias torres formadas por caixas de som e um enorme telão.

Identifico junto a uma dessas torres, algumas caixas de cerveja brasileira. Toda esta área lateral do salão é murada e por estar em um nível mais elevado, é possível observar todo o movimento da rua.

Figura 37 – Parte externa da *Jags* (não coberta)



Fonte: arquivo pessoal- Lethem set.2013

Por tudo o que acabara de observar, já me permitia confirmar todas as informações que eu havia coletado com o proprietário da outra casa a *Double Wheel*: efetivamente, esta casa de festas havia sido construída com esse objetivo e estava dotada de uma estrutura física e de equipamento de som e de iluminação espetacular.

Outro aspecto a ser realçado nesta descrição da casa de festas *Jags* é a presença significativa da aparelhagem e equipamento de som. Neste sentido e pelo que pude observar, (estava sendo testada pelo DJ no momento em que eu conhecia todas as instalações), por sua potência sonora pode-se considerar como de grande porte. A aparelhagem que esta casa dispõe é composta de uma unidade de controle que possibilita a seu operador (o DJ), o uso de diversos recursos e alta qualidade na emissão musical, com suas caixas de som, que comportam diversos alto-falantes, agrupados no formato de colunas de 3 metros aproximadamente.

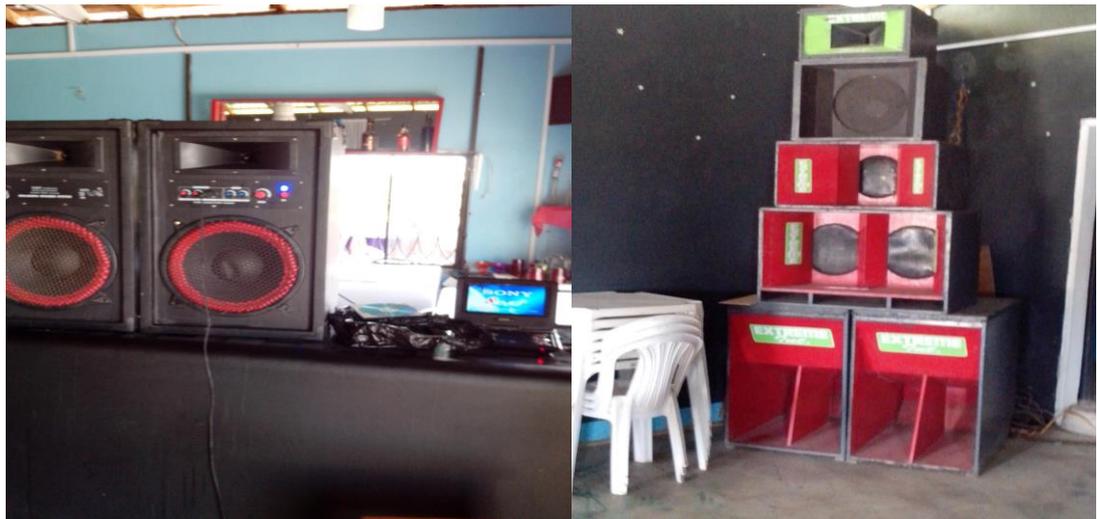
2.7.1 A preparação da festa de *Reggae*

Como eu já obtivera autorização par acompanhar a preparação da festa, ao chegar à *Jags* e ao adentrar ao salão onde está a pista de dança, encontro a Leesa, (filha do gerente), guianense, natural de Berbice, 19 anos, que no momento está limpando o piso da pista de dança. Reparo que um homem, ao mesmo tempo em que limpa as mesas e cadeiras já as dispõe em volta da pista de dança. São em

número reduzido, Pergunto-lhe se são suficientes e me explica que são poucas pessoas que se sentam nesta área, este é um espaço ocupado por jovens, e segundo ele, não sentando, a festa fica mais agitada e a pista mais movimentada.

Dentro do balcão onde todo o som é controlado, está um homem, de aspecto ainda jovem, a quem sou apresentado e diz chamar-se Cliff, que é o DJ das festas da *Jags*. Falo-lhe da minha admiração pela qualidade e potência do som que ele opera, e observo que toda a programação musical é comandada por um computador. Comenta que o som para os frequentadores da *Jags*, tem que ser “alto (sic)” e para agradar a todos, tem que tocar além do *reggae*, o forró, por ter muitos “*brothers*” de Bonfim que trabalham aqui nas lojas e ficam para a festa e outros que vêm de lá, só para se divertirem. E acrescenta que do outro lado da fronteira, “tem pouca festa e como esta não tem, tu vai ver logo à noite (sic)”.

Figura 38 – Equipamento de som da Jags (DJ)



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Saio desta área e peço para a Leesa me mostrar o bar e a cozinha. No bar observo que existem prateleiras com várias garrafas de Rum, Vodka, uísque e em baixo do balcão, algumas garrafas sem rótulo, com dosadores do bico que a minha informante diz ser “cachaça”. Visualizo também uma máquina de fazer gelo em cubo e que a bebida está já devidamente acondicionada em *freezers* verticais (geladeiras), desde várias marcas de cerveja tanto da Guiana como do Brasil e Venezuela, bem como outro com a parte de refrigerantes. Neste, me chama a atenção a presença além da coca cola e vários refrigerantes de fruta guianense, o

Guaraná antártica brasileiro. Como havia já registrado nas festas de Bonfim, os guianenses entrevistados, demonstram a sua preferência por este refrigerante.

Figura 39 – Freezer da Jags com Refrigerante brasileiro



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Observei que aqui, a cerveja brasileira também é colocada para ser consumida na festa. Elas dividem a preferência com a guianense Banks Beer: a Skin e a Brahma em lata e garrafa.

Tudo estava já preparado para a festa da noite. Tive a informação que, ao terminar uma festa, o pessoal que trabalha durante a festa, no final tem que deixar todos os *freezers* já abastecidos e os copos devidamente limpos, (também como na festa em Bonfim, os copos são em número reduzido). A Leesa, também me confirma que aqui em Lethem, todo o mundo “não usa copo”, e atribui esse hábito, ao clima quente (pois mantendo o líquido na lata a temperatura se mantém). Esse mesmo costume, eu havia já identificado durante a realização da festa em Bonfim.

A cozinha está localizada junto à única área externa que é coberta. Separada por uma parede da pista de dança, a cozinha comunica com esta através de um pequeno corredor. Essa localização foi escolhida por estar junto à parte coberta onde existem muitas mesas e onde os clientes (a maioria formado por casais) procuram para sentar e comer. Estas mesas são maiores e nelas são colocadas toalhas de tecido, além das cadeiras que são mais cômodas e de visual melhorado. Aqui o som chega com um menor volume e também é aqui, o único

lugar que é possível conversar e que “tem mais luz”, segundo a minha interlocutora. Durante a festa, quando pretendi fazer registros, verifiquei que isso não acontecia.

Figura 40 – Mesa com toalha e balcão da cozinha e TV



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

A cozinha é delimitada desta parte do salão por um balcão, por onde são entregues os pedidos das porções e de outros tipos de pratos pedidos pelos clientes. Sobre este balcão existe uma TV onde são exibidos os cliques das músicas que estão sendo tocadas e que atende os clientes que estão nesta área coberta e, que não tem acesso visual aos telões que estão posicionados, um na entrada do salão (ainda na parte externa) e outro sobre o palco na pista de dança.

Como anteriormente já havia pedido para conhecer a parte interna da cozinha, sou convidado a entrar e logo observo duas senhoras que estão retirando da câmara fria, tabuleiros com porções de frango congelado e de carne bovina já cortada (em cubos) e separada em porções. Quando perguntei que pratos eram mais pedidos pelos frequentadores da festa, uma delas, de nome Elaine, brasileira de Bonfim, me explicou que os que tem “mais saída” são o “*chicken and chips*” (frango com batatas fritas) e a carne ao molho *curry*. Que ela na cozinha trabalha com a fritura, não só do frango com fritas, mas também os salgadinhos (coxinhas de frango e pastel de carne) que ela prepara. Que o prato de carne é a colega dela que prepara e finaliza, pois ela é guianense e prepara melhor o prato com o molho.

Também me informa que os maiores consumidores dos pratos que saem da cozinha são os brasileiros, pois o pessoal “daqui come pouco”, gosta mesmo é de

cerveja e de Rum com coca cola. As pessoas daqui “bebem muito”, finaliza ela. Informo-a que mais tarde estarei presente na festa e que irei testar o seu “*chicken and chips*”.

Despeço-me dela com um até logo. Como já estava tudo organizado, agradeço à Leesa as informações passadas e com a promessa de voltar mais logo, me dirijo para o hotel para preparar-me para a festa. Quando já estava perto do carro, me confirma que a festa normalmente começa por volta da dezenove horas.

2.8 A FESTA DE REGGAE

Saio do hotel por volta das dezoito horas e trinta minutos e sigo em direção à *Jags*, onde vou acompanhar e participar da festa de *reggae*. Quando já presente no “bairro”, (vila anexa de Tabatinga) e na rua que dá acesso à casa de festas, é visível um número elevado de pessoas que caminha em sua direção. À medida que me aproximo também já ouço o som, que devido ao seu elevado volume, se propaga por todo o bairro. Recordo-me que a gerente do hotel onde estou hospedado, me afirmara, que o som “chega até aqui”.

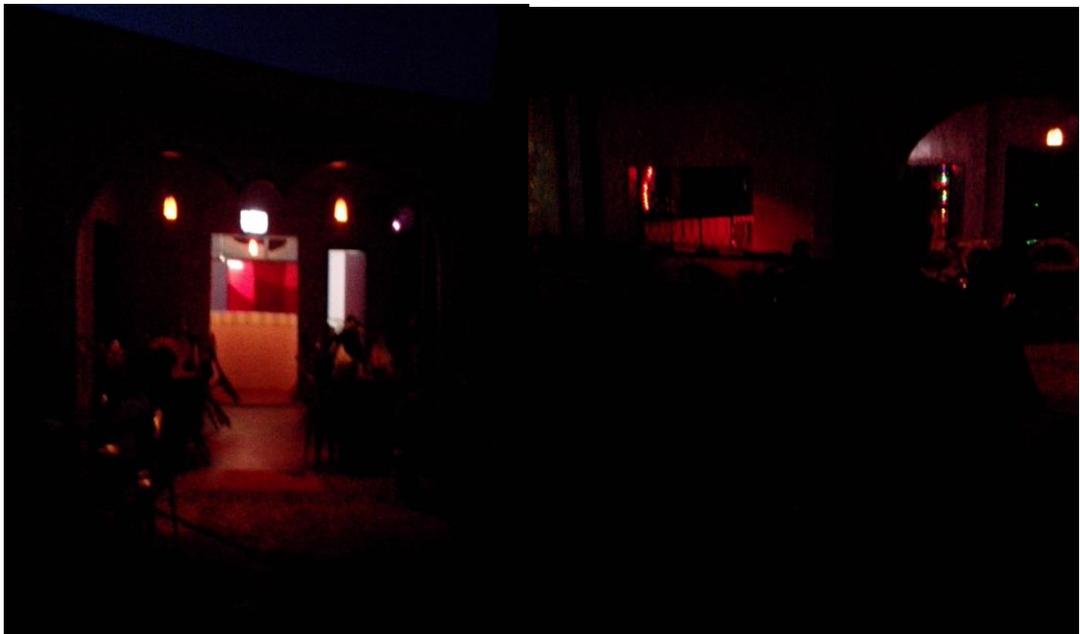
À chegada observo a presença de muitas pessoas na parte externa da casa. Muitas delas, já aproveitando o som (disco), para dançar na rua, que neste momento, se transformara na pista de dança. Pelo que pude observar, ainda me encontrando na parte externa, é que dentro da casa de festas, somente estão as pessoas que vão trabalhar na festa.

Adentro à casa de festas onde, ao notar a minha presença, sou recebido pelo gerente, senhor George, que me deseja uma boa festa e que eu me sentisse tranquilo, que aqui “somos todos *brothers*”. Aconselha-me a sentar numa mesa, estrategicamente bem colocada, (junto ao balcão da cozinha e também próxima da pista de dança). Estava acabando de me sentar e eis que ele já trás em uma bandeja duas cervejas “*Banks Beer*”, e convida-me a tomar junto com ele. Aceito e aproveito para lhe perguntar, porque as pessoas estão lá fora e não entram para o salão. Explicam-me que isso geralmente acontece um pouco mais tarde, quando o DJ começa a tocar *reggae*, “enquanto não começa a música do Bob Marley, eles não entram”, e enfatiza também o seu gosto pelo ícone da música *reggae* dizendo: “*is the number one*” (é o nº 1).

Também demonstro a minha surpresa por existir tanta gente na parte externa, mas sou logo informado, que nem todos entram, a maioria fica lá fora mesmo, na rua. Muitos são jovens e que moram no bairro e que nunca entram na casa de festas. O gerente acrescenta que mesmo não cobrando a entrada, eles não entram. Que quando querem consumir alguma bebida, pedem para um atendente que é colocado junto ao muro e que faz esse atendimento. Mais tarde, ao dar uma volta pelo lateral do salão e me aproximar do muro que separa o salão da rua, observei que alguns são muito jovens e talvez seja esse o motivo de não entrarem no salão. Também observei que, como me havia dito o senhor George, a presença do funcionário nesta área que atende estes jovens, e que o consumo de bebidas por eles é constante.

Passados alguns minutos, já próximo das dezenove horas e trinta minutos observo que as mesas começam a ser ocupadas e que o DJ já está tocando *reggae*. As músicas se sucedem uma após outra sem interrupção. O volume do som está no máximo enquanto que a pista, como toda a área do salão, está com a iluminação reduzida (dificuldade sentida no registro fotográfico).

Figura 41 - Ambiente da Jags (iluminação reduzida)



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

As mesas na área onde eu me encontro, começam a ser também ocupadas. A mesa ao meu lado está ocupada por quatro homens onde é possível visualizar que estão bebendo rum com coca cola e que também está sobre a mesa uma

travessa com salgados. Aproxima-se da minha mesa a Leesa (filha do senhor George), que me entrega o cardápio, e por já ter chegado à cozinha a notícia da minha presença, me diz que a Elaine (a cozinheira que eu conhecera à tarde), mandara dizer que estava esperando o meu pedido do “*chicken and chips*” conforme eu prometera. Apesar de o meu apetite ser reduzido, o relógio ainda não marcar nove horas da noite, resolvi fazer o pedido.

Figura 42 – Mesa com frequentadores da *Jags*



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set. 2013

Enquanto isso, a pista está já com muita gente. Pergunto ao gerente, se me autorizaria registrar em fotografia alguns ambientes da festa contendo a presença de participantes, e ele, muito polidamente, pede para eu aguardar, que ele iria perguntar se eles autorizariam ou não.

Passados alguns minutos, ele regressa e me informa que não obtivera êxito nessa negociação, mas que, mais tarde, quando a festa estivesse mais calma, ele conseguiria essa autorização pelo menos com o pessoal que estivesse em algumas mesas, pois muitos deles eram seus habituais frequentadores da sua casa, pois lhes explicaria a finalidade dessas fotos bem como o que eu estava ali fazendo. As fotos que fazem parte desta etnografia, referentes à festa da *Jags* onde se encontram participantes da festa, são as que ele se refere e as únicas autorizadas.

Resolvi levantar-me da mesa e me aproximar da pista de dança. Observo que a pista está lotada e que o DJ, é o “astro”, pois muitos dos presentes da festa

estão junto dele dançando e repetem os gestos e coreografias que ele faz para animar o público a dançar as músicas.

Nesse momento, lembro-me do incômodo que me trazia o volume da música nas festas de forró em Bonfim. Aqui, também, ele estava no máximo. A emissão da música vinda das torres de som e distribuída por caixas amplificadoras em lugares estratégicos da *Jags* e a baixa iluminação era algo que me cansava profundamente. Inicialmente pensei que essa música tocada com esse volume e a pouca iluminação seria o oposto de uma sociabilidade, um obstáculo para a interação. Eu precisava conversar com os participantes, observar, ouvir e ser ouvido, e até agora, no meu deslocamento até à pista de dança, inúmeros foram os esbarrões com pessoas ora parados em interação, ora dançando no trajeto até lá. Imediatamente constatei que essa minha dificuldade estava associada à minha pouca experiência em participação em festas de *reggae*.

Ao meu lado, um grupo de jovens conversava e observei que, em certos momentos, conforme o volume da música, eles elevavam o tom de voz. Logo em seguida, quando fui convidado pelo DJ a ficar na parte interna do balcão onde ele trabalhava, coloquei em prática essa técnica, não mais falando e sim quase gritando, pedindo-lhe se podia ver alguns dos CDs que ele estava usando no seu repertório. Constatei que ele era um apaixonado e estudioso por *reggae*, pois ao mesmo tempo em que eu anotava os títulos dos CDs, ele sempre procurava contar-me algo mais sobre a história dessas gravações e desse gênero musical. O primeiro CD era de uma banda *The Wailers* fundada por Bob Marley, Peter Tosh e Bunny Wailer em 1963, e que segundo o Cliff me informou, é tido como o grupo mais conhecido mundialmente, por ter passado por todos os estágios da evolução do *reggae*.

Além deste CD existiam outros: de Bob Marley, como “*I Shot the Sheriff*” e “*No Cry*” de Bunny Lee com a faixa “*Say What You’re Saying*” (1967), Pioneers com “*Long Shot Bus Me Be!*”, que ele me explica ser o exemplo mais antigo do novo ritmo que ficaria conhecido como *reggae*. Dos cantores e bandas mais atuais faziam parte da sua coleção: Ziggy Marley, Beres Hammond, Pulse, UB 40 e Big Mountain.

Também observei a existência de vários DVDs, que eram projetados nos telões, tanto da pista de dança como da parte externa, como o de Jimmy Cliff onde são apresentadas cenas do filme *The Harder They Come*, de 1972, traduzido como “Balada Sangrenta” no Brasil. Um fato curioso foi ter observado que o DJ também tinha alguns CDs de músicos e bandas brasileiras que tem o *reggae* em suas

composições. Posso citar como exemplo: Cidade Negra, Alma D’Jem, Tribo de Jah, Nativus entre outros.

Talvez coincidindo com a minha presença no balcão de som, Cliff troca o *reggae* por forró. Se a pista tinha muita gente dançando o *reggae*, agora mais ela se tornara insuficiente para conter mais gente ainda. Observo que um casal que estava em uma mesa logo no início da festa e que o gerente já me havia apresentado como “*brasilian brothers*” (irmãos brasileiros) e que eu havia fotografado, se dirige para a pista e começa a dançar. Reparo que dançam uma sequência de passos que mais parece uma coreografia ensaiada¹⁰. Não demora muito para que o outro casal guianense que estava com eles também se dirija para a pista e se integre na dança do forró.

Figura 43 – Casal brasileiro (esq) e guianense (dir)



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Observo as pessoas que estavam dançando na pista e percebo que sua maioria era formada por casais mais jovens, mas também era possível observar alguns casais mais idosos. Quase todos eles sabiam de cor as músicas que estavam sendo tocadas. Esse mesmo detalhe havia já observado quando da apresentação das músicas de *reggae*. Tanto nas músicas de forró como de *reggae* homens e mulheres se comunicam dublando as canções. Foi notória a dificuldade de dublagem de quase todos eles em relação às músicas originárias do país que

¹⁰ A dança de forró é feita por pares, um homem e uma mulher, que dançam bem agarrados, com as pernas encaixadas

não era o deles. Porém, usavam um pouco de criatividade e usavam a sonoridade das palavras para se aproximarem da letra original.

Em uma observação mais atenta, pude verificar que os casais enquanto dançam utilizam a dublagem também para negociar a forma de relação, passando mensagens com o seu corpo, olhos e boca. Tanto o *reggae* como o forró, pelo que observei, tem um forte componente corporal, dançante.

Enquanto o forró era tocado, a pista se mantinha lotada. Era fácil identificar quem eram os participantes: muitos brasileiros facilmente identificáveis através do jeito de dançar e de sua língua (quando dublavam as letras das músicas), e os guianenses pelo uso de camisetas com imagens ou com o nome de Bob Marley, muitos usando *dreadlocks*, e outros usando as boinas coloridas que Marley também usava. Outra curiosidade que me chamou a atenção foi como o ritmo jamaicano ganhou tanta força aqui nesta região de fronteira (de ambos os lados) e passou a ser dançado “agarradinho”. Apesar de alguns participantes desta festa dançarem separados, muitos deles, mesmo sendo guianenses, dançavam o *reggae* agarrados. Ao questionar o DJ da razão do *reggae* ser dançado assim, ele confirmou que só aqui isso acontece. Ele me diz que “que é melhor assim para arrumar namorada brasileira”, e acrescenta: “é igual ao forró”.¹¹

Para reforçar a sua ideia ainda complementa: “o *reggae* e o forró juntam as pessoas de Bonfim e Lethem”. Concordo com ele, o que eu observara na festa de Bonfim, do lado brasileiro da fronteira, e o que eu estava agora constatando, eram evidências concretas que estas festas com estes dois estilos musicais, produzem uma comunhão entre os moradores das duas cidades vizinhas. Em ambas, tanto o *reggae* em Bonfim como o forró em Lethem para os seus habitantes são expressões culturais que se entranharam a tal ponto na bagagem coletiva dos seus moradores, que já fazem parte desta cultura de fronteira criada pelo intenso intercâmbio cultural.

De um lado, é oferecido um serviço (festa) voltado para o lazer de final de semana e de outro, surge um universo de sociabilidade que é a festa em si, marcada por códigos (saber dançar, reconhecer as músicas etc.), encontros e comunicação.

Sou abordado por um atendente da *Jags* que me informa que a Leesa pediu para eu me dirigir à minha mesa, que o prato que eu pedira, estava já pronto.

¹¹ Segundo Silva (1995), os bailes no Nordeste brasileiro eram embalados com o forró, lambada e merengue e, o *reggae* passou a ser colocado nos intervalos das músicas mais agitadas, a famosa “música lenta”. Como as pessoas tinham o hábito de dançarem juntas, era natural que o *reggae* também fosse dançado assim.

Deduzo que isso acontecera há muitos minutos atrás, pois já eram quase vinte e três horas, e talvez tivessem tido dificuldade de me encontrar devido à pouca iluminação e mais ainda por me encontrar junto ao DJ, local de maior aglomeração de público.

No trajeto até à minha mesa, volto a experimentar dificuldades de me deslocar. Noto que o corredor que dá acesso à parte externa onde está situada a minha mesa, existe um vai e vem de grupos de jovens que parece buscar uma boa localização para si e seus amigos na festa. Este corredor e as partes laterais são assim locais de trânsito permanente, de empurra-empurra e de muitos esbarrões. Para aumentar ainda mais, deparo-me com grupos de rapazes que ao som da música vão agitando os braços enquanto se deslocam, em uma coreografia em movimento ao longo de todo o salão da *Jags*.

Finalmente chego à mesa, onde já se encontra o prato por mim escolhido e de sugestão da cozinheira brasileira.

Figura 44 – *Chicken Chips* (Frango com batatas fritas)



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Ao saboreá-lo verifico que não existe qualquer diferença deste prato com o que é servido do “lado de lá” da fronteira, em Bonfim.

Devido à minha localização (próximo do balcão da cozinha), aproveito para observar quais os pratos do cardápio que são mais solicitados: as porções de salgados tipicamente brasileiros (confeccionados pela cozinheira brasileira), o *chicken chips* (frango frito com batatas fritas), o *roti* com carne desfiada (um lanche

que vale uma refeição, segunda informação da cozinheira), o frango ao *curry* (devido à presença de indianos) e o *chowmein* (um tipo de macarrão de origem chinesa).

Em relação ao consumo de bebidas, identifico o consumo de cerveja brasileira Skin, da guianense Banks Beer e da venezuelana Polar. Mais tarde tive a confirmação que a cerveja brasileira, mesmo tendo um custo mais elevado que as outras, o seu consumo está quase ao mesmo nível da Banks (guianense). A justificativa desse consumo foi atribuída ao fato de ela ter um teor mais elevado de álcool e também a uma questão de poder de status maior diante dos outros.

Esta segunda justificativa veio confirmar o que Pereira (2006), já havia detectado em seu trabalho sobre empréstimos, mudanças e conflitos culturais nesta fronteira. Constatei que além do refrigerante guianense *I-Cee*, que é oferecido nos sabores, tangerina, pera e maçã, outro que tem muito consumo e grande aceitação por parte dos guianenses é o brasileiro Guaraná Antártica. Já durante a tarde, quando acompanhei a preparação da festa, havia reparado que em dois *freezers* havia uma grande quantidade desse refrigerante. Outra bebida muito consumida durante a festa foi o Rum (é considerada a bebida principal da Guiana).

Perto da mesa onde acabara de comer, e no espaço entre ela e outra, noto a chegada de um casal que decide se apropriar deste espaço e transformá-lo em pista de dança. Dançam agarrados, intercalando momentos em que evoluem em círculos de maior ou menor extensão ou fazendo a mulher girar em torno de sua mão. A dança vai criar aqui, rapidamente um espaço particular para eles. Como a mesa onde eu estava era a única que possuía três cadeiras vagas (talvez por ninguém me conhecer), em um dos poucos momentos em que a música deu um intervalo, resolvi convidá-los para sentar junto a mim, pois era visível o cansaço por eles demonstrado. A noite estava quente e somando-se a quantidade de pessoas presentes e à dança ininterrupta, este casal apresentava já as suas roupas coladas ao corpo de tanta transpiração. Eles acabam aceitando. Poderia a partir de agora, fazer com que eles se tornassem também meus interlocutores.

Depois dos cumprimentos e apresentações iniciais, fui fazendo algumas perguntas ao casal. O homem me disse chamar-se Francis, era natural de Lethem, tinha vinte e sete anos, era ajudante de pedreiro e que sua companheira, a Célia, era brasileira de Bonfim, tinha vinte e quatro anos e que estavam vivendo juntos havia dois anos. Quando lhe perguntei como se conheceram, respondeu-me que antes de ser pedreiro, trabalhara numa loja, aqui em Lethem, onde também

trabalhava a Célia, e que começaram a namorar quando se encontraram “aqui mesmo na *Jags*”, numa festa de *reggae*.

Logo em seguida quem fala comigo é a Célia que me diz que quando começou a namorar o Francis, ainda morava em Bonfim e que todos os dias, no final do trabalho, ela voltava para Bonfim. Somente nas sextas feiras é que ficava em Lethem em casa de uma amiga guianense e, foi numa dessas sextas feiras, que ao participar de uma festa aqui, começou o seu namoro. Que agora “já vivo junto” aqui em Lethem. E acrescenta: “viver aqui ou em Bonfim é a mesma coisa. Tenho família aqui e lá também, na fronteira é tudo misturado”. Como curiosidade, fala-me que com ela aconteceu o inverso que aconteceu com seu pai:

Minha mãe é guianense e quando conheceu meu pai, ela foi logo morar com ele em Bonfim. Aqui não havia trabalho, lá é que era bom. Hoje, para mim, bom é aqui, o Francis tem muito trabalho e eu até posso escolher onde quero trabalhar. Em Bonfim não tem nada... não tem trabalho para mim nem para ele. Aqui hoje tá bom de morar aqui (sic) (CÉLIA, 24 anos).

Quando a Célia me diz “hoje tá bom de morar aqui”, entendo essa afirmação relacionada com o tempo e sentimento. Sentir-se significa perceber-se, experimentar uma sensação de conforto e ter uma perspectiva de vida, que segundo ela, coisa que não existe no lado brasileiro.

Reparo que o Francis sai da mesa e logo retorna com duas cervejas: uma brasileira (*Skin*), que ele já estava bebendo e outra guianense (*Banks*) que é entregue à sua companheira. Pergunto-lhe se ele gosta dessa cerveja e respondeu-me: “antes eu bebia antártica, mas agora, não só eu, todo o mundo daqui gosta só desta”. Já a Célia me diz que a sua escolha é porque a “cerveja daqui é fraquinha”, e que quando bebe a cerveja brasileira fica “tonta”. Aproveito para perguntar se vêm sempre aqui e por quê? Diz-me que em Lethem, a única diversão durante a semana é o seu trabalho diário e que,

quando chega cinco horas, a loja fecha e acabou...só resta ir para casa, ver televisão e dormir. À noite a iluminação das ruas é muito baixa. Para sair não tem condições. Lethem não tem uma praça... aqui tudo funciona durante o dia. Então, sexta feira a *Jags* tem sempre fôrro e *reggae*, é o lugar onde encontramos nossos “*brothers*”, daqui e de Bonfim. O *reggae* e o fôrro unem a gente, sai muito casamento aqui. Eu mesmo foi aqui que comecei a namorar, lembra o que te falei?(sic) (CÉLIA, 24 anos).

Durante a permanência deste casal na minha mesa, pude constatar o grande número de moradores de Bonfim que frequentavam esta festa, pois nossa conversa foi interrompida várias vezes para que eles fossem cumprimentados. Por ter percebido alguns sinais que me diziam que eles queriam voltar a dançar, utilizei como pretexto, para deixá-los à vontade, a necessidade de observar como estava a animação da festa nas partes externas das laterais do salão.

Acabara de me levantar e eles imediatamente fizeram o mesmo. Mais tarde, visualizei-os na maior euforia, no centro da pista, sendo aplaudidos pela sua coreografia ao dançar o forró.

Ao mesmo tempo em que circulo por toda a área lateral do salão, vou observando que os participantes utilizam também este espaço para dançar. Eles vão elaborando coreografias, como a formação de rodas em que uns vão dando as mãos aos outros, demonstrando grande alegria e amizade. Guianenses e brasileiros demonstram assim a alegria de estar juntos e a festa proporciona este estado de união e uma enorme confraternização entre toda esta diversidade cultural. De acordo com Bueno (2008), as festas, abrem espaço no interior da sociedade para uma participação ativa e se transforma em uma forma privilegiada de lazer, pois, além do clima de descontração cria um espaço essencial para fortalecer e alimentar a rede de relações sociais.

A troca de determinados valores, através da festa que acontece entre visitado e visitante proporciona uma enorme riqueza de conhecimentos que acabam modificando sua visão de mundo. Essas mudanças e transformações permitem novas configurações sociais e culturais.

A influência provocada pelas interações, que ocorrem nas festas, é transferida ao modo de vida dos moradores destas duas cidades de fronteira, à gastronomia, aos hábitos de entretenimento e como várias vezes citei, até à expressão linguística, como quando são utilizados com frequência os termos “*my brother* e *my friends*” pelos moradores de ambas as cidades de fronteira. Amaral (1998), afirma que a festa, pelo espaço acolhedor que cria, contribui e facilita a inclusão dos indivíduos no coletivo. Ao me aproximar da área próxima ao telão externo, sou interpelado por um amigo guianense do casal que me havia sido apresentado pela Célia, que se aproxima do meu ouvido (o som continuava com volume elevado) e sem que eu pergunte algo ele vai já falando:

Antigamente não era assim, as pessoas que eu encontrava aqui nas festas eram quase todas daqui. Eu venho aqui há muito tempo, e posso falar para o senhor, cada festa tem mais gente. Acho que são as pessoas que moram aqui perto, os nossos vizinhos de Bonfim. Agora com a ponte eu vejo que aqui tem mais gente sempre. O pessoal “de lá” gosta daqui e do nosso *reggae*, e nós também gostamos “de lá” e do *forró* (sic)(Robert guianense).

Da mesma forma que havia surgido rapidamente, o Robert desaparece correndo e pulando no meio das pessoas que estavam junto ao telão.

À medida que a festa prosseguia, o movimento em volta do balcão do bar aumentava e conseqüentemente o consumo de cervejas e de outras bebidas era intensificado. Observo também que, a festa proporciona o encontro de pessoas que não se vem à muito tempo. Alguns como os que se encontram na mesa à minha frente, não estão na festa para dançar. Desde o começo, reparo que nunca se levantaram para dançar. Extravasam alegria e a todo o momento são abraçados por amigos guianenses. Pelo idioma dá para perceber que são brasileiros. Mesmo com as dificuldades do idioma, eles conseguem dialogar. As mãos não param de se movimentar. A linguagem gestual é utilizada simultaneamente com algumas palavras de um e do outro idioma. Estão ali para beber, comer e conversar, confraternizando. Todos estão na festa, com a certeza de que estão ali para se divertirem.

A festa tem esse poder: propicia a atração de gente. As relações sociais entre os de “lá” e os de “cá”, inúmeras vezes acabam se constituindo em namoros passageiros, uniões duradouras (exemplo da Célia) ou até simplesmente no desejo de conhecer o outro. De acordo com Amaral (1998, p. 198), as pessoas de “fora” acabam construindo sua própria visão a partir do que vêem e sentem, culminando com o florescimento de “novas mediações, aproximando os diferentes e estabelecendo códigos novos, compreensíveis para os dois lados”.

Já se aproxima das duas horas da manhã. O DJ continua intercalando séries de *reggae* e de *forró*. A pista começa a ficar com menos pessoas. Também identifico agora que o DJ começa a fazer uns momentos de pausa entre uma série e outra.

Quando mais tarde conversei com ele, disse-me que esses intervalos entre uma série e outra, é uma estratégia que ele adota para que, o público presente, perceba que o final da festa está se aproximando. Acrescenta ainda mais outra estratégia, que eu também observara: o aumento da iluminação nas áreas laterais do salão e na pista de dança. Posso afirmar que ambas funcionaram.

Ao passar uma vez mais pela área externa, já não observo ninguém nas mesas. Em pequenos grupos, as pessoas se encaminham para a saída do salão. No momento de despedida, eles já estão pensando na próxima festa. “Semana que vem, estamos aqui de novo”. Como a festa de *reggae* é um dos únicos momentos de lazer de Lethem, todos esperam ansiosos pela próxima festa. Na rua, existe já um movimento de carros que vai deixando o salão. Como a rua está totalmente às escuras, as pessoas aproveitam as luzes dos carros para também se deslocar por ela.

Volto para a parte interna do salão e me posiciono junto à pista de dança. O DJ começa a sinalizar o término da festa. Através do seu microfone ele anuncia a próxima festa. É na próxima sexta feira, avisa. Na pista agora, somente três rapazes, pulam e entoam a letra do *reggae* gritando, demonstrando ter consumido muita bebida. Logo aparece o senhor George e pede para que eles se acalmem e saiam, dizendo: “*the party is over*” (a festa acabou). Fiquei surpreso, pois foi imediatamente atendido. Os rapazes cambaleando, passam por mim se despedindo (me assustei por não contar com essa reação) e abraçados saem da pista de dança. Antes, porém, param em frente do telão que está bem próximo da saída, fazem uma pequena coreografia (semelhante a passos de capoeira) e deixam o salão.

O senhor George explica-me que todos os frequentadores já sabem que a festa termina às duas horas da manhã. Ele precisa aproveitar este tempo para proceder à limpeza do salão, cozinha e bar, recolher todas as mesas, cadeiras e toalhas para dentro do salão (parte fechada) e repor bebidas, porque tanto ele como os seus empregados tem que descansar e, além disso, evita a utilização do seu gerador de energia elétrica.

Reconheço que ele deve estar extremamente cansado. A festa começara às sete horas da noite, mas desde as duas horas da tarde, ele não havia sentado uma única vez. Foram inúmeras vezes que o vi servindo bebida e comida nas mesas, além de passar a toda a hora perguntando se alguém queria algo ou se estava tudo bem. Toda a festa estava sob o seu controle.

Chegara a hora de eu também ir embora. Antes de me despedir de todo o pessoal que havia trabalhado na festa, reparo que tudo já está devidamente organizado. Procuro pelo senhor George e encontro-o no bar, ajudando a Leesa a abastecer um *frezzer* de cerveja. Procedo ao pagamento da minha despesa e me despeço dele, sem antes confirmar a entrevista que iria realizar com ele e com

alguns dos seus funcionários para as quinze horas, conforme ele determinara. Ao sair do salão, e próximo ao meu carro, percebo que apesar de ser já de madrugada, isso não faz muita diferença para alguns dos participantes, pois ainda continuam junto à entrada da festa conversando.

Dirijo-me para o hotel para descansar. Tenho a certeza que, por tudo o que observara, (só lamentando não ter conseguido tirar boas fotografias por a festa dispor de pouca iluminação), percebera quais as etapas que acontecem durante a festa, bem como os seus participantes, os elementos que fazem parte dela e o que acontece durante uma festa de *reggae* em uma cidade guianense (Lethem), vizinha de uma cidade brasileira (Bonfim), na fronteira com o Brasil. Havia identificado que na festa que acabara de participar ocorre um tipo de sociabilidade que agrega não só os participantes que moram em Lethem, como também os brasileiros que trabalham nesta cidade e os habitantes de Bonfim. Em vários momentos identifiquei aspectos responsáveis para que isso aconteça. Na festa de *reggae*, como acontecera em minhas observações em Bonfim, os conflitos são minimizados, fazendo que a convivência agregue os habitantes das duas cidades como fazendo parte de uma totalidade.

Entendo a festa como fenômeno que perpassa todas as culturas e com um fundamento comum como o observado não só aqui em Lethem na Guiana como em Bonfim no Brasil: o da mediação social.

[...] a festa é uma das vias privilegiadas no estabelecimento de mediações da humanidade. Ela busca recuperar a imanência entre criador e criaturas, natureza e cultura, tempo e eternidade, vida e morte, ser e não ser. A presença da música, alimentação, dança, mitos e máscaras atestam com veemência esta proposição. A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis. A festa é a mediação, o diálogo da cultura consigo mesma (AMARAL, 1998, p.54).

Em ambas as cidades, nas festas, o forró e o *reggae* são elementos que propiciam a interação e associação dos moradores e, através deles e de várias trocas e empréstimos culturais, criam um quadro social e cultural que possibilita o surgimento de uma forma cultural específica de fronteira formada por símbolos e

valores das duas culturas. Uma cultura nova, totalmente diferente de qualquer outra em outro território, com elementos que só são encontrados aqui.

Não se podem fechar os olhos a esta realidade. Nesta fronteira acontece uma intensa interação que faz esse lugar único, com mesclas de várias culturas devido à heterogeneidade cultural existente nestas duas cidades. E estas festas nos dois lados da fronteira acabam segundo Perez (2012), selando pactos, uniões, trocas, sendo também parte fundamental da vida social. O conceito de cultura de Roberto DaMatta nos ajuda a embasar tal afirmação.

[...] “cultura” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de “civilização”, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é [...] um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade (ROBERTO DAMATTA, 1989, p.2).

No trajeto até ao hotel, após entrar na rua principal, reparo que Lethem está deserta e numa escuridão total. Nenhum carro circulando, além do meu. Quando chego ao hotel e saio do carro, o silêncio é um convite a uma boa noite de sono. Também, pudera, depois de uma noite de *reggae* e forró a todo o volume, o silêncio era bem vindo aos meus ouvidos.

2.8.1 O que fazem e pensam os que “fazem” a festa

É sábado. Já são quase quinze horas. Como havia combinado com o gerente da casa de *reggae*, para lá me dirijo. Ainda não havia entrado e já começava a fazer os registos fotográficos que ontem não conseguira. Necessitava desses registos para melhor ilustrar o espaço da festa.

Como no dia anterior, havia não só participado da festa de *reggae* como também conhecedora e obtivera a colaboração de todos os interlocutores envolvidos com a organização da festa, resolvera, hoje, por entender ser de grande importância a opinião de quem efetivamente “está dentro do evento” “ouvir” o que eles têm a dizer sobre a festa e quem são essas pessoas.

Encontro o gerente George Nicholson próximo a um dos caminhões onde estavam sendo colocados alguns equipamentos de som. Cumprimenta-me e se diz pronto para me conceder a entrevista. Propõe-me nos deslocarmos para dentro do salão e utilizo o balcão do bar para apoio do meu material.

Figura 45 - O gerente da *Jags* no balcão do bar



Fonte: arquivo pessoal – Lethem set.2013

Volto a explicar o objetivo da minha pesquisa e ligo o gravador e inicio a entrevista. Confirma o nome que eu já anotara, diz que tem 48 anos de idade, que é casado e natural de Lethem. É o de gerente da *Jags*, e que o dono da casa de festas é seu tio, residente na capital Georgetown e que uma vez por mês vem para Lethem ficando nesta cidade quase sempre uma semana.

Pergunto-lhe quando a *Jags* foi construída e qual a razão da escolha de trabalhar realizando festas? Conta-me que seu tio, que também é dono do hotel *Savananh*, ao passar vários meses em Lethem para acompanhar a construção do supermercado situado na rua principal da cidade e em frente ao hotel onde estou hospedado, observou que somente existia uma casa de festas, a *Double Wheel*, e que esta além de não oferecer grandes eventos, oferecia uma única festa por mês.

Assim, resolveu construir uma casa de festas devidamente equipada e que pudesse oferecer aos habitantes de Lethem, pelo menos uma festa por semana. Segundo o senhor George, seu tio que também é dono de uma casa de festas em

Georgetown, observou que a cidade não oferecia aos seus moradores qualquer tipo de lazer, tanto é que, várias foram as vezes, que ele e o seu tio, foram para Bonfim nos finais de semana, para se divertirem. Depois, quando seu tio reparou que em Bonfim as pessoas gostavam de festa e de *reggae* também, e como eles tinham muitos amigos brasileiros que trabalhavam em Lethem e que aos finais de semana não iam para Bonfim, porque as lojas abrem mais cedo (devido à clientela que é maior nesse dia), ele resolveu construir uma casa só para festas. Também me confidencia que esse empreendimento vai bem, porque além da casa ter sido construída e pensada para esse tipo de evento, os guianenses gostam muito do *reggae* e do forró e o seu DJ está sempre atualizado no que se refere às músicas mais tocadas e que são sucesso. Que antes de inaugurar a casa, ele e mais dois funcionários, foram para a capital ver e aprender como se faz uma festa “boa”. Afirmou ainda que desde a primeira festa, quando tem som ao vivo (confirma-me que costuma contratar bandas de *reggae* em Georgetown e de forró no Brasil) nunca cobrou entrada de mulher, e afirma:

eu quando vi que na outra casa (*Double Wheel*) mulher tinha que pagar, resolvi logo acabar com isso. Aqui nas minhas festas com banda de *reggae* vindas de fora e caras, só quem paga para entrar são os homens mesmo, porque o certo é mulher não pagar. Por aqui tinha gente que cobrava, viu? Sem mulher, aí também não vem homem na festa, porque não tem com quem dançar, depois falam, reclamam que a festa foi fraca, não sabe fazer, então?!(sic) (George Nicholson, 48 anos).

Em relação a esta política de mulher não pagar, pode-se supor que essa prática seja uma forma de atrair mais homens para as festas. No entanto, na *Jags* trata-se de uma regra como é defendido pelo George “o certo é mulher não pagar”.

Depois enfatiza que seu tio, colocou todo o equipamento e estrutura na casa. E me questiona: “Viu como a festa ontem foi boa?” E acrescenta: “eu trabalho com pouca gente, mas cada um sabe o que tem de fazer”. Mais ainda, que “quando vi que o povo de Bonfim gosta de forró, eu mandei logo começar a tocar essa música, e aconteceu que agora, aqui nas minhas festas tem tantos brasileiros como gente daqui” (sic). Que os moradores de Bonfim quando chegam na *Jags* dançam do mesmo modo tanto o *reggae* como o forró. “Hoje, para nós e para eles é tudo uma coisa só, é só diversão”.

Aproveitei para lhe falar que tinha gostado da comida da festa de ontem. Ele, sorrindo me disse: “quem fez foi a Elaine” (referindo-se ao ser a cozinheira

brasileira). Salientou também o consumo e aceitação da cerveja e refrigerante brasileiros pelos frequentadores da *Jags*, mesmo sendo vendidas com um preço bem mais elevado que as daqui e diz: “o *brother* gosta de mostrar à mulher que tem vida boa”. Atribuiu o aumento do seu público e desenvolvimento da cidade à abertura da ponte. Que, além das festas, também fazem locação de equipamento de iluminação e som, bem como alugam o caminhão gerador para festas nas outras vilas de Lethem. E acrescenta apontando para o caminhão que estava sendo carregado: “esse aí vai daqui a pouco para St. Ignácio” (uma das vilas anexas de Lethem).

Observo que o caminhão estava pronto para sair e que só aguardavam o fim da entrevista. Faço-lhe a última pergunta, pretendendo saber se ele vai com frequência a Bonfim? Diz-me que sim, que tem muitos “*brothers*” lá, e que também costuma ir a Boa Vista, fazer compras. Faço-lhe o convite para me visitar em Boa Vista, e que gostaria de recebê-lo em minha casa. Responde-me afirmativamente, que eu já era também “*brother*”. Despeço-me dele só confirmando que de seguida iria conversar com a Leesa, tendo imediatamente me autorizado a fazê-lo.

A próxima entrevistada é Leesa George. Tem 19 anos de idade, nasceu em Berbice. É filha do gerente senhor George. É solteira. Pergunto-lhe se já namorou algum brasileiro? Diz-me que sim, “um só”, mas tem muitos amigos em Bonfim. Que estudava em Georgetown e que seu pai a trouxe para Lethem à cerca de 2 anos, para trabalhar na *Jags*. Informa que trabalha na *Jags* como recepcionista, mas “faço tudo o que precisa, sou auxiliar do meu pai”. Que ainda não fala bem o português, mas que, com o pouco que fala já “consegue entender e atender os brasileiros que vem na *Jags*”. Quando pergunto se ela conhece Bonfim, ela me diz que sim, que faz academia lá e que três vezes por semana se desloca para Bonfim, porque aqui não tem “ainda academia”. Questionada se gosta de dançar forró, responde-me que não sabe dançar e que está começando agora a gostar de ouvir. E acrescenta: “em Georgetown ninguém conhece o forró, aqui é que toca sempre, então os guianenses daqui gostam muito”. Que o que ela adora é o *reggae*. Porém, me surpreende pedindo para eu ouvir uma música que tem gravada no seu telefone, que ela gosta muito. É a música “Metoro da paixão” de Luan Santana. Afirma que ainda estava em Georgetown quando começou a gostar das músicas deste cantor.

Que gosta da comida brasileira (churrasco) e da cerveja brasileira. Que frequenta as festas de forró em Bonfim mesmo não sabendo dançar, que vai lá para

“ver amigos e também fazer novas amizades”. Atribuiu a sua vinda para esta cidade ao aumento de emprego que ela considera estar atrelado à abertura do trânsito na ponte. Que na capital, ela não estava encontrando trabalho, “lá é difícil”.

A próxima entrevistada é a Shivanie Sing. Tem 34 anos e trabalha aqui só nos dias que tem festa. É natural de Lethem, casada, tem três filhos e trabalha na cozinha. Que só trabalha aqui no dia de festa, pois como trabalha no supermercado do mesmo dono da *Jags*, sempre a chamam para trabalhar na cozinha. Este trabalho é pago “por fora”, e que a ajuda muito, por ter três filhos ainda pequenos e que no supermercado não ganha muito. Perguntei-lhe quanto era o salário que lhe pagavam, mas não obtive resposta. Sempre gostou de cozinhar e que os pratos que ela faz todos os clientes, brasileiros e guianenses gostam de comer.

Que além da Elaine (a outra cozinha brasileira) que é sua amiga, tem muitas amigas brasileiras e sempre que pode, vai assistir aos cultos da igreja Universal em Bonfim. Tem um irmão que é casado com uma brasileira e que mora em Bonfim. Não gosta de dançar, nem *reggae* nem forró, mas que gosta das letras das músicas do *reggae* e do forró. Para ela, o *reggae* e o forró são parecidos, por isso é que aqui, os guianenses gostam.

Para finalizar as minhas entrevistas, conversei com a Elaine Rodrigues, a cozinheira brasileira que desde que a conheci no dia da festa à tarde, estava no meu foco, por entender que a comida é expressão da cultura não só quando produzida, mas também quando preparada e consumida. Comer é cultura, sustenta Montanari (2010), pois é fruto de nossa identidade e um instrumento para sua expressão e comunicação.

Início a nossa conversa, pedindo-lhe para me contar como é ser cozinheira num local onde existe uma diversidade cultural tão grande. Diz-me que não é difícil, pois, aqui, todos já estão habituados a comer tanto a comida guianense como a brasileira, que antes da ponte, aqui não tinha restaurantes brasileiros como agora. Todo o mundo agora já entra em churrascaria brasileira e come churrasco, pois aqui tem umas três, não contando com os restaurantes que abriram aqui e que servem comida brasileira. Atribui este gosto por ambas as gastronomias ao contato diário que acontece entre as culturas e habitantes destas duas cidades. Que do mesmo modo que quando ela casou e veio morar com o marido aqui, acabou por aprender a gostar da comida guianense, com eles acontece o mesmo.

Pergunto-lhe se tem dificuldades na confecção dos pratos que são servidos na festa da Jags? Diz-me que não, por os ingredientes básicos são os mesmos, só o que muda são os temperos, e uma ou outra maneira de cozinhar. Como exemplo, me falou do frango caramelizado (adocicado) que é acompanhado de espaguete ao molho “*curry*”. Do resto, tudo era quase a mesma coisa. Em relação ao seu trabalho na cozinha da *Jags*, afirma que prepara os salgadinhos, como a coxinha de frango, pastéis de carne, bolinhas de queijo e outros e que também é responsável por toda a fritura dos alimentos e montagem das comidas nos pratos. Diz-me que os guianenses nas festas não consomem muita comida, “eles são mais é de beber”. Quando perguntada como se sente aqui em Lethem, ela me fala que se sente bem, como em Bonfim, “é igual”, mas gosta mais “daqui”, pelo fato de “ter trabalho e ter conseguido junto com o marido, construir uma casa legal”. Como suas colegas já estavam indo embora resolvi dar por concluída a entrevista. Despeço-me de todos e agradeço todo o importante apoio que me haviam dado.

CAPÍTULO III

3. CULTURA, FRONTEIRA E CULTURA DE FRONTEIRA

Ao estudar os eventos festivos e a construção de uma cultura de fronteira pelos sujeitos que vivem na fronteira Brasil - Guiana através de festas de *reggae* e forró que acontecem entre os habitantes da cidade brasileira de Bonfim e a cidade igualmente fronteira de Lethem pertencente à República da Guiana entende-se ser importante para o leitor deste trabalho etnográfico não só os conceitos de cultura, fronteira e cultura de fronteira, mas também como os mesmos foram pensados.

3.1 CULTURA

No contexto desta abordagem, cultura foi tratada como um fenômeno em movimento que se modifica e é parte dos processos de aprendizagem construídos no cotidiano da vida de fronteira. As mudanças culturais se produzem a partir dos contatos interculturais. Assim, a cultura no contexto das dinâmicas sociais propicia a mudança nas relações, ao mesmo tempo em que é parte essencial dessas relações.

Geertz (2008), é a principal referência para o entendimento do conceito de cultura. Este autor visualiza a cultura como um conjunto de mecanismos de controle, como planos, receitas, regras, instruções, que ordenam o comportamento do homem, tornando-o dependente de tais mecanismos. Entretanto, essa cultura não é acrescentada ao homem acabado (no decorrer de sua existência); ela é, sim, um ingrediente essencial na produção desse homem, levando ao entendimento de que a natureza humana depende, também, da cultura. Deste modo, “sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens”, o que aponta na direção de que o ser humano é inacabado e que se completa “através de formas altamente particulares de cultura” (GEERTZ, 2008, p. 36). Defende um conceito ampliado de cultura, essencialmente semiótico, baseado na sociologia clássica de Max Weber, que entende que o homem só é capaz de viver em um mundo que tenha significado para ele. Assim, traduz a cultura como sendo a produção desse sentido, ou seja, uma teia de significados tecida pelos homens, em suas interações do cotidiano,

mapeando a ação social: “um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, sendo a cultura uma ciência interpretativa, que busca a análise do significado daquelas teias (GEERTZ, 2008, p. 4). Propõe um conceito de cultura que,

denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida, imputando à cultura um caráter público e compartilhado (GEERTZ,2008,p.66).

Entretanto, estes significados não são intrínsecos aos objetos, atos, acontecimentos, qualidades ou relações (símbolos) que os possuem, mas lhes são impostos pelos homens que vivem em sociedade. De maneira semelhante, os símbolos segundo Geertz (2008, p. 68), “são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças”, que servem como vínculo a uma concepção, que é o significado do símbolo. O pensamento consiste em um “tráfico de símbolos significantes” sendo que amontoados ordenados de símbolos significantes dão origem a padrões culturais, através dos quais “o homem encontra sentido nos acontecimentos”, que o faz viver. Por conseguinte, para Geertz (2008, p.150), “o estudo da cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, é, portanto, o estudo da maquinaria que os indivíduos ou grupo de indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria obscuro”.

Na sua obra *A interpretação das culturas*, enuncia que a cultura seja vista como um texto passível de leitura e interpretação, em busca do significado expresso na lógica informal da vida real. Em seu clássico exemplo sobre as piscadelas, compreende-se que

o objeto da etnografia é “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as falsas piscadelas, as imitações e os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados e sem as quais ele de fato não existiria (GEERTZ, 2008, p 5).

De acordo com Geertz, os símbolos e os significados de uma cultura são vivenciados nos relacionamentos entre os sujeitos. Assim, uma cultura é um sistema formado por símbolos e significados. Estes englobam categorias, unidades, normas sobre relações e regras sobre modos de comportamento.

Por meio deste raciocínio, Laraia (2009, p.63), argumenta que estudar cultura é pesquisar um código de símbolos partilhados pelos membros dessa cultura. Fundamenta esse sistema como um fenômeno complexo marcado por dinamismos, alterações e articulações entre antagônicos padrões referenciais que são recriados nesta negociação. Cultura se apresenta assim, como sistema dinâmico. Para Laraia (2009, p. 101), “cada sistema cultural está sempre em mudança”. Identifica dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro (2009, p. 96). Para este autor, cultura é “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”, ou seja, todo comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética (2009, p. 28).

Hall (2003), complementa os estudos de Laraia, centrando suas atenções na problemática das relações que envolvem as identidades das culturas no contexto contemporâneo, marcado pelas alterações, pelas contaminações e pelas múltiplas referências que transitam entre os diversos grupos. Destaca em seus estudos a característica de deslocamento dos sistemas culturais. Ao falar sobre “cultura”, define o mecanismo desses sistemas como lócus em constante deslocamento, um campo em trânsito com peculiaridades que moldam o modo de enxergar e de interpretar a vida, um sistema que rege comportamentos e origina relações compartilhadas entre os povos, mas, também, olhares diferenciados entre si, um espaço tenso, de negociação, de articulação entre os novos padrões e antigos saberes das tradições.

Também de acordo com este autor, o hibridismo é a fusão entre diferentes tradições culturais e constituem um dos diversos tipos de identidades frutos da globalização. Para este autor, em toda a parte surgem pessoas que emigram de sua terra natal, atravessam fronteiras naturais e passam a viver em outras localidades. São pessoas que devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais e a negociar entre elas. Para este autor “a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, é uma produção. [...] estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (Hall, 2003, p. 44).

3.2 A FRONTEIRA BRASIL GUIANA

Fronteira é o tema interveniente deste trabalho. Uma fronteira é um limite entre dois universos de regras, uma dicotomia acentuada entre as identidades nós e eles. Estes limites são fundados por marcas de oposições políticas, étnicas, linguísticas e culturais. Países fronteiriços são como vizinhos: todos definindo uma oposição, um limite territorial, mas incapazes de viver sem a influência e a interferência do outro. A palavra fronteira evoca um limite ou linha divisória entre entidades diferentes e, por consequência, o lugar substantivo ou simbólico onde essas entidades se encontram.

Nesta abordagem conceitual a fronteira entre o Brasil e a Guiana foi encarada não apenas como marco divisório construído, que representa limite e divisões, mas pensada na sua outra dimensão: na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio e práticas transfronteiriças, que implicam trocas simbólicas em formato de empréstimos culturais.

Foi sempre entendida como fronteira cultural porque, "fronteiras culturais remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e ideias" (PESAVENTO, 2002, p.36), e também por entender que os primeiros povos do território que compõe esta fronteira, já aqui se encontravam antes da chegada da geopolítica e implantação da linha limite. Para mim, e por eu ter vivido uma diáspora, a fronteira representa um limite sem limites.

A fronteira cultural é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica (PESAVENTO, 2002, p.37).

As fronteiras são espaços de muitas misturas e fluxos culturais. A zona fronteira se caracteriza por uma mescla de culturas e de identidades. Os limites políticos não correspondem aos limites culturais. Segundo Barth (1998), a etnicidade se define nas fronteiras, ou seja, quando há o contato entre dois grupos diferenciados, as fronteiras destes definem a sua etnicidade por meio das diferenças. Dentro de um grupo o conteúdo, os traços culturais, podem se modificar, todavia a etnicidade continua a mesma, sendo percebida através dos sinais

diacríticos das fronteiras, ou seja, nos mostra que a ordem cultural pode mudar significativamente sem, no entanto, ocorrer mudança na identidade étnica de seus membros. Isso significa que a natureza da identidade étnica não guarda qualquer homologia com a da cultura, ainda que ambos mantenham estreita relação.

De acordo com Oliveira (2005), ao se observar uma região cortada por fronteira entre dois países, verificar-se-á que existem pequenas cidades que se situam em cima dessas fronteiras e, a rigor, possuem como elemento divisor de um país e outro apenas uma rua, uma ponte ou outro espaço qualquer de uso comum.

É numa região como a que o autor cita, que estão localizadas as cidades de Bonfim e de Lethem e que me permite denominar estas cidades como fronteiriças, onde as culturas, dos dois lados, são ao mesmo tempo separadas pelo papel do território constituinte nacional, e por outro, elas interagem num entrelaçamento permanente de idas e vindas de pessoas e mercadorias, que se misturam, formando algo peculiar com atrativos, pois segundo Ravenstein (1980, p. 69), as “cidades que se situam próximas a fronteiras de Estados tornam-se, virtualmente, centros de atração de emigrantes dos dois Estados”. Ambas também podem ser classificadas de “cidades-gêmeas” devido a serem núcleos urbanos simetricamente dispostos dos dois lados de um limite internacional, usualmente vinculado à posição privilegiada em relação às redes de comunicação. Dessa proximidade deriva intenso intercâmbio de pessoas, serviços, capitais e informação, mas de modo geralmente assimétrico, às vezes complementar, às vezes competitivo (HOUSE, 1980).

Antes da inauguração e abertura da ponte ao trânsito de pessoas e automóveis, esses empréstimos e trocas culturais já estavam presentes no cotidiano destes habitantes, mas não com a mesma intensidade como tem lugar hoje. Até essa data, o rio Tacutu se configurava como uma barreira, já que a sua travessia era possível somente por via fluvial, através de uma balsa de dimensões reduzidas, com o inconveniente do tempo gasto para a sua travessia e o transporte de um número reduzido de pessoas e automóveis.

A partir de 2009, o rio deixou de ser um elemento limitador e o fluxo de pessoas, mercadorias e veículos passou a ser uma constante. A partir destes pressupostos, a fronteira é entendida como um elemento articulador e se transforma em um recurso para as populações tanto de Bonfim como de Lethem, uma região onde a presença do Estado tem sido limitada ou em determinadas situações, até mesmo inexistente.

As populações fronteiriças aprenderam a instrumentalizar esta posição, a partir do ponto de vista econômico, social, simbólico e político devido ao afastamento destas cidades de fronteira internacional das áreas mais desenvolvidas, onde os centros decisórios estão instalados. A preocupação em resolver os problemas locais levaram os moradores desta região a criar mecanismos e desenvolver estratégias para resolver suas dificuldades, estimulando interações entre os povos de ambos os lados da fronteira. De acordo com Canclini (1987, p. 283), “na fronteira não há nada mais intenso do que a questão territorial, pois ela é um espaço que politicamente pertence a um país, culturalmente a dois e socialmente a nenhum”. Os habitantes destas duas cidades, separadas pelo rio Tacutu e desde 2009 ligados por uma ponte, não se sentiram impedidos de trocar relações pelo fato de pertencerem a nações distintas. Antes pelo contrário, interagiram e constituíram espaços comuns próprios, com configurações peculiares.

Os dados empíricos, através da etnografia tendo como princípio a observação participante, possibilitaram a constatação desses vínculos culturais. Estes habitantes trocam informações, produtos, relações, configurando um novo espaço, criando normas e articulações definidas para atender as suas necessidades. As relações entre os moradores destas duas cidades de fronteira são dinâmicas, as interações são constantes e demonstram várias formas de cooperação e entrelaçamento entre os campos sociais presentes. As necessidades de um lado são somadas pela participação do outro, as brechas de um são preenchidas pela ação do outro de modo a se complementarem e se apoiarem mutuamente, configurando um ambiente diferenciado, próprio desta área fronteiriça. E é este ambiente diferenciado, com todas estas peculiaridades, que dá origem à forma cultural específica que será tratada a seguir.

3.3 CULTURA DE FRONTEIRA

Desenvolver investigações em áreas de fronteira impõe grandes desafios pela complexidade que se apresenta considerando que ali existe grande diversidade cultural e uma multiplicidade étnica. Sabe-se que entre as populações das cidades fronteiriças de Bonfim (do lado brasileiro) e de Lethem (do lado Guianense), local onde a pesquisa foi realizada, vivem, de fato, fluxos e vínculos que ultrapassam as fronteiras nacionais e que entre elas existe uma convivência cotidiana duradoura.

A antropologia tem contribuído para uma nova visão sobre a relação entre culturas de fronteira, diversidade cultural e a noção de pertença. As diversidades culturais e étnicas que estão presentes nesta fronteira sugerem uma peculiar articulação dos espaços no cotidiano de seus moradores, a partir da nova maneira de entender as relações que se estabelecem entre essas populações. Entretanto, os conflitos estão presentes, assim como as estratégias a fim de superá-los.

Essas populações vivem, efetivamente, um longo processo de contatos interculturais e, apesar das diversidades e dos conflitos presentes, os habitantes da fronteira interagem cotidianamente em certa sintonia, sem abandonar as particularidades próprias de cada cultura praticamente ignorando as dimensões político-administrativas, na tentativa de demarcar seus espaços e lugares, em um território compartilhado. De acordo com Uriarte (1994), a ideia de que a fronteira é só um espaço para a separação das populações fronteiriças, faz tempo foi descartada. A fronteira como sistema acaba por gerar relações que necessitam precisamente desta linha política para subsistir. A tal ponto isto é assim que, alguns autores falam de “cultura de fronteira”. Segundo Anzaldúa (1987), Arce (2000), Lugo (2003), as fronteiras entre países são espaços de trocas e de fragmentações culturais.

Boaventura de Sousa Santos (1993), em seus estudos sobre “cultura de fronteira”, a associa à existência nos espaços fronteiriços de uma heterogeneidade cultural significativa e à ausência de uma cultura predominante. Este fragmentarismo, para este autor, é ao mesmo tempo causa e efeito de um déficit de hegemonia cultural. Esse déficit de diferenciação e de identificação, se por um lado cria um vazio substantivo, por outro, poderá consolidar uma forma cultural muito específica, “a cultura de fronteira”, porque,

o contexto global do regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam. A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-e-vem, e como tal nunca está escancarada, nem nunca está fechada (SANTOS, 1993, p 50).

Valcuende (1998), em seus estudos enfatiza as “culturas de fronteira”, de grupos que, a partir de suas próprias posições aprenderam a instrumentalizar, de forma diversa, esta demarcação político-administrativa. De acordo com este autor,

em um mesmo espaço convergem tradições, saberes, formas singulares de apropriar-se do meio que têm um condicionante fundamental: a fronteira.

3.3.1 A forma cultural específica desta fronteira

Buscando contribuir para a análise e a compreensão das práticas culturais que dão sustentação à existência nesta fronteira dessa forma cultural específica, denominada de “cultura de fronteira”, apresento uma reflexão embasada nos relatos e informações extraídas das entrevistas não só com os participantes das festas, mas também de observações realizadas no cotidiano vivido durante a realização da pesquisa, que reforçam os pressupostos para a construção dessa forma cultural entre os habitantes das duas cidades de fronteira: grande heterogeneidade cultural e multiplicidade étnica e uma convivência cotidiana duradoura; as populações destas cidades fronteiriças vivem fluxos e vínculos que ultrapassam as fronteiras nacionais; compartilham o território e entre elas existe um longo processo de contatos interculturais; a fronteira entre estes dois países ser espaço de trocas e fragmentações culturais.

Os vínculos culturais entre os habitantes das cidades de Bonfim e de Lethem existem há muito tempo. De acordo com Revière (2001), há alguns séculos, o que hoje é conhecido como Brasil, Venezuela, República Cooperativista da Guiana, Suriname e Guiana Francesa era o espaço de circulação e vivência dos indígenas. Informa que viviam nessa localidade e, em alguns casos, ainda vivem, povos “aparais, wayanas, tiriyo, waiwai” entre outros. Trabalhos mais recentes como os de Farage (1991; 2002), Santilli (1989; 1994; 2002), Pereira (2005) e Baines (2006) apontam os Macuxi e Wapixana como componentes desse cenário, principalmente na região de fronteiras entre os três primeiros países acima citados. Esses povos compreendiam dois troncos lingüísticos: Karíb e Arawak (OLIVEIRA, 2011).

Em conversas informais que tive durante a minha permanência nesta fronteira, quando solicitados a falar sobre esse intenso trânsito transfronteiriço os moradores desta fronteira chamam de “intercâmbio”; “nosso modo de viver de lá pra cá”, explicam, é assim mesmo: “tudo misturado”. Interpreto esse modo de pensar sobre a vida na fronteira segundo a noção de “cultura de contato” apresentada por Cardoso de Oliveira (1976). Segundo o autor:

É no interior de uma determinada cultura de contato que poderemos nos propor a buscar soluções para problemas de caráter geral, como o grau de sistematização e consistência entre diferentes valores que coexistem numa cultura, tanto quanto questões mais específicas como o padrão de coerência entre o sistema de valores (qualquer que seja o grau de integração ou consistência) e os mecanismos de identificação étnica.(CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 21).

Outro dado assinalado por vários dos meus interlocutores é o emprego de modo diferenciado para quem não vive e, portanto não é morador desse espaço e pelos habitantes do local. Em muitas entrevistas e conversas informais, sempre enfatizam essa noção de pertencimento, sempre se identificavam como: “nós somos da fronteira”. Para quem vive nestas duas cidades de fronteira, a linha divisória é tênue e não precisa passar pela demarcação geopolítica. De acordo com Muller, (2002, p.226), “eles se dizem “da fronteira”, incluindo-se em uma área diferenciada, e deixam para regiões mais distantes, além das zonas urbanas, a responsabilidade pelos contornos nacionais”. Por estes motivos, posso afirmar que estas populações fronteiriças possuem uma mentalidade própria que contribui para a constituição dessa forma cultural específica de fronteira, porque para eles, as noções de espaço e nacionalidade muitas vezes são tão abstratas quanto a ideia da existência de uma linha demarcatória que os separa do outro país.

Não há como pensar “identidade” de forma descontextualizada, fora da história e do contexto dos indivíduos e dos grupos que se autodefinem. Ao mesmo tempo, não é possível pensá-la sem levarmos em conta fatores ideológicos e subjetivos que compõem o sentido e significado de tais definições. Em outras palavras, a construção da identidade é um produto das relações que os indivíduos e ou grupos estabelecem, e por isso não podemos falar em uma identidade fixa, permanente, mas num processo de construção constante.

Da mesma forma, torna-se difícil pensarmos em “identidade” no singular, uma vez que as trocas pressupõem grupos diferentes e, portanto, identidades diferentes em constante mudança.

Identidade e etnicidade são conceitos que não podem ser entendidos separados da dinâmica das relações sociais nas quais e através das quais as pessoas interagem com outras e consigo mesmas. Identidade pode ser entendida como o que nos possibilita uma diferenciação e ou igualdade em meio a outros

semelhantes. Por existir a partir da dinâmica das relações em sociedade, ela está sempre em estado de construção e desconstrução, sempre inacabada. Identidade

[...] não é uma essência; não é um dado ou um fato [...] a identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental [...] podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. Ela está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. Ela tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2009, p.96).

Como processo social, a construção da identidade também se configura como uma prática de poder, o poder de classificar, de diferenciar, de identificar, de dizer quem pertence ao grupo (nós) e quem pertence a outros grupos (eles).

A interação entre os estados territoriais na zona de fronteira se expressa frequentemente através da vinculação social e cultural, adotando-se reciprocamente usos, costumes, valores e expressões idiomáticas que são próprias e distintivas das cidades que, mesmo separadas por um limite estabelecido, criam um lócus de interação próprio, só perceptível naquele espaço geográfico. Conforme menciona Farret (1997), nessas cidades de fronteira se produz uma interface, cujas influências recíprocas determinam comportamentos socioeconômicos e culturais que as diferenciam do restante de seus respectivos países, em que se formam verdadeiras sociedades transfronteiriças. São numerosos os exemplos dessa adoção recíproca: o hábito de ouvir e dançar o forró e o *reggae*; a música e a televisão brasileira nas lojas e residências de Lethem; na culinária das duas cidades o uso do “*curry*”, do “*rotti*” e do arroz, feijão e farofa e do churrasco brasileiro; o consumo da cerveja brasileira e guianense bem como do chá com leite; na linguagem, a adoção pelos habitantes das duas cidades dos termos “*my brothers*” e “*my friends*” e o entendimento dos dois idiomas; o intercâmbio entre as crianças das escolas, pela necessidade do aprendizado da língua do “vizinho”.

Como resultado dessa interação, a existência nesta fronteira, de um grupo numeroso e com denominação própria os “Guy-Brás”, resultante dos inúmeros casamentos entre brasileiros e guianenses, que vivem tanto do lado brasileiro como do lado guianense. Essas trocas e incorporações culturais estiveram presentes nas festas. Como afirma Amaral (1998), a festa se torna um momento de troca cultural, um momento de interação entre grupos étnicos distintos.

Pelo observado, a festa surge justamente a partir dessas diferenças culturais entre os moradores destas duas cidades, que encontram no festejar, uma maneira de afirmarem suas similitudes, seja por meio da música, da dança e da gastronomia. Apesar de não alcançarem todos os códigos sociais da festa, as pessoas de “fora”, do outro lado da fronteira, acabam construindo sua própria visão a partir do que veem e sentem, fazendo com que apareçam “novas mediações, aproximando os diferentes e estabelecendo códigos novos, compreensíveis para os dois lados” (AMARAL, 1998, p. 198).

O caráter dinâmico e permeável desta fronteira foi outro elemento que chamou a minha atenção, e o associo também aos pressupostos que contribuem para a existência dessa forma cultural específica de fronteira. Através dela, estes habitantes trocam informações, produtos, relações, configurando um novo espaço, criando normas e articulações definidas para atender as suas necessidades.

Na descrição etnográfica, descrevo a passagem de uma camioneta guianense carregada com gás de cozinha procedente de Bonfim, que não é parada no posto de fiscalização (Bonfim não tem esse produto) e de igual modo, diariamente os automóveis de moradores de Bonfim se deslocam até Lethem para abastecer de gasolina (em Bonfim não existe posto de combustível). As fronteiras nacionais são pensadas a partir da permeabilidade de pessoas, coisas e objetos. Assim, a gasolina comprada na cidade de Lethem por brasileiros e o gás comprado na cidade de Bonfim por guianenses traduz bem essa permeabilidade de coisas e objetos.

As relações entre os moradores destas duas cidades de fronteira são dinâmicas, as interações são constantes e demonstram várias formas de cooperação e entrelaçamento entre os campos sociais presentes. As necessidades de um lado são somadas pela participação do outro, as brechas de um são preenchidas pela ação do outro de modo a se complementarem e se apoiarem mutuamente, configurando um ambiente diferenciado, próprio desta área fronteiriça.

As particularidades decorrentes destas situações específicas por tudo o que representa um ambiente de fronteira, com hábitos, costumes e processos onde as diferentes culturas se entrelaçam, através de dinâmicas proporcionadas por um fluxo muito grande de trocas e empréstimos culturais, proporcionam o surgimento de uma forma cultural com características próprias deste espaço.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo empírico onde se desenvolveu a pesquisa foi a fronteira entre o Brasil e a República Cooperativista da Guiana, mais especificamente as cidades de Bonfim do lado brasileiro e Lethem na Guiana. Pelo afastamento que as zonas fronteiriças aqui estudadas tem do contexto nacional do qual fazem parte, as populações tanto de Bonfim como de Lethem entendem a fronteira como um elemento articulador e a transformam em um recurso para ultrapassar as adversidades presentes, onde a presença do Estado tem sido limitada ou em determinadas situações, até mesmo inexistente. Este distanciamento das áreas mais desenvolvidas e a preocupação em resolver os problemas que estas populações enfrentam, fizeram com que os habitantes desta fronteira, criassem mecanismos e estratégias para resolver suas dificuldades, estimulando interações entre eles

O contexto historiográfico apresentado neste trabalho ajuda analisar esta região e entender o processo de construção destes dois Estados nacionais: o Brasil ex-colônia portuguesa desde 1822, e a Guiana, ex-colônia holandesa e posteriormente inglesa até sua independência em 1966. Desde a época da colonização, estas áreas foram (e são) palco de várias correntes migratórias de vários países do Mundo que aqui se instalaram e deram lugar à existência de uma heterogeneidade cultural significativa. Os moradores de Bonfim e Lethem vivenciam intensos e históricos processos de deslocamentos de diversos grupos étnicos (Makuxi e Wapichana), grupos nacionais (afro-guianenses, brasileiros, peruanos, venezuelanos, bolivianos, indiano-guianenses, índios, mestiços, coreanos, chineses) e grupos locais de brasileiros que transitam nestes espaços intercambiando hábitos, costumes, crenças e valores. As trocas culturais e o trânsito nesta fronteira ocorrem desde os primeiros povos que habitaram este espaço. O trânsito de diversas populações nacionais e étnicas nesta zona fronteiriça gera muitas tensões e, algumas vezes colocam em cheque os limites aparentemente fixos dos Estados Nacionais. Essa fronteira é um espaço de encontro de diversas culturas e, conseqüentemente, o lugar de contatos e trocas culturais, de negociações e ressignificações de elementos que fazem surgir uma cultura própria e singular. Uma cultura totalmente diferente de qualquer outro tipo de território, com elementos que só são encontrados ali, portanto específica desta fronteira.

No trabalho de campo, foram constatadas dinâmicas culturais e a circulação de elementos culturais que hoje, fazem parte da cultura de ambas as populações destas cidades fronteiriças, independente da origem tradicional desta ou daquela cultura.

Antes de dar continuidade a estas considerações finais, entendo como oportuno registrar que, “o estar lá”, ampliou o universo da pesquisa. De maneira alguma abandonei o objeto (as festas) para obtenção de respostas ao problema a ser investigado, mas, por me ter sido apresentado um cenário tão pleno de detalhes do cotidiano dos moradores nestas duas cidades de fronteira, que iriam fortalecer as minhas observações, resolvi por sua inclusão no trabalho etnográfico. Surgiu, assim, a necessidade de compreender as mudanças nas práticas culturais enquanto resultado das diferentes formas de manifestação dos aspectos simbólicos experienciados pelos grupos sociais não só nas festas, mas também na sua vivência cotidiana. Assim, começo por destacar como a fronteira, interfere nas práticas sociais, econômicas e culturais ali desenvolvidas.

O evento da construção da ponte foi um marco importante na história e vida destas duas cidades e de seus moradores. Em Lethem provocou um rápido e significativo desenvolvimento: aumentou a oferta de produtos antes não existentes e, se transformou em um mecanismo de atração de pessoas, não só de outros lugares (Boa Vista), que atravessam a fronteira para comprar, como para os habitantes de Bonfim que, com o surgimento de novas construções de residências, lojas, restaurantes, postos de combustíveis entre outros, fez aumentar a oferta de trabalho e emprego. Já do lado brasileiro, a cidade de Bonfim não se beneficiou com esta dinâmica, pelo contrário, nas entrevistas realizadas, todos os moradores foram unânimes ao afirmar que a ponte não provocou nenhuma mudança (um ou outro referiu só a rapidez para o deslocamento para Lethem), e que ela havia contribuído para a transferência para Lethem de serviços que nesta cidade brasileira existiam. Recordo-me de um morador que me afirmou: “se já antes estava difícil aqui, com a ponte ninguém mais entra na cidade de Bonfim, passam direto pela entrada da cidade na rodovia, parece até que não existimos aqui”.

O “estar lá” e a convivência no dia a dia neste espaço transfronteiriço forneceu-me subsídios para afirmar que este espaço excede os limites geopolíticos. É construído socialmente no fluxo diário de pessoas, coisas e objetos. Exemplos desse “ir” e “vir” é o trânsito permanente de pessoas que atravessam a ponte

diariamente, a pé, de bicicleta ou de carro, trocando informações, produtos, relações, ou seja, configurando um espaço e criando articulações para atender as suas necessidades. Retrato esta situação quando do meu deslocamento para Lethem, da observação da passagem de uma camioneta com placa guianense procedente de Bonfim carregada com gás de cozinha, não ser parada no posto de fiscalização e o trânsito diário de automóveis dos moradores de Bonfim para abastecimento de gasolina em Lethem, devido à inexistência destes produtos nas duas cidades. As necessidades de um lado são sanadas pela participação do outro, as brechas de um são preenchidas pela ação do outro de modo a se complementarem e se apoiarem mutuamente, desenhando um ambiente diferenciado, próprio das áreas fronteiriças (MULLER, 2002).

O trânsito de pessoas de um lado ao outro é permanente, até porque os laços familiares entre brasileiros e guianenses estão presentes neste espaço. Pelas entrevistas e conversas informais realizadas, foram identificados inúmeros casos de casamentos e uniões entre moradores de ambas as cidades. Esta situação é comprovada com a existência nesta fronteira de um grupo identificado como Guy-Brás, resultante dos casamentos entre brasileiros e guianenses, que vivem tanto do lado brasileiro como do lado guianense. Nesses, está muito nítida a cultura de fronteira, formada pela incorporação e troca de elementos culturais de uma e outra cultura.

Nas primeiras observações realizadas sobre o cotidiano destas populações fronteiriças, foi constatado que entre elas existe uma duradoura e harmoniosa convivência, e existe entre elas o mesmo sentimento de pertencimento a este espaço: os habitantes de Bonfim e Lethem sempre se diziam nós somos “da fronteira”. Os fatores responsáveis por tal convivência são vários e podem destacar-se as relações de parentesco como os de casamentos, as atividades econômicas, tanto de comércio como de contrabando, uma história partilhada de interação e complementaridade, que de acordo com Wong-Gonzales (2002), é construída por um sentimento comum e coletivo de pertencimento ao local.

Devido ao comércio, de um lado e do outro da fronteira, os comerciantes são obrigados a aceitar a moeda da cidade vizinha, tornando-se este procedimento condição de sobrevivência. Pela necessidade de sociabilidade e comunicação e também para a efetuação de suas transações, são criadas zonas de bilinguismo. Identifiquei a presença na rede municipal de Bonfim de alunos guianenses com o

objetivo do aprendizado da língua portuguesa e de igual modo alunos de Bonfim que se deslocam para Lethem para o aprendizado da língua inglesa. Os habitantes de Lethem utilizam os serviços médicos e odontológicos daquele município brasileiro. Também a enorme aceitação do churrasco brasileiro, que hoje faz parte já do hábito alimentar da população de Lethem, comprovado pela existência de um número significativo de churrascarias que oferta esse serviço. Foram encontrados também, restaurantes em Lethem que oferecem no seu cardápio diário, o tradicional prato brasileiro, feijão, arroz, farofa e mistura (carne), onde a sua clientela é formada quase que exclusivamente por guianenses de Lethem.

A premissa inicial que orientou o meu trabalho foi a de que, através das festas de forró e *reggae* que acontecem entre os habitantes destas duas cidades, seria possível identificar uma cultura de fronteira. Para isso, acompanhei a preparação, organização e participei de duas festas: uma de forró, na cidade brasileira de Bonfim e outra de *reggae* em Lethem, cidade guianense. Nestas duas festas, apesar de acontecerem em lugares/países diferentes, não foi possível distinguir diferenças significativas quanto à duração, frequência, lugar onde ocorrem, participantes, tipo de som utilizado e repertório musical oferecido. Ambas tem em comum, um local que durante a semana funciona como bar e acontecem sempre às sextas feiras. Os participantes são os moradores destas duas cidades, público esse constituído por grupos sociais de diferentes origens étnicas e culturais. A sua maioria é de brasileiros e guianenses que tem em comum o convívio de longo tempo sendo perceptível em seus modos de estar e participar nestes eventos, a incorporação de hábitos e costumes de ambas as culturas desta região de fronteira. As duas utilizam som mecânico e ofertam um repertório musical composto de músicas de forró e de *reggae*. A única diferença registrada foi quanto à quantidade de participantes: a festa de *reggae* na cidade de Lethem teve uma participação maior de pessoas. No intuito de classificá-las como propõe Duvignaud (1983), que considera a participação como elemento fundamental, estas são classificadas como festas de participação por nelas participar a comunidade em seu conjunto.

Tanto uma como outra exprimem uma linguagem social específica, visto que seguem um padrão que é semelhante: revelam traços organizados e programados, assim como fases recorrentes. O modo de preparar, organizar e realizar o evento se baseia em um repertório de elementos recolhidos das formas rotineiras de sociabilidade. Não existe um motivo previamente definido que leve à sua realização.

Nas entrevistas com os donos das duas casas de festas, ambos disseram que não existe um objetivo, mas que as realizam por “saber que os moradores comparecem e se reúnem nestas festas pela satisfação de estarem juntos”. A minha participação nas duas festas possibilitou-me perceber que as festas são espaços onde acontecem relações sociais que agregam os moradores destas cidades de fronteira. Foi identificada uma sociabilidade que se traduz na associação prazerosa de dois povos vizinhos, que partilham o mesmo evento com a finalidade de uma maior aproximação.

O hábito de ouvir e dançar o forró e o *reggae* é fortemente cultivado pela população de Bonfim e Lethem. Nas festas pesquisadas o forró e o *reggae* estão presentes e compõem o repertório musical presente nas festas de ambas as cidades. Os seus participantes demonstram o conhecimento das letras das músicas, tanto de forró como do *reggae*, as cantam enquanto dançam. Na descrição das festas que fazem parte desta etnografia esta constatação está evidenciada. Festa de *reggae* em Lethem sem forró não existe, o mesmo acontece com a de forró em Bonfim, a presença do *reggae* é obrigatória. Por fazerem parte desta cultura de fronteira, os donos das casas de festas utilizam dessa prática cultural já incorporada nos hábitos dos habitantes desta fronteira como fator de atração de público, já que neste espaço fronteiriço as populações são compostas por indivíduos de ambos os países. e dividem e compartilham este mesmo espaço em forma de lazer. É um dos muitos elementos culturais que foram incorporados por ambos os povos desta fronteira e que se transformaram em amarras de união e de interação entre eles e que hoje, fazem parte da cultura de fronteira que este trabalho empírico buscava identificar. A comprovação desta afirmação está embasada pelos diálogos com os entrevistados, nomeadamente os moradores de Lethem, (refiro-me à entrevista que fiz com a Leesa, recepcionista da *Jags*, guianense, natural de Georgetown e reside em Lethem há dois anos). Quando perguntada se gostava de ouvir e de dançar o forró respondeu-me: “só vim a conhecer, ouvir e dançar o forró aqui em Lethem, lá na capital nunca ouvi, nem sabia que existia”.

Pode-se concluir por essa afirmação que o forró é uma prática cultural que faz parte da cultura guianense, somente nesta fronteira, assim como outros elementos de ambas as culturas tradicionais dos dois países, que são trocados e ao serem incorporados, fazem surgir uma nova cultura, específica somente desta área de fronteira.

Para reforçar ainda mais a influência do forró e a sua incorporação como fator de empréstimo cultural que provoca algo novo na cultura e no *reggae* nesta região de fronteira, é a mudança no seu modo de dançar. Segundo informações do gerente da *Jags*, só nesta região, é que o *reggae* é dançado continuamente com os pares agarrados, e essa mudança foi provocada pelo forró, que assim é dançado. Em seu trabalho *Danças e Festas nas regiões de fronteira*, Pereira (2011), já havia identificado que o forró fazia parte das músicas e danças nas festas de *reggae* em Lethem, o que não acontecia em outra região da Guiana.

Outras práticas e elementos culturais foram identificados nas duas festas. Fazem parte da etnografia que antecede estas considerações finais, mas de modo sintetizado passo a referir as que me pareceram mais evidentes e que ao serem incorporadas, fazem parte dessa nova forma cultural específica de fronteira: na gastronomia, foi identificado na festa de Bonfim, no preparo de vários alimentos para venda e consumo, a presença do “*curry*”, tempero principal da gastronomia de Lethem; a aceitação da cerveja guianense Banks e o consumo elevado de Rum, que é considerada como das principais bebidas guianenses; o tradicional café, tão do gosto e presente na cultura brasileira, ser substituído pelo chá com leite, hábito cultivado pelos moradores de Lethem.

De igual modo, nas festas de Lethem a presença dos tradicionais salgadinhos brasileiros (coxinhas de frango, pastéis de carne, bolinhas de queijo), do frango com batatas fritas, da cerveja brasileira Skin e Brahma e a aceitação e consumo do refrigerante brasileiro Guaraná. Em relação às influências na linguagem, várias foram as expressões utilizadas por ambos os povos desta fronteira, que demonstram a incorporação de palavras de um idioma no outro. É o caso dos termos “*my brothers*” e “*my friends*”, utilizados pelos bonfinenses, quando pretendem demonstrar uma amizade mais duradoura e conseqüentemente maior proximidade entre as famílias das duas cidades.

Sabemos que toda fronteira se caracteriza por ser uma zona de indefinição sociolinguística onde atuam duas ou mais línguas. Nesta região de fronteira, essa interação se produz a partir dos falantes da língua e da influência dos meios de comunicação, em particular o rádio e a televisão de um e de outro lado da fronteira. Em várias casas e estabelecimentos comerciais em Lethem, observa-se que predomina a influência do Brasil, com músicas populares brasileiras tocando constantemente, junto com o *reggae*. Também as pessoas que possuem televisão

tem acesso exclusivamente às emissoras do Brasil e, por satélite, aos canais americanos e britânicos (neste segundo caso, é reduzido o número de pessoas que tem esse acesso).

Práticas linguísticas produzem transformações na identidade cultural dos grupos sociais, pois geram transformações na base interpretativa desses povos pelas mudanças nos padrões culturais de interação e de interpretação do mundo. Assim, estas duas culturas, acabam adquirindo características próprias e com elas, dão origem à uma nova cultura, a cultura de fronteira.

A necessidade do aprendizado da língua do “vizinho” é um imperativo nesta fronteira. Não foi observada nas cidades pesquisadas, a oferta de cursos de português nem de inglês, indicando uma lacuna fundamental à integração cultural. A fim de ser ultrapassada esta lacuna, os moradores criaram um intercâmbio entre estudantes das duas cidades: alunos que frequentam a escola da sua cidade em um período e no outro, se deslocam para a outra cidade a fim de aprender a segunda língua, que é fundamental para a sua manutenção nesta fronteira devido à presença de familiares dos dois lados da fronteira internacional.

A fronteira é um limite sem limites. É conceito impregnado de mobilidade. Se a fronteira cultural é trânsito e passagem que ultrapassa os próprios limites que fixa, esta fronteira entre o Brasil e a Guiana proporciona o surgimento de algo novo e diferente que é possível pela situação da heterogeneidade cultural, pelo intenso contato, da mistura, da troca e dos empréstimos culturais: a cultura de fronteira.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. São Paulo: Editora 34, 1997.

AMARAL, Rita. **Festa “à brasileira”**: Sentidos do festejar no país que “não é sério”. São Paulo, 1998. Tese de Doutorado em Antropologia. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo-USP, 1998. Disponível em: www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/Ritaamaral-TeseDF.zip. Acesso em 12 dez 2012.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno e DINIZ, Alexandre M. A. **A embrionária rede urbana de Roraima**. Belo Horizonte: 2005.

_____. Boa Vista, Roraima: uma cidade média na fronteira setentrional do Brasil. In: **Cidades**: relações de poder e cultura urbana. Goiânia-Goiás: Editora Vieira, 2007.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera**: The new mestiza, San Francisco, USA: Aunt Lute, 1987.

ARCE, José M. V. Al otro lado de la línea. Representaciones socioculturales en lãs narrativas sobre la frontera México-Estados Unidos. **Revista Mexicana de Sociología**, México DF, v. 62, n.2, p.125-149, Abril-Junio.2000.

AUGIER, F.R. et al. **The making of the West Indies**. London: Longmans, Green, 1960.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAINES, Stephen. A fronteira Brasil-Guiana a partir de perspectivas dos índios Macuxi e Wapichana. In: ROCHA, Leandro Mendes (Org.). **Etnicidade e nação**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006, p. 85-97.

_____. G. **Os Índios Macuxi e Wapixana e suas relações com Estados Nacionais na fronteira Brasil-Guiana**. 51º Congresso Internacional de Americanistas. Santiago Chile. Julho, 1994.

BARBOSA, Reinaldo I. **A ocupação Humana em Roraima**: do Histórico colonial ao início do assentamento dirigido. Belém: Museu Emílio Goeldi, 1993.

BARROS, N. **Roraima, Paisagens e Tempo na Amazônia Setentrional**. Editora Universitária. Recife: UFPE, 1995.

BARROS, N. N. ***The Frontier Cycle: A Study of the Agricultural Frontier Settlement in the Southeast of Roraima, Brazil***. Working Paper 4, Department of Geography. University Of Durham, 1994.

BARTH, Fredrik. Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENAR, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BECKER, B. K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1990.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Cidade, Festa e Identidade em Tempo de Espetáculo. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves; GONÇALVES, Cláudio Ubiratan; NASCIMENTO Flávio Rodrigues do; ARRAIS, Tadeu Alencar. **Itinerários Geográficos**. Niterói: EdUFF, 2007.

BOURDIEU. Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUENO, Marielys. S. Lazer, Festa e Festejar. **Revista de Cultura e Turismo**. Santa Catarina, ano 02, n.2, jul. 2008.
Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo>. Acesso em: 5 jun.2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**-estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1987.

_____. **Diferentes, desiguales y desconectados**: mapas de La interculturalidade. Barcelona: Gedisa, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O turismo e a produção do não-lugar. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana F. A.; CRUZ, Rita de Cássia A. da (orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 2002.

CASCUDO, Luis Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 1972.

CENSUS SUMMARY GUYANA BUREAU OF STATISTICS, 2005. Disponível em: <http://www.statisticsguyana.gov.gy> Acesso em: 12 mar. 2013.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIANCA, Luciana. **A Festa do Interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2006.

CLIFFORD, James. **Itinerários transculturales**. Barcelona: Gedisa, 1997.

COSTA, W. M. Políticas territoriais brasileiras no contexto de integração sul-americana. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 25-41, jul/dez. 1999.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**. Rio de Janeiro, 1989.
Disponível em: [http://www.furb.br/site/arquivos/788660-650601/voce tem cultura.pdf](http://www.furb.br/site/arquivos/788660-650601/voce%20tem%20cultura.pdf).
Acesso em: 29.out.2013.

DALY, V.T. **A Short History of the Guyanese People**. London: Macmillan Education. 1975.

DESTRO, Márcio Antônio. **Soberania no Rio Branco e a Demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, 2006.

DI MÉO, Guy. **La Géographie en fête**. Paris: Ed. Geophrys, 2001.

DINIZ, A. M. A. **A dimensão qualitativa da mobilidade humana na fronteira agrícola de Roraima**. Cadernos de Geografia. v 13, n. 21, p. 44-59. Belo Horizonte: 2002.

DORO FILHO, Ivan Gomes. **Barreiras ao Desenvolvimento**: a expansão da fronteira agrícola na Amazônia brasileira e a demarcação de terras indígenas. Representações de índio e a territorialidade não indígena em Raposa Terra do Sol, Roraima. Rio de Janeiro: UFRJ, Egal, 2008.

DREYFUS, Dominique. **A vida do viajante**: a saga de Luis Gonzaga. 1996.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. Martins Fontes: São Paulo, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Trad. L.F Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FARAGE, Nadia. Instruções para o presente: Os brancos em práticas retóricas Wapishana. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs). **Pacificando o branco**: cosmologias do contato no norte-amazônico. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p.507-531.

_____. **As muralhas dos sertões**: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; ANPOCS, 1991.

FARRET, R. Especificidades das áreas urbanas de fronteiras. In: IARA, R. C.; KOCH, M. R.; OLIVEIRA, N.; SCHÄEFFER, N. O. & STROHAECKER, T. (org.) **Fronteiras na América Latina**: espaços em transformação. Porto Alegre: UFRGS/FEE, 1997.

FERNANDES NETO, P. **Caracterização da faixa de fronteira continental norte do Brasil**. UFRJ. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <http://www.acd.ufrj.br/fronteiras/pdf/p02mono01> Acesso em: 19 mar 2012.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Inventando carnavais**: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FRANÇA, Sebastião Fontineli. Processo de ocupação da Amazônia e suas estratégias de integração, desenvolvimento e segurança. **Revista Múltipla**. Ano X, n. 18. Jun. Brasília, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. 1. ed. 13. Reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **O Saber Local**: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, Istivan e

KANTOR, Íris (orgs.). **Festa**: cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2001.

GUBER, R. **La etnografía: método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

GUIA Turístico de Roraima: ecológico, histórico e cultural. Boa Vista/RR: 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2005.

_____. **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik (org.). Trad. Adelaine Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARTMANN, Luciana. “**Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento...**”. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Santa Catarina, 2004.

HOUSE, J. W. “**The frontier zone**: a conceptual problem for policy makers”. In: International Political Science Review, vol. 1, n° 4, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 03 maio 2012.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas no Brasil: 2006-2010. São Paulo: ISA, 2011.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico. A contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. **Ilha-Revista de Antropologia**, vol 8, n.1 e 2, 2008.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24 ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009.

LINHARES, Erick. Cavalcanti. **A política externa da Terra dos Seis Povos**: a República Cooperativa da Guiana. Curitiba: Juruá, 2013.

LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: BNB. **Migração Interna: textos selecionados**. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1978.

LIGIÉRO, Z. Performances Procissionais Afro-Brasileiras. In: **O Percevejo**, Revista de Teatro, crítica e estética. Estudos da Performance. Programa de Pós-Graduação em Teatro da UNIRIO: Departamento de Teoria do Teatro, 2003.

LUGO, Alejandro. Reflexiones sobre la teoría de la frontera, la cultura y la nación. In: MICHAELSEN, Scott; JOHNSON, David E. (comp.). **Teoría de la frontera: los límites de la política cultural**. Traducción de Gabriela Ventureira. Buenos Aires: Gedisa. 2003.

MACMILLAN, G. **At the End of the Rainbow? Gold, Land and People in the Brazilian Amazon**. London: Earthscan Publications Ltd, 1995.

MACHADO, L. O. **Sistemas, Fronteiras e Território**. UFRJ, 2002.

MARTINS, Rui Cunha. Fronteira, referencialidade e visibilidade. In: **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS. Edição Especial, n.1,p.7-19, 2000.

MASSAGLI, S. R. **Homem da multidão e flâneur no conto:**”o homem da multidão” de Edgar Poe. Terra Roxa e outras Terras. Revista de Estudos Literários. v.12, jun.2008, p.55-65. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g.pdf>> Acesso em: 29 set. 2012.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: MAUSS. **Sociologia e Antropologia**. Vol. II. Tradução de Mauro W. B. de Almeida. São Paulo, EPU, 1974.

MCGOWAN, W. **Walter Rodney Lecture Series: The Atlantic Slave Trade, Slavery and the Demographic History of Guyana**. Department of Social Studies, School of Education and Humanities, University of Guyana. Turkeyen, Guyana, 2006.

MEIRA MATTOS, Carlos. **Brasil Geopolítica e destino**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

MILLS, C. W. “Do artesanato intelectual”. In: **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar,1982, p.211-243.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: SENAC, 2010.

MULLER, Karla Maria. Práticas comunicacionais em espaços de fronteira: os casos do Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai. In: MARTINS, Maria Helena. (Org.). **Fronteiras Culturais**. Brasil-Uruguai-Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

NEVES E SOUSA, Albano. **Angolano fado e castigo**. Baía: Sextante Editora, 1979.

NOLASCO, Margarita. Las Identidades Nacionales em las fronteras. In: ARIPEZ, Lourdes e GORTARI, Ludka (orgs.). **Repensar La nación**: fronteras, etnias y soberanía México: CIESA Cuadernos de La Casa Chata, n 174, 1990.

OLIVEIRA, C. D. M. Dinâmicas das Festas Populares: Sagradas, Profanas e Turísticas. **Anais...** II Colóquio Nacional do NEER. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações. Salvador, 5 A 7 de dezembro de 2007.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Entrando e Saindo da “Mistura”**: os índios nos censos nacionais. (Ensaio em Antropologia Histórica). Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Departamento de Antropologia. Rio de Janeiro, RJ: 1999.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. A presença holandesa na Amazônia caribenha entre os séculos XVI e XVII: da costa selvagem ao rio Branco. In: _____; IFILL, Mellissa. **Dos caminhos históricos aos processos culturais entre Brasil e Guyana**. Boa Vista: EDUFRR, 2011, p. 19-43.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. Introdução. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso; BAINES, Stephen G. (org). **Nacionalidade e etnicidade em fronteiras**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais. Conceitos Básicos, Definições e Mensuração da Migração Interna: excertos do Manual VI da ONU. In: BNB. ETENE. **Migração interna**: textos selecionados. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PEREIRA, Mariana Cunha. **A ponte imaginária: o trânsito interétnico na fronteira Brasil-Guiana**. Tese. CEPPAC, UnB, Brasília/DF 2005.

_____. Processos migratórios na fronteira Brasil-Guiana. In: **Estudos Avançados**.v. 20, n.57, p.209-219, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?scripto>
Acesso em: 23 mar.2012.

_____. Danças e festas nas regiões de fronteira-La diablada, o forró, o reggae e a parixara: cultura e patrimônio imaterial nas fronteiras Argentina-Bolívia e Brasil-Guiana. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (Des) Igualdades. UFBA. **Anais...** Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares> > Acesso em: 07 maio.2012.

PEREZ, L F; AMARAL,L; MESQUITA, W. (Orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena. (Org.). **Fronteiras Culturais**. Brasil-Uruguai-Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: BNB. ETENE. **Migração interna: textos selecionados**. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980.

RIVIÉRE, Peter. **O indivíduo e a sociedade na Guiana**. São Paulo: Edusp, 2001.

RODRIGUES, F S. Migração transfronteiriça na Venezuela. In: **Estudos Avançados**, ISSN 0103-401/estud. Av. vol. 20 no.57 são Paulo May/Aug. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200015>. Acesso em: 03 maio.2012.

RORAIMA. **Revista Integração**. Venezuela/Brasil/Guiana. Boa Vista-RR.n.2. ago.1991.

SANTILLI, Paulo. Trabalho escravo e brancos canibais: uma narrativa histórico Macuxi. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p.487-505.

_____. **As fronteiras da República:** história e política entre os Macuxi no vale do rio Branco. São Paulo: NHII-USP/FAPESP, 1994.

_____. **Os Macuxi:** história e política no século XX. Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais. Campinas, 1989, p.162.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira **Tempo Social**. Rev. Sociologia. USP, S. Paulo: 5 (1-2). 1993. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/tempo-social/site/images/stories/edicoes/v0512/Modernidade>. > Acesso em 03 jan. 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 1997.

SAYAD, A. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DE RORAIMA. – RR. **Informações socioeconômicas do município de Bonfim 2012**. 2ª Edição. Boa Vista: CGEES/SEPLAN, 2012. p.61.

SILVA, C. A. B. **A Revolta do Rupununi:** uma etnografia possível. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Campinas, 2005. 267 f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, Carlos B. R.da. **Da Terra das Primaveras à Ilha do Amor:** *Reggae*, Lazer e Identidade Cultural. São Luís: Edufma, 1995.

SILVA, Tomaz. T. da; HALL Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: BNB. ETENE. **Migração interna:** textos selecionados. 1 t. Fortaleza: ETENE, 1980.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. **Os recados das festas:** representações e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Funarte/ instituto nacional do folclore, 1998.

TURNER, V. **O processo ritual:** estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

URIARTE, Luis. **La codosera: culturas de frontera e frontera culturales.** Mérida: Asablea de Extremadura, 1994.

VALCUENDE, José M. **Fronteras, territórios e identificaciones colectivas.** Sevilla: Fundación Blas Infante, 1998.

VIEIRA, Jaci Guilherme. Missionários, **Fazendeiros e Índios em Roraima:** a disputa pela terra-1777 a 1980. Tese (Doutorado em História). UFPE, Recife, 2003.

WILLIAMS, D. ***Prehistoric Guiana. Ian Randle Publishers. Government of Guyana,*** 2003.

WONG-GONZALES, P. ***Alianzas estratégicas de Regiones transfronteirizas: cooperación y conflicto em La frontera. USA-MEXICO.*** Assunción: CADEP, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1 - CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA PESQUISA

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Venho, por meio deste, apresentar o discente do Programa da Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras, nível mestrado, Sr. **ANTONIO VAZ DE MENESES** e que se encontra em fase de desenvolvimento do seu projeto de Dissertação intitulado “Cultura de fronteira Brasil Guiana: festas”, cujo objetivo é investigar a constituição de uma cultura de fronteira através das festas de Reggae e Forró que acontecem entre os habitantes das cidades de Bonfim (Brasil) e Lethem (Guiana).

Neste sentido, gostaria de solicitar vosso apoio no que concerne a disponibilização de informações necessárias para o bom desenvolvimento da referida pesquisa, bem como quaisquer outras formas de apoio que estiverem ao vosso alcance.

Certa de contar com vosso apoio agradeço antecipadamente e coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Boa Vista-RR, 14 de agosto de 2013

Profa. Dra. Maria Luiza Rodrigues
Vice Coordenadora do PPGSOF

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, da pesquisa intitulada “**CULTURA DE FRONTEIRA BRASIL GUIANA: FESTAS**”, que está sendo realizada por mim, **Antonio Vaz de Meneses**, estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras (PPGSOF), da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações a seguir que informam sobre as ações da pessoa participante. Compreendo que é importante contar a minha experiência cultural e identitária na fronteira Brasil/Guiana. Sei que essa pesquisa poderá contribuir para um maior conhecimento sobre a realidade cultural que ocorre nessa fronteira internacional. Compreendo que em qualquer fase da pesquisa seus sujeitos correm o risco de sofrerem danos à dimensão moral, social ou cultural. Compreendo ainda que esta pesquisa não corresponde aos interesses pessoais e que seus interlocutores não receberão nenhuma remuneração pelas informações que vierem a prestar. Direi apenas o que julgar necessário e importante para os estudos do pesquisador e quando não quiser dizer alguma coisa, terei a liberdade de interromper a conversa quando quiser. Estou ciente de que as entrevistas serão gravadas e que serão capturadas imagens dos participantes. No entanto estou seguro de que serão utilizadas somente as imagens que os participantes autorizarem o uso. Estou seguro também de que o pesquisador manterá as respostas em sigilo em relação ao nome do informante. Caso precise de algum esclarecimento ou quiser saber como anda a pesquisa, poderei entrar em contato com o pesquisador Antonio Vaz de Meneses, a qualquer hora, pelos telefones (95)xx e também poderei obter informações junto ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) – localizado no seguinte endereço: Universidade Federal de Roraima Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413. Bairro Aeroporto, CEP 69310-00, Boa Vista/RR/ Telefone (95)xx ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da Universidade Federal de Roraima. Este documento é emitido em duas vias, sendo assinadas pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa, ficando uma via com cada um.

Bonfim/Lethem, _____ de _____ de 2013

Assinatura do pesquisador

Assinatura do (a) entrevistado (a)

ANEXO 3 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu, _____, portador do documento de identidade nº _____, depois de conhecer e entender os riscos e benefícios da pesquisa especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador **Antonio Vaz de Meneses** do projeto de pesquisa intitulado “**Cultura de fronteira Brasil Guiana: festas**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento para fins científicos e de estudos, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Este documento é emitido em duas vias, sendo assinadas pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa, ficando uma via com cada um.

Bonfim/Lethem, ____ de _____ de 2013

Assinatura do pesquisador

Assinatura do (a) entrevistado (a)